

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROBERTO RAFAEL DIAS DA SILVA

**UNIVERSITÁRIOS S/A:
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NAS TRAMAS DE VESTIBULAR/ZH**

São Leopoldo
2008

ROBERTO RAFAEL DIAS DA SILVA

**UNIVERSITÁRIOS S/A:
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NAS TRAMAS DE VESTIBULAR/ZH**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Elí Terezinha Henn Fabris

São Leopoldo
2008

Ficha Catalográfica

S586u Silva, Roberto Rafael Dias da
Universitário S/A: estudantes universitários nas tramas de
Vestibular/ZH. / por Roberto Rafael Dias da Silva. – 2008.
166f. : il. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.
“Orientação: Prof^a. Dr^a. Eli Terezinha Henn Fabris, Ciências
Humanas”.

1. Ensino superior – Vestibular. 2. Estudante – Universitário.
3. Vestibular – Mídia. 4. Vestibular – Jornal – Zero Hora. 5.
Governamentalidade neoliberal I. Título.

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Camila Rodrigues Quaresma - CRB 10/1790

Por muitos caminhos diferentes e de múltiplos modos cheguei eu à minha verdade; não por uma única escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por caminhos, - isso ao meu ver, sempre repugna! Preferiria perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. Um ensaiar e perguntar foi todo meu caminhar - e, na verdade também tem-se de aprender a responder a tal perguntar! Este é o meu gosto: não um bom gosto, não um mau gosto, mas meu gosto, do qual já não me envergonho, nem o escondo. “Este - é meu caminho - onde está o vosso?”, assim respondia aos que me perguntavam “pelo caminho”. O caminho, na verdade, não existe! (NIETZSCHE, 1999, p. 272)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UNISINOS e, especialmente, ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela acolhida e pela oportunidade que me foram dadas.

Agradeço à CAPES pela viabilização financeira para a produção desta dissertação.

Agradeço aos professores e às professoras do PPGEDu de quem tive o privilégio de ter sido aluno. Faço uma menção especial às professoras Dr^a. Maura Corcini Lopes e Dr^a. Gelsa Knijnik pelos produtivos incentivos e pelas intensas contribuições teóricas.

Agradeço à equipe da Secretaria do PPGEDu, pelo trabalho incansável e eficiente da Saionara e da Loinir.

Agradeço à professora Dr^a. Elí Terezinha Henn Fabris não somente por ter me recebido como orientando e ter valorizado meu trabalho, como também pelos seus exemplos de rigorosidade e dedicação acadêmica, sem perder a dimensão afetiva.

Agradeço aos colegas do grupo de orientação pelas leituras atentas, pelas experiências compartilhadas e pelas amizades constituídas.

Agradeço aos familiares e amigos pelo apoio e pelo estímulo que me ofereceram para que continuasse fazendo aquilo de que sempre gostei: estudar.

Agradeço ao meu irmão, Rodrigo Dias da Silva, pelo nosso compartilhamento de metas, idéias e afetos.

Agradeço à Alessandra Corrêa pelo tempo de convivência, seu apoio, sua companhia constante e sua aceitação amorosa de meus esforços nesta iniciante caminhada acadêmica.

RESUMO

A presente dissertação apresenta um estudo sobre os modos de constituição de sujeitos universitários na contemporaneidade, tendo por objetivo problematizar os modos como as condutas desses sujeitos são conduzidas por uma multiplicidade de estratégias e de táticas que potencializam uma governamentalidade neoliberal. Para realizar tal trabalho, tomou-se como material de pesquisa um conjunto de 20 capas do caderno Vestibular/ZH, suplemento publicado semanalmente pelo jornal *Zero Hora* (jornal de maior circulação no Estado do Rio Grande do Sul) e dirigido aos estudantes em processo preparatório para o ingresso na universidade.

A dissertação toma como ferramentas analíticas os conceitos de discurso e de governamentalidade, produzidos a partir das teorizações do filósofo Michel Foucault. Aponta-se que as modificações nas configurações culturais da contemporaneidade têm produzido sujeitos universitários com características específicas. As modificações no mundo do trabalho, as novas racionalidades governamentais, com a emergência do neoliberalismo, e a centralidade da mídia na produção das subjetividades são algumas das condições de possibilidade para a emergência desses sujeitos.

Analiticamente, este texto encaminha-se para mostrar que o caderno Vestibular/ZH integra uma das redes discursivas que potencializam um estado de governamentalidade neoliberal. O suplemento colocado em análise é produtivo em táticas e em estratégias que tendem a constituir um sujeito universitário produtivo economicamente, capaz de gerir sua vida pessoal e profissional em uma lógica empresarial, uma lógica de mercado – ou, ainda, o sujeito é interpelado a produzir-se em uma cultura de empresa: Universitário S/A!

PALAVRAS-CHAVE: estudantes universitários, governamentalidade neoliberal, mídia, Vestibular/ZH.

ABSTRACT

This dissertation presents a study on the modes of constitution of university subjects in contemporaneity, aiming at problematizing the ways through which conducts of those subjects have been conducted by multiple strategies and tactics that leverage neo-liberal governmentality. The research material consisted of 20 front covers of Vestibular/ZH, a weekly supplement of *Zero Hora* (the newspaper with the largest circulation in Rio Grande do Sul) directed towards students preparing to start a university course.

The concepts of discourse and governmentality have been taken as analysis tools, both stemming from theorizations of Michel Foucault. Changes in cultural configurations in contemporaneity have produced university subjects with specific characteristics. Changes occurred in the work world, new governmental rationalities, with the emergence of neo-liberalism, and the centrality of media in the production of subjectivities, have been some of the possibility conditions for the emergence of those subjects.

Analytically, this text has shown that Vestibular/ZH takes part in one of the discursive networks that have leveraged a state of neo-liberal governmentality. Vestibular/ZH has been productive in tactics and strategies that tend to constitute university subjects that are economically productive, able to manage their personal and professional lives according to an entrepreneurial, market logic – that is, subjects have been incited to produce themselves in a business culture: University Student, Inc.!

Key words: university students, neo-liberal governmentality, media, Vestibular/ZH.

LISTA DE FIGURAS

Figuras – Número e descrição	Página
Figura 1 – Vestibular/ZH, 30 de março de 2006, nº. 515	106
Figura 2 – Vestibular/ZH, 10 de janeiro de 2007, nº. 535	109
Figura 3 – Vestibular/ZH, 27 de junho de 2007, nº. 559	111
Figura 4 – Vestibular/ZH, 03 de janeiro de 2007, nº. 533	113
Figura 5 – Vestibular/ZH, 14 de fevereiro de 2007, nº. 540	120
Figura 6 – Vestibular/ZH, 11 de julho de 2007, nº. 561	124
Figura 7 – Vestibular/ZH, 18 de julho de 2007, nº. 562	134
Figura 8 – Vestibular/ZH, 11 de abril de 2007, nº. 548	139
Figura 9 – Vestibular/ZH, 17 de janeiro de 2007, nº. 536	143
Figura 10 – Vestibular/ZH, 30 de maio de 2007, nº. 555	144
Figura 11 – Vestibular/ZH, 01 de agosto de 2007, nº. 564.....	147

SUMÁRIO

EDITORIAL: Ensaio de uma dissertação.....	11
--	-----------

PARTE 1: CONSTRUINDO UMA PAUTA

1. Minha invenção como pesquisador: algumas notas.....	20
1.1. Itinerários.....	22
1.2. Interrogações.....	25
1.3. Incertezas.....	27
2. O estudante universitário na cultura.....	31
2.1. Das universidades.....	32
2.2. Dos jornais.....	37
2.3. De jornais e universitários.....	38

PARTE 2: NA REDAÇÃO...

3. Interrogações ao presente: pesquisa nas exterioridades.....	47
3.1. Possibilidades investigativas	50
3.2. Pluralizando olhares.....	55
3.3. Estratégias analíticas: constituindo um problema.....	59
3.4. Dos modos de pesquisar	63
4. Mídias e governamentalidade neoliberal: leituras do contemporâneo.....	73
4.1. O neoliberalismo como um regime de práticas	78
4.2. Novas configurações do mundo do trabalho	82
4.3. Mídias e governamentalidade no novo capitalismo.....	87

PARTE 3: DAS NOTÍCIAS E SEUS PÚBLICOS

5. Universitários S/A: as estratégias.....	95
5.1. Para a conquista, não há limites.....	97
5.2. Gerencie seus talentos!.....	102
5.3. O mercado quer os bons!.....	107
5.4. Aprenda a ser empregável!.....	114
5.5. O mundo está em suas mãos.....	117
5.6. Universitários S/A: o jogo do liberalismo contemporâneo.....	125
6. Da gestão das condutas e suas táticas.....	129
6.1. Gestão dos corpos: um universitário de sucesso.....	131
6.2. Gestão dos tempos: um universitário flexível.....	136
6.3. Gestão das carreiras: um universitário em auto formação permanente.....	141
6.4. Gestão das mentes: um universitário conectado.....	145
ÚLTIMA PÁGINA: A pesquisa como contraconduta.....	151
REFERÊNCIAS.....	159

EDITORIAL: ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO

As teorizações foucaultianas do final da década de 1970 ampliaram as possibilidades analíticas acerca das relações de poder da contemporaneidade. Ao tomar as relações entre o sujeito e a governamentalidade como centrais em sua produção, Michel Foucault provoca-nos a pensar como nos tornamos sujeitos e, em especial, mostra-nos os modos pelos quais nossas condutas foram sendo conduzidas ao longo da história. Nessa perspectiva, o sujeito pode ser entendido de lugares diferentes daqueles produzidos pelas teorizações clássicas. Abandona-se a idéia de um sujeito preexistente e universal, para operar nas tramas de sua constituição. Para tanto, torna-se importante um modo de pensar crítico, entendido como “uma verificação constante” (FOUCAULT, 1995, p. 232). Nessa atitude, o que passa a interessar são as “necessidades conceituais” e a caracterização do “tipo de realidade com a qual estamos lidando” (idem, p. 233).

Ao produzirem-se alguns entendimentos acerca dos modos de constituição dos sujeitos, emerge com bastante força das teorizações foucaultianas a noção de governo. Talvez pudéssemos afirmar, seguindo as orientações do próprio Foucault, que as relações entre sujeito e governo sejam o centro analítico de sua produção. Supondo que governar não é o mesmo que reinar ou comandar, nem é algo aprisionado a um sujeito ou função, podemos pensar em constituir uma analítica dessas relações, visto que “o governo consubstancia uma certa forma de atingir fins políticos, mas que é descrita pela ação calculada sobre as forças, as atividades e as relações que constituem o conjunto da população” (Ó, 2003, p. 29). Dito de outra forma, estuda-se a

governamentalidade a partir das exterioridades, procurando deslocar-se das instituições, das funções sociais e do privilégio dos objetos (FOUCAULT, 2008).

A produção desta dissertação de mestrado é derivada de uma pesquisa que tomou como questão investigativa os modos pelos quais os sujeitos universitários são constituídos na contemporaneidade, tendo como preferência analítica os regimes de práticas que emergem das capas dos cadernos Vestibular/ZH, suplemento publicado semanalmente pelo jornal *Zero Hora* (RS), endereçado aos estudantes que aspiram ao ingresso na universidade. Do ponto de vista metodológico, em um primeiro momento, partiu-se de uma leitura dos enunciados que irrompem das tramas enunciativas do material. A leitura dos enunciados primava por uma compreensão desses materiais como *monumentos* (FOUCAULT, 2007) que poderiam ser lidos em seu volume e em sua exterioridade. Em um segundo movimento investigativo, a leitura das exterioridades fez-me buscar tornar visíveis os regimes de práticas que conduzem as condutas dos sujeitos a quem os materiais se destinam, uma vez que tal inspiração se trata “de um estudo das práticas organizadas através das quais somos governados e governamos a nós mesmos, o que chamaremos aqui de regimes de práticas ou regimes de governo” (DEAN, 1999, p. 18).

Objetivamente, para fins desta investigação, fui instigado a problematizar os modos como esses sujeitos universitários são constituídos nas tramas enunciativas que se movimentam por entre as capas do caderno Vestibular/ZH. Ao propor-se a ensinar modos de ser, viver, estudar e trabalhar como um universitário, Vestibular/ZH institui práticas que regulam o campo de ação desses sujeitos e tende a colocá-los em posições estabelecidas, marcadas por um cenário em que talvez se experiencie a emergência de uma reconfiguração das sociedades disciplinares (FOUCAULT, 2007a) ou, talvez, mais enfaticamente, pelas condições de uma sociedade de controle (DELEUZE, 2007). Parto da perspectiva de que os tempos contemporâneos são marcados pelas novas nuances do liberalismo, em suas amplas potencialidades de governar. Na contemporaneidade, temos visto uma reconfiguração das práticas liberais, emergindo, desde meados do século XX, um neoliberalismo em

diferentes versões. Assim, entendo esse neoliberalismo não articulado a uma filosofia política ou a uma tendência no campo da economia, mas, de uma perspectiva foucaultiana, como “um refinamento da arte de governar, em que o governo, para ser mais econômico, torna-se mais delicado e sutil, de modo que, ‘para governar mais, é preciso governar menos’” (VEIGA-NETO, 2000, p. 186). Com isso, pretendo operar com a perspectiva de que a constituição de um sujeito universitário na contemporaneidade ocorre a partir de múltiplas mediações de mídias, neste caso, o caderno Vestibular/ZH, pois entendo que a mídia faz parte da rede discursiva que sustenta e coloca em circulação estratégias de governamentalidade, isto é, dispara ações que potencializam a ação do Estado.

Ao operar com o conceito de governamentalidade, não quero argumentar que ocorram ações verticais sobre as subjetividades dos sujeitos universitários. Antes disso, tomando os cadernos Vestibular/ZH como materialidade investigativa, desafio-me a olhar para esses materiais e interrogar o presente, ou melhor, as condições que fazem com que seus enunciados se façam problemáticos neste tempo. Logo, não tento buscar o que Vestibular/ZH postula aos seus leitores, nem, conseqüentemente, marcar um lugar de crítica a uma nefasta indústria cultural, tal como postulariam os entendimentos de outras teorizações. Apenas tomo esse produto da mídia contemporânea como espaço enunciativo no qual se multiplicam enunciados acerca do constituir-se universitário nas tramas do contemporâneo.

A investigação aqui relatada apresenta estreitas conexões com minhas experiências pessoais, especialmente o processo preparatório que vivenciei para a universidade, com minhas experiências profissionais na coordenação pedagógica do Ensino Médio de uma escola pública estadual, com as experiências acadêmicas que tive na licenciatura em Pedagogia e com os estudos que desenvolvo neste Programa de Pós-Graduação em Educação. Além disso, preciso considerar que as leituras que iniciei no curso de Pedagogia acerca das múltiplas aproximações entre o currículo e as mídias

contemporâneas, juntamente com as teorizações pós-modernas e pós-estruturalistas, em especial, os escritos do filósofo francês Michel Foucault, já no curso de Mestrado em Educação, colaboraram para que constituísse um olhar mais atento para os materiais que ora considero, provocando e sendo provocado pelas incertezas e inquietações permanentes desses modos de investigar o presente em sua produtividade e descontinuidade.

Organizei o presente texto em três partes, cada uma delas organizada em duas seções. Nomeei cada uma das partes sob inspiração das etapas de editoração de um jornal. Lustosa (1996) aponta que existiriam três momentos na produção de um jornal. Um primeiro, caracterizado pela decisão editorial, onde a pauta do jornal é construída em face das condições e dos interesses de um determinado contexto (tempo e espaço); um segundo momento, marcado pela produção da mensagem e dos seus sentidos como notícia; e um terceiro momento, marcado pela circulação e distribuição desses materiais. Logo, na organização desta dissertação, a primeira parte remete à constituição de uma pauta; a segunda, a um processo de redação; e a terceira, à formação de um público (LUSTOSA, 1996, p. 85).

Resguardando o rigor e a relevância desta etapa de investigação, tentei compor esta proposição investigativa de forma que cada breve seção pudesse ser lida pelos seus possíveis leitores de forma aleatória e não-seqüenciada, de maneira que cada movimentação analítica constitua-se como algo móvel e, ao mesmo tempo, produtivo. Pensei a organização deste texto de forma que seus eventuais leitores possam realizar múltiplas entradas no texto, mas sem que isso aponte para uma desconexão ou uma falta de cuidado analítico. Para tanto, tomei as palavras de Jorge Larrosa (1998) como uma sutil inspiração, quando o autor se refere ao endereçamento da escrita.

Na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da leitura, o importante não é o que nós pensamos do texto, mas o que com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós somos capazes de pensar (LARROSA, 1998, p. 177).

Com isso, entendo que as produções destes escritos podem catalisar efeitos em seus possíveis leitores, assim como impulsioná-los a pensar algo sobre/contra/a partir destas sistematizações. Gostaria, enfim, que cada etapa deste texto fosse vista como uma movimentação analítica, e não como um capítulo. Creio que produzimos nossos textos por fluxos e intensidades e que a idéia de *movimentos de análise* melhor se aproxima dessa configuração. Esse posicionamento apresenta a possibilidade de que o pensar também seja da ordem do estilo e da *performance*, não sendo remetido a uma interioridade psicológica ou a qualquer paisagem idealizada. Quero dizer com isso que não faço do pensar algo descolado da materialidade histórica, um possível platonismo, mas o tomo como um exercício deste mundo e, como tal, comprometido com ele.

A primeira parte, “Construindo uma pauta”, apresenta os modos pelos quais a pauta desta dissertação foi sendo fabricada, seja no nível da experiência do pesquisador, seja no campo teórico. Na primeira movimentação analítica, “Minha invenção como pesquisador: algumas notas”, apresento os itinerários, as interrogações e as incertezas pelos quais fui sendo conduzido na produção destas investigações, as perguntas que me acompanharam ao aproximar-me dos referenciais teóricos e do contato com os cadernos pesquisados, bem como as instabilidades que nos constituem como pesquisadores na contemporaneidade. Não pretendo buscar um ponto primordial para estas investigações, assim como tento evitar a constituição de um relato autobiográfico. Parto da noção de “trama” (VEYNE, 1995) como metáfora mobilizadora destas primeiras análises.

Em “O estudante universitário na cultura”, procuro mapear os espaços analíticos em que minha pesquisa busca inserir-se, dialogando com a recente produção no campo das pesquisas em educação e tendo um olhar mais atento àquelas produções que examinam os estudantes universitários em suas interfaces com as políticas e as pedagogias a eles dirigidas. Ao historicizar as noções de estudante universitário, procuro marcar rápidas perspectivas acerca

das mudanças culturais contemporâneas, em especial, os deslocamentos da produção jornalística, sobretudo aqueles tópicos ligados à pulverização das estratégias jornalísticas nos anos 1990. Evidencio como as práticas jornalísticas têm sido atravessadas pelas condições culturais de outra configuração do capitalismo, o que tem possibilitado novas estratégias de governamento das populações.

Na segunda parte desta dissertação, parto da idéia de uma sala de redação como metáfora organizadora. Nessa parte, procuro mapear os modos pelos quais esta investigação foi sendo constituída, seja na primeira seção, quando apresento algumas estratégias analíticas postas em movimentação, seja na segunda seção, mostrando a constituição de uma agenda teórica.

Na primeira movimentação analítica, “Interrogações ao presente: pesquisa nas exterioridades”, examino o caderno Vestibular/ZH em suas possibilidades investigativas. Procuro mostrar a apresentação editorial do material, apresento minhas questões de pesquisa e as hipóteses provisórias que emergem das operações com o material. Torno visíveis algumas ferramentas teóricas que operacionalizam esta investigação, especialmente as conexões entre mídias e as culturas na contemporaneidade. Descrevo minhas escolhas teóricas, assim como narro os percursos metodológicos que foram percorridos na constituição desta analítica.

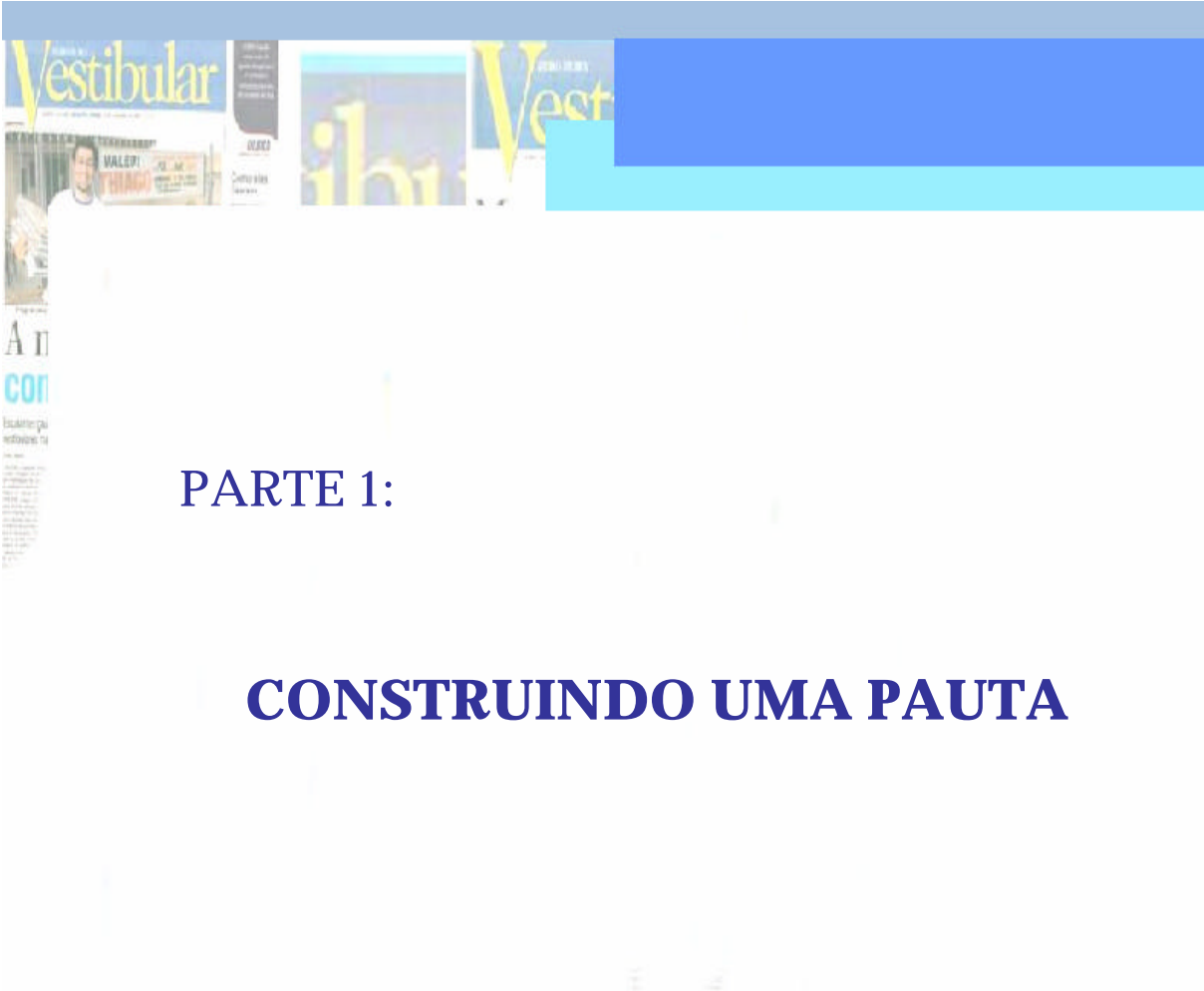
Em outra seção, “Mídias e governamentalidade neoliberal: leituras do contemporâneo”, procuro mostrar algumas das condições de possibilidade para a produção desta investigação. Mostro como, na cultura do novo capitalismo (SENNETT, 2006), onde o poder se movimenta sob a égide do Império (HARDT; NEGRI, 2002), a produção das subjetividades nas mídias contemporâneas dá-se através da formação de públicos (LAZZARATO, 2006). Acerca dessa agenda teórica, faço uma ressalva: ao fazer esse jogo de relações, não pretendi esgotar possibilidades, nem mesmo dizer que essas teorizações são únicas, universais ou incondicionais. Mantenho-me, interessadamente, no campo do provisório e do contingente, o que leva (inevitavelmente) minhas

opções para um caráter arbitrário.

A terceira parte desta dissertação é organizada a partir da metáfora da formação de público – a parte final e, ao mesmo tempo, mais sutil do processo jornalístico. Ao mostrar como Vestibular/ZH constitui um público e com isso regula seu campo de ação, também procuro nestas análises mover-me ao encontro de um público. Na primeira movimentação analítica desta parte, “Universitários S/A: as estratégias”, apresento as primeiras análises desenvolvidas a partir da leitura da exterioridade de Vestibular/ZH. Mostro, nesse primeiro momento, cinco estratégias emergentes desse material, procurando apontar suas possíveis ressonâncias na constituição de sujeitos estudantes universitários. O estar na universidade como uma conquista, a vocação como condição para o sucesso, a formação profissional permanente, a empregabilidade como modo de manter-se ativo no mercado e a responsabilidade social são as estratégias a que nesse momento darei visibilidade. De imediato, pontuo que esse sujeito universitário constituído nas paisagens do liberalismo contemporâneo tende a ser caracterizado pelo seu auto-interesse e pelo seu grau de utilidade econômica (PETERS, 2002). Dessa forma, onde certa “cultura de empresa” tem permeado os discursos pedagógicos, talvez esteja emergindo uma idéia de universitário gestor de si mesmo ou, mais especificamente, um “empresário de si” (PETERS, 2002).

Na segunda seção dessa parte, “Da gestão das condutas e suas táticas”, apresento algumas das táticas mobilizadas por Vestibular/ZH na condução das condutas de seu público. Procuro mostrar como operam essas mídias na gestão do corpo, na gestão do tempo, na gestão das carreiras e na gestão das mentes dos sujeitos universitários. Tenho entendido que a multiplicidade dessas táticas, ao mobilizarem a efetivação de algumas estratégias, coloca em movimentação uma governamentalidade neoliberal. Adaptar-se a um novo ritmo, partindo-se das perspectivas dessa gestão, apresenta-se como um imperativo de vida que produz muito mais do que gestionar um tempo ou um corpo, movimentando-se no campo de aproximar as subjetividades de um público (LAZZARATO, 2006).

No limite, esta dissertação tenta mostrar alguns dos modos pelos quais o caderno Vestibular/ZH, como uma mídia contemporânea, opera na constituição de sujeitos universitários. Para isso, parti do entendimento de que esse material integra uma das redes discursivas que potencializam um estado de governamentalidade neoliberal. Entendo que, neste cenário em que emerge uma cultura do novo capitalismo (SENNETT, 2006) e as práticas de governo podem estar articuladas com a constituição de públicos (LAZZARATO, 2006), o suplemento colocado em análise é produtivo em táticas e em estratégias que tendem a constituir um sujeito universitário produtivo economicamente, capaz de gerir sua vida pessoal e profissional em uma lógica empresarial, uma lógica de mercado – ou, ainda, o sujeito é interpelado a produzir-se em uma cultura de empresa: Universitário S/A! Para finalizar, ainda lanço algumas outras/novas interrogações que passam a inquietar-me diante da produtividade de minhas investigações, procurando deixar-me aberto e seduzido aos novos desafios que emergirão ao prosseguir as tramas de minha constituição como pesquisador.



PARTE 1:

CONSTRUINDO UMA PAUTA

1. MINHA INVENÇÃO COMO PESQUISADOR: ALGUMAS NOTAS

Compreender a história não consiste, pois, em saber discernir grandes correntes submarinas por baixo da agitação superficial: a história não tem profundezas (VEYNE, 1995, p. 59-60).

Para a primeira parte desta dissertação, movimento-me inspirado nas noções de história de Paul Veyne (1995). Posiciono-me em um entendimento de história que, tal como a epígrafe, se move em uma “agitação superficial” e, dessa forma, tenta não buscar as profundezas da história: suas causas, seus fatos ou suas conseqüências. Dessa perspectiva, o trabalho do investigador aproxima-se da escolha de uma trama a ser narrada, pois “a distinção de causas, de fins e de acasos é uma abstração” (idem, p. 55).

Com essa noção de história, é possível narrar as multiplicidades cotidianas, seus inúmeros acontecimentos, ou mesmo sua multiplicidade de documentos, sem a preocupação de sentidos últimos ou estruturas subjacentes. “A história não é uma construção disposta em andares em que a base material e econômica sustentaria um andar térreo social, no qual se sobreporiam superestruturas de destino cultural” (idem, p. 55). Segundo Veyne, a própria existência da vida cotidiana, em suas várias tramas, daria condições de possibilidade para que a história fosse movimentada.

Reconhecendo que uma multiplicidade discursiva me trouxe a este lugar neste momento, pontuo suas potencialidades, na medida em que foram elas que me conduziram a esses deslocamentos e operações analíticas. Mesmo assim, não posso deixar de reconhecer que me responsabilizo pelas escritas que neste instante coloco em circulação. Desse modo, tomo como

desafio a possibilidade de tornar visíveis as incertezas, as interrogações e os itinerários a que fui conduzido na escrita desta dissertação, sendo lançado por eles a posições ainda não conhecidas, múltiplas e instáveis. Gostaria, enfim, que esta escrita, fosse

[...] uma escrita descontínua, que não se percebesse como sendo uma escrita, que se servisse do papel em branco, ou da máquina, ou da caneta tinteiro ou do teclado, entre tantas outras coisas, que poderiam ser o pincel ou a câmera (FOUCAULT, 2000, p. 82).

Para produzir uma escrita descontínua, que movimentasse as escolhas da constituição desta investigação, é que busquei, então, um entendimento de história próximo da ideia de *trama* (VEYNE, 1995). A partir desse registro, os fatos não são destacados de forma isolada, do lado de fora da vida e do mundo. “A palavra trama tem a vantagem de lembrar que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou um romance” (VEYNE, 1995, p. 28). Assim, busco tornar produtiva esta escrita descontínua, de maneira que ela produza ressonâncias desse outro entendimento da história, não mais uma história em seu sentido clássico que tome o sujeito como sua fonte ou origem transcendental; não mais uma história com uma perspectiva causal, linear e seqüenciada dos fatos. O que está me interessando como pesquisador é uma história das irregularidades e das imprevisibilidades que se fazem visíveis nas recorrências do cotidiano.

As histórias que eu faço não são explicativas, jamais mostram a necessidade de alguma coisa, mas, antes, a série de encadeamentos, através dos quais o impossível foi produzido e reengendra seu próprio escândalo, seu próprio paradoxo, até agora. Tudo aquilo que pode haver de irregular, de casual, de imprevisível, num processo histórico me interessa consideravelmente (FOUCAULT, 2000, p. 98).

Tomando, então, a trama histórica que me constitui como uma das condições de possibilidade para este conjunto de problematizações, passo a movimentar-me no relato de acontecimentos, procurando sempre conectá-los às

teorizações que me referenciam. De imediato, aponto que não me proponho a descrever nenhuma totalidade, pois, aproximando-me novamente de Veyne (1995), “toda descrição é seletiva; o historiador nunca faz o levantamento do mapa factual, ele pode, no máximo multiplicar as linhas que o atravessam” (idem, p. 29). Dessa forma, desejo afastar-me da possibilidade de produzir uma abordagem autonarrativa, uma mera explicitação de fatos, um jogo intimista de auto-reflexão, ou mesmo da busca de um ponto primordial para as minhas questões de pesquisa.

1.1 Itinerários

Ao recorrer à história, reconheço as múltiplas tramas de poder que perpassam os discursos que hoje me constituem como alguém que vem se inventando como um pesquisador. Entendo que esse “*inventar-se como pesquisador*” é um aceitar ser movido ao sabor das investigações e teorizações, tomando como condição investigativa a ambivalência dos processos culturais contemporâneos. Dessa forma, minhas escolhas são inevitavelmente arbitrárias, pois, ao recortar determinados acontecimentos para serem descritos, deixei inúmeros outros que também poderiam contribuir para essas movimentações.

Da perspectiva teórica na qual atualmente me movo/sou movido, que examinarei nas próximas seções, poderia afirmar que as questões ligadas aos modos pelos quais são constituídos os sujeitos estudantes universitários me incomodavam desde os tempos em que cursava o Ensino Médio, em que freqüentei o Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Um conjunto de condutas, obstáculos e possibilidades atravessavam as falas de minhas professoras, fazendo com que muitas interrogações viessem a compor uma idealização daquela posição de universitário. Múltiplas afirmações ligadas às necessidades do mercado de trabalho e até mesmo às supostas transformações sociais entremeavam aquele cotidiano estudantil. Recorrentemente, a posição de universitário era tratada por minhas professoras como a de um profissional com um “futuro garantido”, aquele que se

responsabilizaria pelo progresso da sociedade ou mesmo como alguém com uma condição de superioridade intelectual em um país onde ainda predomina a escolarização básica. Talvez possa ser apontado que uma visão moderna de universidade atravessava aquelas afirmativas. Naquele contexto, muitas perguntas começavam a emergir: quem é esse estudante universitário que elas estão descrevendo? Será que eu poderei me tornar um universitário? Como vai sendo construída a imagem de universitário?

Acompanhado por essas questões, no final do ano de 1999, ano em que concluí os estudos na Educação Básica e me preparava também para o processo seletivo de ingresso na universidade, aproximei-me dos cadernos Vestibular/ZH, que há poucos anos haviam sido lançados pelo jornal *Zero Hora*, ganhando ampla circulação e repercussão naquele contexto em que me constituía. Vivia, naquele período, uma grande instabilidade e uma grande incerteza acerca de qual curso superior escolher, por qual universidade optar e até mesmo como me mover para uma inserção no mercado de trabalho. Nesse cenário é que aquele material chamava a minha atenção, pois nele circulava um conjunto de sugestões e de estratégias de estudo que eram apresentadas como possibilidade para ajudar-me a enfrentar essas questões. Essa publicação semanal propunha-se a solucionar dúvidas acerca do mercado de trabalho, sugerir dicas de estudos e questões de vestibular, apresentando as universidades e seus cursos e descrevendo algumas formas de estudar, trabalhar e viver como um “universitário”. Enfim, percebia-me diante de um material que eu precisava adquirir para buscar compreender a condição universitária, aquela condição tão idealizada em minha trajetória.

Assim, os cadernos Vestibular/ZH irromperam em minha trajetória de vida como um “acontecimento”, entendido não como um evento acima da história, pois “os acontecimentos não são coisas, objetos consistentes, substâncias; eles são um corte que realizamos livremente na realidade, um aglomerado de procedimentos em que agem substâncias em interação, homens e coisas” (VEYNE, 1995, p. 30). A presença de Vestibular/ZH emergia na trama histórica que me produziu como pesquisador como a “irrupção de uma

singularidade histórica” (FOUCAULT, 2007), algo que, para aquele momento, foi importante e que produzira efeitos singulares em minhas trajetórias, inquietando-me na direção de suspeitar de seus efeitos.

Dessa forma, seduzido e, ao mesmo tempo, capturado pelos discursos de Vestibular/ZH, ingressei na universidade no ano seguinte. Tive minha posição-de-sujeito de “vestibulando” marcada pelas estratégias discursivas e não-discursivas que circulavam nas páginas daquele jornal, mas certamente não me dava conta dessas estratégias. As sugestões de formas de estudos, de dedicação e até de descanso produtivo propostas naquele material marcaram minhas primeiras inserções no “mundo universitário”. Ainda não conseguia notar que a posição de vestibulando era algo temporário, diferentemente de hoje, quando, interessadamente, percebo a condição de “vestibulando” como uma identificação provisória, como um lugar de passagem, um lugar de fronteira que supostamente permite uma projeção ao campo de uma subjetividade universitária.

Posteriormente, já coordenando atividades pedagógicas junto ao Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual no município de Canela/RS, observando os cadernos Vestibular/ZH, passei a incomodar-me com os modos como estavam imersos, de forma naturalizada, na ação pedagógica de professores e de estudantes daquela etapa da Educação Básica. Ao reencontrar-me com esse material, oito anos mais tarde, ele ainda estava integrando os processos de aprendizagem e de preparação para o trabalho de inúmeras disciplinas, assim como referenciando os estudos pré-vestibulares de um grupo significativo de estudantes. De imediato, fui remetido a um estado de desassossego em que era movido a problematizar esses materiais fabricados e enunciados nas culturas contemporâneas, em aproximação com os possíveis modos de constituição de sujeitos específicos. A presença desse material foi marcante em minhas trajetórias de estudante do Ensino Médio, em minha preparação para o ingresso na universidade e em minhas experiências profissionais. Assim, ao longo desses tempos marcados pelas tramas históricas brevemente narradas, passei a suspeitar de sua constante presença, que se

tornava bastante produtiva na escola e, ao mesmo tempo, traçava um campo de ação para os sujeitos universitários.

1.2 Interrogações

Como outra linha de possibilidades da trama que me constituiu como pesquisador, e ainda recorrendo à historicidade do presente, necessito pontuar algumas formas pelas quais me aproximei das instigantes problematizações dos Estudos Culturais, em especial, aqueles tensionados pelas teorizações foucaultianas. Retomo isso por entender que as teorizações nos provocam a aceitar certos desafios, mas

[...] não se trata mais de julgar nosso passado em nome de uma verdade que o nosso presente seria o único a saber. Trata-se de arriscar a destruição do sujeito de conhecimento na vontade, indefinidamente desdobrada, de saber (FOUCAULT, 2007, p. 37).

Mantendo-me aberto a uma vontade de saber que marca estes movimentos investigativos, relato que meu interesse pelas questões culturais que perpassam e constituem os processos educativos emergiu ao longo de minha graduação, mas apareceu especialmente com a produção de minha monografia de conclusão do curso de Pedagogia (SILVA, 2005). Naquele momento, problematizei alguns discursos que circulavam nas falas de professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA), examinando a noção de que o currículo da EJA deveria ser constituído no cotidiano do aluno. Partindo da centralidade da cultura (HALL, 2006) e do caráter produtivo do poder (FOUCAULT, 2007), passei a problematizar aqueles discursos curriculares, entendendo que aquela modalidade de ensino emerge tramada em relações de saber-poder. Com esses referenciais teóricos, dirigi outros olhares para as práticas pedagógicas que produzia (e me produziam) naquele período, assim como para os discursos que me constituíam como um educador preocupado com as questões culturais de nossos tempos e espaços contemporâneos (escolares e não-escolares).

Partindo dessas provocadoras teorizações, passei a compreender que os discursos pedagógicos críticos, predominantes na Educação de Jovens e Adultos, estavam em um acentuado processo de deslocamento. Naquele momento, a leitura de Garcia (2002) colaborou em minhas problematizações acerca das pedagogias críticas, na medida em que, para a autora, essas pedagogias exercem “um tipo de pastorado das consciências e do ‘bem’ agir que tem efeitos sobre a conduta dos sujeitos pedagógicos” (GARCIA, 2002, p. 15). Assim, fui conduzido a pensar que eram esses discursos críticos que predominavam nas práticas docentes junto àquela modalidade de ensino. Buscava, enfim, “compreender como ocorrem a elaboração e a circulação destas proposições curriculares, que relações de poder as constituem e quais efeitos são produzidos nestas paisagens” (SILVA, 2005, p.8).

Desde a incipiente investigação narrada, conseguia apontar que as pedagogias predominantes na EJA se alicerçavam nas proposições filosóficas do romantismo e do iluminismo, o que as fazia emergir imbricadas com o cenário caracterizado como “Modernidade”, paisagem esta constituída a partir do século XVI (GHIRALDELLI JR., 2002). O período filosófico citado traz como marcas fundamentais a possibilidade de uma racionalidade universal, capaz de emancipar o sujeito humano e conduzi-lo ao progresso (LYOTARD, 2002). Era possível apontar que a idéia de um sujeito centrado em sua subjetividade, portador de uma racionalidade autônoma e, conseqüentemente, capaz de levar a humanidade ao progresso era a grande metanarrativa da Modernidade, instituidora de algumas epistemologias e de um conjunto de pedagogias (LYOTARD, 2002).

Pensar a Educação de Jovens e Adultos como um “espaço em trânsito”, aberto a permanentes movimentações, talvez tenha sido uma das principais possibilidades teóricas que emergiram daqueles tempos e que, de certa forma, colaboraram para meu amadurecimento teórico-acadêmico. Desse amadurecimento, pude preparar-me para concorrer ao ingresso no Programa de Pós-Graduação, aprofundar os estudos das teorizações curriculares de inspiração pós-modernas e pós-estruturalistas e preparar uma proposta de

investigação sobre a constituição de sujeitos estudantes universitários. As experiências no Mestrado em Educação é o que discutirei a seguir.

1.3 Incertezas

Neste tempo que ora experienciamos, marcado pelas incertezas e pelas instabilidades, emergiu, ao longo da trama que narro neste momento, o desafio de compreender suas movimentações e, ao mesmo tempo, de mover-me nesse terreno frágil e movediço. Ingressei, no início do ano de 2007, no Programa de Pós-Graduação em Educação com a perspectiva de ampliar meus olhares sobre os processos curriculares hodiernos e, principalmente, dar continuidade ao conjunto de perguntas e problematizações que haviam me constituído, conforme fui referenciando até agora. Ao ingressar no curso, não buscava produzir saberes universais, mas, de acordo com o referencial teórico do qual já me havia aproximado e com que estreitei laços ao longo do Mestrado, buscava estabelecer provisórias compreensões e, paralelamente, produzir-me como um investigador em um permanente exercício de perguntar (e deixar-se perguntar). Com Bauman, entendi que

[...] fazer as perguntas certas constitui, afinal, toda a diferença entre sina e destino, entre andar à deriva e viajar. Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos (BAUMAN, 1999, p. 11).

Acerca do continuado exercício de perguntar como uma das condições do investigador na contemporaneidade, preciso reiterar que essas problematizações não brotaram de uma interioridade crítica, nem de alguma fonte situada na transcendentalidade. As perguntas que fui produzindo possuem uma perspectiva histórica e, conseqüentemente, dão conta de um recorte específico de tempo e de espaço. Considero que essas perguntas, construídas na/pela linguagem, se tornam mais produtivas quando confrontadas pelas teorizações provisoriamente produzidas, pois seus sentidos

não pretendem a universalidade (COSTA, 2005). Nesse sentido, destaco os instigantes estudos que realizei nos Seminários e Leituras Dirigidas da Linha de Pesquisa “Currículo, Cultura e Sociedade” e também nas indispensáveis conversas com minha orientadora e com outras professoras do PPGEDU e colegas que acompanharam a construção deste texto.

Ao construir este processo de investigação, envolvido pelas questões que emergiam do referencial teórico e dos materiais investigados, pude entregar-me ao desafio de ser lançado por esses discursos, despir-me de uma carapaça de sujeito-investigador moderno e deixar os objetos irem dizendo os percursos analíticos a serem percorridos. Entendi que a produção de uma investigação “implica, antes de tudo, perder-se, embrenhar-se em tramas e teias de pensamento que, ao invés de nos indicarem rotas seguras, capturam-nos e enleiam-nos em circuitos aparentemente inescapáveis” (COSTA, 2005, p. 200).

Quando ingressei no Curso de Mestrado em Educação da UNISINOS, fui, cada vez mais, sendo direcionado pelas inquietações que me atravessavam em torno das relações entre as culturas e a constituição de estudantes do Ensino Médio. Já tinha definido como materialidade a ser investigada os cadernos Vestibular/ZH, pois via como estudantes de Ensino Médio, leitores ou não desse caderno, eram narrados (e posicionados) pelos discursos que circulavam em suas páginas. Questionava, ainda, quais concepções de cultura por ali circulariam. Ao aprofundar minhas compreensões das teorizações dos Estudos Culturais e dos estudos foucaultianos, outras possibilidades foram tornando-se pensáveis, pois,

[...] quando perguntamos e, portanto, pensamos, estamos inscritos em tradições que se expressam em conjuntos de signos que denominamos linguagem, os quais circunscrevem o pensável (virada lingüística). E não só não é possível pensar fora da linguagem (e da cultura) como esta conduz nosso pensamento (COSTA, 2005, p. 206).

Essas outras possibilidades pensadas nas movimentações da linguagem e da cultura levaram-me a perguntar de outros jeitos. Após várias formulações diferentes e muitos deslocamentos analíticos, pude, efetivamente,

tomar como temática desta investigação a constituição de *sujeitos estudantes universitários*. Com essa temática e assumindo como materialidade investigativa os cadernos Vestibular/ZH, pude apontar como questão a ser centralmente problematizada: **Como os regimes de práticas que se movimentam no caderno Vestibular/ZH vão conduzindo as condutas dos sujeitos universitários?**

Pontuando, então, que as palavras constituem as coisas e que, ao constituírem-nas, as inventam e reinventam permanentemente, aceitei, de uma perspectiva foucaultiana, tomar as palavras como lentes (SOMMER, 2005) ou como ferramentas de trabalho (VEIGA-NETO, 2005). Aceitando a radicalidade histórica do perguntar, ao constituir este problema de pesquisa, podia reconhecer que “o solo que agora eu pisava eu havia acabado de inventar” (SOMMER, 2005, p. 76). Tendo constituído esse solo, interessadamente escorregadio, algumas outras questões foram sendo produzidas de maneira que colaborassem, do meu ponto de vista, na visibilização dos itinerários propostos para esta pesquisa:

a) Como estratégias (discursivas e não-discursivas) são produzidas pelos cadernos Vestibular/ZH na constituição de sujeitos estudantes universitários?

b) Que táticas podem ser visibilizadas nesse conjunto de estratégias de gestão governamental dos sujeitos universitários?

Com essas questões, levanto como perspectiva operacional que algumas estratégias são produzidas nos cadernos Vestibular/ZH, criando condições para que sujeitos estudantes universitários sejam constituídos nas tramas de uma sociedade neoliberal, em que outras lógicas são colocadas em ação, diferentemente daquelas em que os universitários de uma sociedade com ênfase na disciplina vivem e são produzidos. Ao afirmar a provisoriedade como fio condutor com o qual vou tecendo este trabalho, reconheço que o campo de movimentação aqui estabelecido não se constitui de forma fixa e estável. Tendo a incerteza como pressuposto do investigar o contemporâneo, tomo os tensionamentos, as crises e as desestabilizações como condições emergentes dessas problematizações. Por isso, recorrendo a Michel Foucault, aponto que

essas desestabilizações nos posicionam, pois é isto que somos: “[...] - os conflitos, as tensões, as angústias que nos atravessam - que, finalmente, é o solo, não ousa dizer sólido, pois por definição ele é minado, perigoso, o solo sobre o qual eu me desloco” (FOUCAULT, 2003, p. 230).

Aceitando o desafio de produzir-me como investigador neste solo minado, de operar deslocamentos neste campo perigoso, movimento-me para a análise seguinte, quando apresentarei as primeiras problematizações acerca dos estudantes universitários em sua historicidade, bem como os modos como os jornais têm sido produzidos, isto é, planejados e endereçados aos sujeitos de nosso tempo.

2. O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO NA CULTURA

Todos têm consciência de que tais fatos são banais. Porém, o fato de serem banais não significa que não existam (FOUCAULT, 1995, p. 233).

Instaurar um campo de problematizações para determinada questão passa pelos modos como estamos compreendendo o mundo: suas condições políticas, suas marcas culturais ou sua historicidade. Articula-se com aquilo que estamos tratando de forma naturalizada, sedimentada pelos regimes de verdade que se instauram em determinados momentos. Deslocar determinada problemática do campo do banal e interrogá-la nas multiplicidades do presente constitui-se o desafio que assumo para esta jornada. Aceitar tornar problemáticas algumas questões é afastar-se das buscas por soluções, que possivelmente instalariam outros cenários cristalizados. Numa perspectiva foucaultiana, problematizar não assume uma tarefa propositiva, “não a de reformar, mas de instaurar uma distância crítica, de ‘desprender-se’, de retomar os problemas” (REVEL, 2005, p.71).

Nesta seção, parto da perspectiva de que a condição de estudante universitário – como imagem de sujeito e como prática – é algo constituído nas diferentes tramas culturais da contemporaneidade. Procuo apresentar alguns dos entendimentos possíveis para essa condição, em especial, aqueles que têm sido atribuídos nos contextos educacionais em suas múltiplas aproximações com as práticas jornalísticas. De certa maneira, posiciono-me junto àqueles que entendem o sujeito como constituído a partir de relações de poder.

Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Com isso, quero argumentar que, das perspectivas teóricas com que opero, o sujeito não é tomado como um *a priori*, não é tomado como um dado primordial ou natural. Ao dizer que o sujeito é constituído, afirmo que esta investigação não toma o sujeito universitário como um centro analítico; antes disso, interessa saber como essa noção tem sido engendrada. Para tanto, torna-se importante um modo de pensar crítico no qual tal atitude suspeita das narrativas universais e das posturas idealistas frente à produção do conhecimento. Uma produção inspirada em Michel Foucault entende que “não existe uma ordem objetiva subjacente em tudo o que acontece e que não há uma finalidade única para a qual tudo deve tender” (RAJCHMAN, 1987, p. 47). Rachman argumenta que, segundo essa perspectiva, Foucault utiliza suas pesquisas contra as rotinas ou as realidades estabilizadas, fazendo de sua filosofia um espaço de liberdade, na medida em que “vê a liberdade numa profunda e anônima contingência em seu presente” (idem, p. 55). Então, com a atitude de verificação constante de desafio às verdades estabelecidas, passo a mobilizar algumas historicidades.

2.1. Das universidades

Durante a segunda metade do século XX, assistimos a uma consolidação e a uma democratização dos centros de formação universitária em nosso país. Seja por iniciativa de governos estaduais, do governo federal, ou mesmo por uma multiplicidade de iniciativas privadas, a educação superior no Brasil teve saltos significativos no número de estudantes freqüentando esses estabelecimentos. Mesmo assim, ainda ostentamos um percentual pouco expressivo de universitários no que se refere à população brasileira de uma

forma geral.

Invenção datada do período medieval (BURKE, 2003), a universidade emerge vinculada à sociedade europeia letrada daquele período, ligada principalmente a grupos corporativos (médicos, advogados) ou a igrejas (mosteiros, mesquitas). Quando uso a noção de sociedades letradas, remeto-me à descrição de “grupos sociais cujos membros se consideravam ‘homens de saber’ (*docti, erudict, savants, Gelerhrten*) ou ‘homens de letras’ (*literati, hommes de lettres*)” (BURKE, 2003, p. 26). Nesse espaço-tempo, dada a aproximação com a Igreja Católica,

[...] a maioria dos professores e alunos das universidades era constituída por membros do clero, muitas vezes membros de ordens religiosas, principalmente dominicanos, que contavam com o mais famoso dos professores medievais: Tomás de Aquino. Pesquisadores acadêmicos do porte de Alberto Magno e Roger Bacon eram frades (BURKE, 2003, p. 28).

Nessas sociedades letradas, as universidades exerciam funções no desenvolvimento de secretários de governantes, aristocratas, clérigos ou eruditos, constituindo-se, enfim, como um lugar destinado a poucos. No período entre o século XV e o século XVIII, os universitários tomavam-se como “cidadãos da ‘República das Letras’” (BURKE, 2003). Essa espécie de comunidade imaginária por eles instituída desenvolvia práticas comuns, “como a troca de cartas, livros e visitas, para não mencionar modos ritualizados pelos quais os mais jovens demonstravam respeito pelos colegas mais velhos” (BURKE, 2003, p. 26). Nesse espaço ritualizado, que talvez ainda conserve muitas dessas marcas na atualidade, a condição de estudante universitário irrompia naquela trama cultural com uma suposta superioridade em relação à parte da sociedade “não-letrada”:

Os estudantes freqüentemente iam de universidade em universidade, de modo que formavam um grupo internacional, conscientes - como mostram suas canções latinas - de sua diferença em relação aos habitantes normais da cidade em que lhes acontecia viver (BURKE, 2003, p. 28).

Desde o século XII, as universidades começaram a compor a rotina das grandes cidades européias. Os letrados, como já referi anteriormente, eram marcados por uma vida pública repleta de visibilidades, na medida em que ocupavam espaços intelectuais fora dos mosteiros. No final da Idade Média, os grupos corporativos, formados por profissionais do direito e da medicina, “tinham lugar assegurado dentro da universidade medieval e com status fora dela” (BURKE, 2003, p. 27). Esses grupos corporativos fundaram, dentre outros, o Colégio dos Médicos de Londres em 1518.

Nas universidades desse período, não encontramos práticas comuns aos procedimentos acadêmicos atuais, como o processo seletivo (vestibular) ou as matrículas. Para o ingresso ou a conclusão em um curso, não havia pré-requisitos cognitivos, mas havia outras condições.

Havia dois critérios de admissão: ser batizado e dar prova de conduta moral, que abrangia uma prova de legitimidade de nascimento, amiúde aceita simplesmente por afirmação do candidato (ULLMANN, 2000, p. 192).

Nos cursos de humanidades (*universitas*, como eram tratados), havia a exigência de o aspirante ter conhecimentos básicos em latim. A matrícula, tal como a conhecemos, não era uma prática recorrente. “O aluno era obrigado a vincular-se a um professor” (idem, p. 193). Se não havia processo seletivo ou práticas de matrícula, como eram escolhidos os universitários?

A escolha incluía amizade, conhecimento pessoal, lugar de proveniência, apresentação ou indicação de outrem. Destarte, o professor tinha condições de avaliar o grau de conhecimento dos seus *scholares* e a sua capacidade para o estudo. Tal prática tornou-se mais necessária, com a afluência sempre maior de alunos (ULLMANN, 2000, p. 194).

Conforme as descrições do historiador, os processos vestibulares não ocorriam na universidade medieval. Começaram a ocorrer nas academias européias a partir do século XVII devido ao grande número de alunos que ocupavam esses espaços e às críticas aos modos como o ingresso ocorria.

Universidades tradicionais, como a de Bolonha e a de Paris, eram marcadas (e contestadas) pelos privilégios e pelo nepotismo de seus processos seletivos. Assim sendo, o vestibular emergiu como forma de validar moralmente as escolhas dos estudantes pelos seus mestres.

No que se refere aos cenários brasileiros, encontramos inúmeras aproximações herdadas das configurações européias das instituições destinadas à produção do conhecimento, assim como de uma drástica posição de exclusão nos sistemas educacionais. As universidades emergiram na história brasileira no século XIX, entretanto, apenas popularizaram-se no século posterior. Também foi no século XX que, em todo o mundo, ocorreu essa expansão. Conforme dados da UNESCO, “o número de matrículas de estudantes em escala mundial passou de 13 milhões em 1960 para 82 milhões em 1995. Dados de 2004 revelam um crescimento para 132 milhões de estudantes” (NEVES, 2007, p.14).

Apesar desse significativo crescimento, no Brasil, ainda encontramos contextos desfavoráveis a essa condição.

O Brasil, por sua vez, vive uma experiência muito peculiar, comparando-se às nações mais desenvolvidas e aos países latino-americanos. De um lado, experimenta os efeitos das grandes transformações em curso, vividas também pelas nações desenvolvidas e, por outro, carrega o ônus de possuir um sistema de educação superior que acumula peculiaridades dramáticas. O sistema de educação superior em geral, e as universidades em particular, precisam lidar cumulativamente com os problemas velhos e novos e os desafios cada vez mais complexos (NEVES, 2007, p. 15).

Nesses contextos, a condição universitária no Brasil tem estado na ordem do dia. Um conjunto de programas de inserção nas universidades públicas e privadas foi desencadeado neste país, em especial, na última década. Programas como o ProUni (Programa Universidade para Todos) ou mesmo as cotas para estudantes negros e oriundos de escolas públicas têm pautado as políticas desse setor. Meu objetivo, neste momento, não se aproxima da perspectiva de discutir as viabilidades ou não dessas estratégias; apenas busco

visibilizar a recorrente presença da educação universitária nos discursos e nas políticas contemporâneas.

No que se refere às pesquisas nesse campo, nota-se que têm se constituído em um campo fértil e plural. Entretanto, mais especificamente, nas pesquisas sobre a temática da constituição dos sujeitos universitários, constato que são ainda pouco exploradas nas tramas da produção acadêmica contemporânea. Talvez pudesse ser dito que, nesse nível de ensino, esse tema seja explorado de forma periférica em sua possível produtividade. Em pesquisas recentes, ganham centralidade investigativa as políticas educativas para o setor (SILVA JR, SGUISSARDI, 2005); as aproximações com os processos de globalização (DIAS SOBRINHO, 2005); o acesso e a permanência na educação superior (ZAGO, 2006), dentre outras.

Algumas dessas análises apontam para a imbricação dos valores da sociedade capitalista contemporânea com as políticas de ensino superior, considerando uma ampla aproximação desses valores na tendência de construir um universitário direcionado aos interesses do mercado de trabalho. Talvez com isso muitos desses olhares ainda constituam uma linguagem marcada pela busca de um universitário crítico, autônomo, mais politizado e esclarecido, havendo tendência de se analisarem as atuais práticas pedagógicas e políticas educativas assinalando-se outros caminhos para um mundo em transformação.

Ao mesmo tempo, na argumentação acerca das mudanças contemporâneas, emergem com uma relativa recorrência discursos ligados à organização da produção em um cenário pós-fordista, no qual surgem questões ligadas à necessidade da formação de um profissional mais qualificado para um tempo de precarização do emprego. Essas perspectivas mantêm-se próximas a uma racionalidade que produziria a emancipação do sujeito e progresso da humanidade, agora redimensionados a partir de a mudança estrutural do capitalismo.

Sou conduzido a pensar que essa condição universitária descrita, que talvez seja aquela que nos constitui, parte de uma perspectiva idealizada, ou seja, parte do entendimento de que os sujeitos trazem

marcas/potencialidades naturais que os encaminharia (teleologicamente) para um lugar determinado (o sucesso profissional, por exemplo). Sendo os sujeitos previamente estabelecidos em suas possibilidades, bastariam políticas públicas ou ações docentes que os conduzissem para um espaço de autonomia. As performances contemporâneas dessas teorizações fazem do estar na universidade uma necessidade; das políticas educativas, espaços de oportunidade; e do conhecimento acadêmico, algo socialmente relevante. Com esse olhar transversal, não estou negando a relevância dessas condições, nem mesmo reafirmando suas perspectivas teóricas – apenas visibilizo algumas das condições dessas teorizações. Ou seja, a condição universitária emerge com bastante força nas pautas sociais de nosso tempo.

2.2. Dos jornais

Desde o momento em que Gutenberg passa a operar com a tipografia, no ano de 1438, a publicação de jornais proliferou-se em toda a Europa e, posteriormente, espalhou-se pelos demais continentes. Os tipos móveis, uma invenção chinesa, deram condições para publicações de texto em grande escala, o que colaborou diretamente para a invenção da imprensa. Porém, outras perspectivas associam-se ao interesse social pelos periódicos, especialmente fatores ligados ao desenvolvimento econômico e à dominação no campo da política.

Os jornais, segundo o historiador Peter Burke (2004), foram os gêneros literários que melhor ilustram a “comercialização da informação”. “As notícias já eram vistas como mercadorias no século XVII” (BURKE, 2004, p. 152). Tratar os jornais como mercadorias e, ao mesmo tempo, como espaço de visibilização das práticas econômicas é um dos entendimentos propostos por Burke. Países em ascensão na economia mercantilista, como a Inglaterra, a Holanda, a Suécia ou a Itália, tinham uma imprensa consolidada, oferecendo não apenas assuntos econômicos, mas também críticas à Igreja Católica e aos governos de Estado. Enfim, na interpretação do historiador, a multiplicação de

meios jornalísticos deu condições para a consolidação das relações capitalistas desde o século XVII.

Outro entendimento para a emergência das práticas jornalísticas é dado por Benedict Anderson (1990), quando o autor aponta o desenvolvimento da imprensa como condição para a constituição das identidades nacionais, tratadas como “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 1990). Os jornais seriam uma das mais antigas mercadorias produzidas em série e, como tal, espalhavam-se muito rapidamente pelas populações, construindo a imagem de uma identidade comum entre os seus leitores.

Ao mesmo tempo, o leitor de jornal, vendo réplicas exatas de seu jornal sendo consumidas por seus vizinhos de metrô, da barbearia ou de sua casa, sente-se permanentemente tranqüilo a respeito de que o mundo imaginado está visivelmente enraizado na vida quotidiana (ANDERSON, 1990, p. 44).

As perspectivas históricas de Burke (2004) e de Anderson (1990), mesmo desenvolvendo teorizações diferentes, mostram-nos os modos como os jornais podem operar no incentivo das práticas econômicas e políticas de seu tempo, assim como contribuem nos processos de constituição identitária de seus leitores. Esses materiais, de certo modo, contribuem na consolidação das idéias emergentes em seu tempo, na medida em que, pela sua produção em grande escala e pelos seus amplos espaços de interlocução, atingem grandes contingentes da população. No limite, dadas essas condições, pode-se considerar que os jornais colaboram na condução das condutas de uma população, propondo pautas e interesses sociais para uma determinada época.

2.3. De jornais e universitários

Considerando que a questão universitária tem estado na ordem do dia nas sociedades contemporâneas, os diferentes espaços de comunicação social têm dirigido algumas de suas publicações para os estudantes das instituições universitárias. Uma importante condição cultural de nossos tempos

é a centralidade da “cultura da mídia” (KELLNER, 2001), que se evidencia pela disseminação dos artefatos da mídia em todas as esferas sociais, marcando consideravelmente as subjetividades humanas produzidas na contemporaneidade. Conforme os estudos de Douglas Kellner (2001), a expressão “cultura da mídia” faz-se produtiva, na medida em que

[...] ela derruba as barreiras artificiais entre os campos dos estudos de cultura, mídia e comunicações e chama a atenção para a interconexão entre cultura e meios de comunicações na constituição da cultura da mídia, desfazendo assim distinções reificadas entre “cultura” e “comunicação” (KELLNER, 2001, p. 52).

Nesse cenário de centralidade da cultura da mídia, a própria noção de comunicação passa também a constituir a pauta social de nosso tempo. Nessa paisagem, a comunicação é entendida como “fenômeno extremo, vínculo e cimento social” (SILVA, 2001, p.180). Uma multiplicidade de produtos, demandas e perspectivas têm atravessado a constituição dos produtos midiáticos. Como tendência emergente desses cenários, visibiliza-se nas práticas jornalísticas a publicação de materiais impressos endereçados a grupos específicos dentro de uma determinada sociedade. Esses cadernos, encartes ou suplementos¹ passam a compor a estrutura dos jornais, em especial, daqueles de maior circulação.

Os suplementos são estratégias relativamente recentes nas práticas jornalísticas, pulverizando-se ao longo dos anos 1990, visto que primeiramente se restringiam a apenas cadernos de cultura (LUSTOSA, 1996). Com os suplementos, aponta-se uma multiplicidade de temas e públicos diferentes dentro de um mesmo jornal. “Observamos que há uma multiplicação de jornais dentro do jornal, como se em sua proposta tradicional não coubessem mais as crescentes exigências dos leitores” (LUSTOSA, 1996, p. 171). Assim, os jornais objetivam atender o maior número possível de leitores de forma

¹ Uma possível diferença entre esses três conceitos estaria em sua periodicidade: os cadernos teriam publicação diária, os suplementos seriam semanais, e os encartes teriam publicação aleatória. Outros autores, como Lustosa (1996), tomam as noções de cadernos e de suplementos como equivalentes.

especializada, assumindo uma relação de interpelação com o seu público. Isso se dá não só pela qualificação dos meios técnicos de impressão e tratamento das notícias, como também para atender a uma lógica do capitalismo contemporâneo, que tenta especializar seus produtos para melhor ampliar suas potencialidades de consumo (BAUMAN, 1998).

Dessa forma, a escolha de quais suplementos publicar não se constitui apenas por critérios jornalísticos. Ao dirigirem-se a públicos cada vez mais específicos, os critérios tenderam a contemplar a abertura de novos mercados ou públicos potencialmente consumidores. “Cada suplemento foi surgindo à medida que se verificava a existência de um potencial econômico capaz de produzir uma receita publicitária suficiente para viabilizar o empreendimento” (idem, p. 171). Com essa perspectiva, Rodrigues (2008), de outro registro teórico, aponta o caráter pragmático desses suplementos, pois assumem uma “destacada ênfase na produção de serviços”. Com esse caráter pragmático, as próprias pautas foram deslocadas.

Houve também um deslocamento de uma série de assuntos, de pautas, que faziam parte desse suplemento cultural do qual estamos falando, para outros cadernos, para cadernos próprios. Por exemplo: comportamento, estilo de vida, idéias, educação. Uma série de assuntos que também estão no âmbito da cultura, uma cultura no sentido mais amplo de civilização, de como nós vivemos (RODRIGUES, 2008).

Com essa dimensão especializada, os suplementos começaram a operar em outra dinâmica, não mais apenas informativa, mas como “algo feito para se vender um espetáculo ou para se vender um produto cultural, menos do que para refletir sobre ele” (idem, 2008). Dentre essas tendências culturais das práticas jornalísticas de nosso tempo, uma produtiva possibilidade de mercado é a publicação destinada aos campos educacionais em geral e, mais especificamente, para os estudantes que se preparam para o ingresso na educação superior. Materiais como o Vestibular (*Zero Hora/RS*), o *Fovest (Folha de São Paulo/SP)*, o *Gabarito (Correio Brasiliense/DF)* e o Vestibular (*Diário Catarinense/SC*), dentre outros, têm se multiplicado nas estratégias jornalísticas

contemporâneas.

Esses materiais, ao dirigirem-se aos estudantes que se preparam para o ingresso na universidade, talvez operem como “guias de consumo” (RODRIGUES, 2008), apresentando publicitariamente as maiores universidades, os cursos em ascensão ou mesmo aqueles que buscam se manter ativos nos diferentes mercados regionais. Tais materiais são marcados não apenas pela apresentação dos processos seletivos e por anúncios de cursos preparatórios pré-vestibulares, mas também pela indicação de modos de preparação ou mesmo da viabilidade dos mercados profissionais. Eles guiam, orientam, contribuem, criam pautas para os processos preparatórios de seus leitores.

Com a ampliação dos mercados das universidades nas diferentes regiões do país, notando-se o acentuado aumento no número de matrículas nesse nível de ensino, os suplementos dirigidos aos estudantes universitários naturalizam suas ações nas tramas culturais de nosso tempo. Esses materiais, além de circular pelo cotidiano dos estudantes, também se fazem presentes nas práticas docentes, movimentando os currículos de escolas de Ensino Médio e cursos preparatórios. Diante disso, um conjunto de pesquisas vem sendo desenvolvido para compreender a produtividade dessas mídias impressas nos diferentes espaços culturais.

A pesquisa de Rossana Cassanta Rossi (2007) examinou o caderno *Patrola*, publicado semanalmente pelo jornal *Zero Hora*, dirigido aos jovens da região sul do Brasil. Servindo-se das lentes teóricas dos Estudos Culturais, a autora mostra alguns modos pelos quais o caderno analisado sugere pautas de consumo para os jovens através de estratégias de interpelação aos públicos juvenis. “O caderno *Patrola* pode ser considerado como um ‘guia de consumo’ ao sugerir a jovens o que e como consumir, tanto produtos – como CDs, DVDs, peças de roupa, livros, filmes, histórias em quadrinhos – quanto estilos, modos de ser” (ROSSI, 2007, p. 192-193).

Outra investigação que toma a produtividade desses materiais foi desenvolvida por Marcelo Januário (2005), na qual o autor examina as transformações ocorridas pelos suplementos culturais dos jornais *Folha de São*

Paulo e O Estado de São Paulo no período entre 1990 e 2000. O autor aponta os modos como esses materiais foram sendo destituídos de uma “crítica cultural”, que era seu objetivo desde os anos 1930, e começam a assumir uma posição mais ligada ao campo publicitário. Januário, de uma perspectiva crítica, aponta que os cadernos culturais passaram a gravitar por entre duas possibilidades: “um jornalismo de sedução” e uma “estratégia de marketing exacerbada” (JANUÁRIO, 2005, p. 129).

Ainda acerca da investigação de jornais, Saraí Schmidt (1999) realiza uma instigante problematização, onde examina os modos como esses materiais operam nas representações sobre a educação. Inspirada teoricamente nos Estudos Culturais Contemporâneos, a autora considerou como campo de pesquisa as edições de sábado e domingo de três jornais (*Folha de São Paulo, Zero Hora e Jornal NH*) editadas ao longo do ano de 1998. Ao operar analiticamente no registro das pedagogias culturais, Schmidt entende os jornais como mobilizadores de pedagogias específicas. Ou seja, reconhecendo que as mídias estão presentes em nossas culturas e criam representações acerca do mundo e das diferentes formas de vida social, a autora aponta que nossas relações pedagógicas com os jornais poderiam escapar do pressuposto clássico do “jornal na sala de aula”, optando por uma noção que tome “o jornal como uma sala de aula” (SCHMIDT, 1999, p. 25).

Operando com outro artefato cultural, mais especificamente, com anúncios sobre a prevenção de HIV/AIDS (SANTOS et al, 2005), outra pesquisa relata uma discussão desenvolvida com Agentes Comunitários de Saúde de Porto Alegre sobre um conjunto de cinco anúncios televisivos de campanhas de prevenção à referida síndrome. Pautados pelos Estudos Culturais e pelos Estudos Feministas, os autores, ao ouvirem os agentes comunitários, pediam que relacionassem o anúncio publicitário com a “realidade” com que conviviam. O que destaca, por esse percurso, é um uso relacional da noção de realidade, pois, segundo os autores, “não há uma realidade em que eles/elas vivem como aquela que lhes é apresentada” (SANTOS et al, 2005, p.144). Os autores compreendem os anúncios como uma experiência pedagógica em

grande escala “em que, de um lado, se situam produtores, criadores e emissores - preocupados em melhor endereçar seus produtos - e, de outro, os receptores e consumidores, atribuindo significados ao que lhes é apresentado e negociando com eles” (idem, p.143).

Tomando como foco investigativo outra mídia impressa, a revista *MTV*, Saraí Schmidt (2006) problematiza os modos pelos quais a expressão “ter atitude” encontra nas culturas juvenis um espaço fértil para sua efetivação, uma vez que, em tempos de modernidade líquida (BAUMAN, 2001), as condições sociais de vida se encontram em estado de ambivalência. Movimentada pelas teorizações culturais contemporâneas, a autora utiliza duas estratégias analíticas: primeiramente, examina alguns materiais extraídos da revista (em especial, seus editoriais e anúncios publicitários); em um segundo movimento, discute esses materiais com dois grupos de estudantes de Comunicação do Centro Universitário Feevale. A pesquisa mostrou como “o conjunto de propagandas, editoriais e campanhas institucionais analisadas reforçaram a importância das conquistas individuais num tempo de caos coletivo” (SCHMIDT, 2006, p. 162).

Rosa Maria Bueno Fischer (2001) também aborda as estratégias de linguagem e de comunicação (mídias) na produção de sujeitos, procurando demarcar seus possíveis efeitos pedagógicos. A autora movimenta-se com a possibilidade de que, com a centralidade da linguagem, fica mais interessante compreender os meios de comunicação, pois eles seriam o lugar da cultura mais dinâmico e produtivo na constituição de sujeitos. A essa produtividade, Fischer nomeia como “dispositivo pedagógico da mídia”,

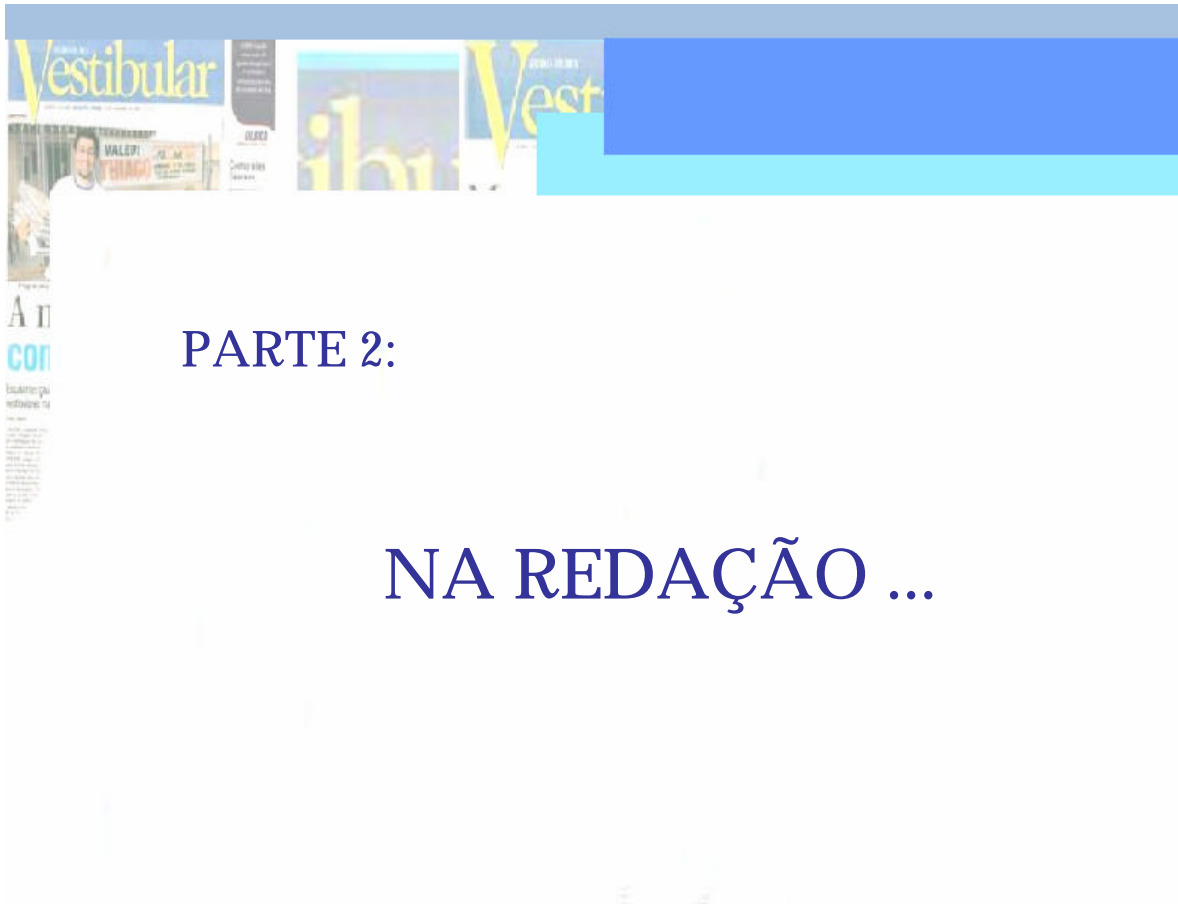
[...] expressão que se refere aos modos pelos quais os meios de comunicação, particularmente a televisão, atuam em direção a dois objetivos básicos: de um lado, mostrar que a mídia é o grande lugar de informação e de “educação” das pessoas; e, de outro, captar o telespectador em sua intimidade, produzindo nele, muitas vezes, a possibilidade de se reconhecer em uma “série” de verdades veiculadas nos programas e anúncios publicitários (FISCHER, 2001, p.81).

Compreender a mídia como um dispositivo pedagógico abre a possibilidade de pensá-la não apenas como ensinando coisas, mas também, ao fazer isso, produzindo efeitos múltiplos em múltiplos fragmentos da sociedade. Esse entendimento encaminha para um alargamento dos sentidos pedagógicos, entendendo-se que, do ponto de vista investigativo, isso se torna produtivo “na medida em que se propuser a descrever as relações entre sujeito e cultura a partir da análise de ‘documentos’ muito específicos – os diferentes produtos da mídia” (FISCHER, 2001, p. 83).

Procurando deslocar esses entendimentos dos múltiplos artefatos culturais contemporâneos, assim como da condição universitária, busquei alguns referenciais teóricos que me dessem ferramentas para movimentar a análise que me propus. Para abrir as possibilidades de problematizar essa questão, além da escolha dos cadernos Vestibular/ZH como material a ser lido, opto por operar apresentando dois campos investigativos do qual me aproximo, de forma que possa visibilizar alguns lugares que tenho percorrido na constituição desta investigação. Primeiramente, discuto algumas recentes pesquisas no campo da educação que tomam como estratégia analítica as noções de discurso e de governamentalidade, inspiradas nas teorizações de Michel Foucault. Por outro caminho, visibilizo algumas investigações que têm se servido de análises culturais, em especial, que analisam artefatos culturais da contemporaneidade e que operam no registro das denominadas pedagogias culturais (COSTA, 2001; STEINBERG, 1997; STEINBERG, KINCHELOE, 2001).

Com as problematizações apresentadas nesta seção, procuro marcar algumas posições, mesmo que provisórias e contingentes, de algumas balizas teóricas e empíricas das tramas que constituem esta investigação. Toda a explanação deste capítulo permite-me argumentar que os significados da condição de estudante universitário não se apresentam de modo universal ou a-histórico, ou melhor, não podemos encontrar significações prévias para essa condição, uma vez que essa construção não se dá fora da linguagem. De uma perspectiva foucaultiana, penso que o sujeito universitário apenas faz sentido em uma trama enunciativa que o visibiliza. Assim, o entendimento dessa

constituição passa pela perspectiva da indeterminação desse significado, uma vez que ele ganha sentidos nas relações de saber-poder que o inventam. Os textos jornalísticos são apenas alguns dos espaços em que as enunciações ganham possibilidades de sentidos e, como tais, estão imersas em tramas culturais, enredadas nas tramas de significação deste mundo. Na próxima parte, procurarei mostrar como ocorreu a constituição da pauta desta dissertação. Torno visíveis alguns dos modos de investigação utilizados, as produtividades investigativas de Vestibular/ZH, bem como a agenda teórica que me permitiu ler as condições de possibilidade desta pesquisa.



PARTE 2:

NA REDAÇÃO ...

3. INTERROGAÇÕES AO PRESENTE: PESQUISA NAS EXTERIORIDADES

O primeiro livro de contos do escritor argentino Jorge Luís Borges foi formado por um conjunto de textos produzidos para o jornal *Crítica*, em seu encarte semanal Revista Multicolor de los Sábados, no período entre agosto de 1933 e setembro de 1934. Esses escritos, organizados sob o instigante título de “História Universal da Infâmia”, contavam as biografias de sujeitos ambíguos, fora-da-lei, provocadores, enfim, infames de várias ordens. Os contos, em sua maioria, eram versões adaptadas de outros contos ou de histórias ouvidas e reescritas pelo escritor em sua trajetória. Talvez a marca que mais se evidencia nesses escritos é o seu estilo ao narrar os personagens, ao enredá-los em uma trama histórica marcada pela ironia, pela imitação, pela movimentação descontínua. No prólogo da primeira edição, o próprio Borges argumenta que seus textos “abusam de alguns procedimentos: as enumerações díspares, a brusca solução de continuidade, a redução da vida inteira de um homem a duas ou três cenas” (BORGES, 2001, p. 15).

E que relação poderia haver entre Borges e esta produção investigativa? Da condição infame de seus personagens, busco pensar de forma aproximada sobre a condição dos sujeitos pesquisadores na pós-modernidade, que se movem em um tempo marcado pelas incertezas, pelas flutuações e pelas discontinuidades. Entretanto, a condição emergente desse estilo de Borges talvez seja a possibilidade de constituir uma narrativa marcada por um pensamento de superfície, um pensamento infame, ainda lembrando seus personagens – “patíbulos e piratas o povoam e a palavra infâmia aturde no

título, mas sob o túmulo não há nada. Não é mais que aparência, que superfície de imagens, por isso mesmo talvez possa agradar” (BORGES, 2001, p. 18). A possibilidade de produzir uma escrita infame que se movimenta por uma superfície investigativa é o que nesta movimentação analítica me interessa ao colocar em circulação algumas das formas como fui movendo e sendo movido por esta pesquisa.

Produzir uma pesquisa que opere nas superfícies não poderia ser confundida com algo superficial, pouco exploratório ou insuficientemente tematizado. “A superfície não se opõe à profundidade (voltamos à superfície), mas à interpretação. O método de Foucault sempre se contrapõe aos métodos de interpretação” (DELEUZE, 2007a, p. 109). O estilo e a performance de uma investigação com essa perspectiva deslocam-se de uma suposta interpretação dos materiais que nos esperavam no mundo.

Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou aquilo que Foucault chamou de “a atualidade” (DELEUZE, 2007a, p. 109).

Sentindo-me inquieto e desafiado a examinar a constante presença do caderno Vestibular/ZH nas tramas de minhas trajetórias pessoal, profissional e acadêmica, assim como tendo buscado uma aproximação com um referencial teórico (os Estudos Culturais, em conexão com os estudos foucaultianos) que me desse condições de examinar os modos de constituição dos sujeitos universitários nas capas desse suplemento, passei a elaborar um conjunto de questões e de estratégias investigativas que possibilitassem a dinâmica deste trabalho, reconhecendo, enfim, que minhas pretensões estavam em produzir um olhar investigativo pelas superfícies dos materiais, ou seja, estudá-los em suas exterioridades. Nesta trama investigativa que fui constituindo, fiz a opção de tratar a noção foucaultiana de discurso como primeira ferramenta analítica, ou seja, tomei-a como um instrumento que me

ajudasse a examinar os materiais investigativos propostos, em face das hipóteses e das problematizações que já vinham emergindo sobre os cadernos Vestibular/ZH. Posteriormente, após um exaustivo trabalho de descrição, uma nova ferramenta apareceria pelos contornos dos próprios enunciados.

Considerei a produtividade de operar analiticamente com esses materiais, reconhecendo os movimentos históricos que experienciamos na contemporaneidade, em que os produtos das tecnologias da comunicação e da informação adquiriram grande centralidade como marcas culturais de nossos tempos. Talvez, nestes tempos em que os produtos midiáticos e suas ressonâncias para os diferentes grupos culturais se multiplicam, ganhem em produtividade as investigações acerca desses materiais, tomando seus discursos não apenas pelo seu valor expressivo.

Talvez seja o momento de estudar os discursos não mais apenas em seu valor expressivo ou suas transformações formais, mas nas modalidades de sua existência: os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos variam de acordo com cada cultura e se modificam no interior de cada uma [...] (FOUCAULT, 2001, p. 286).

Tomar discursos em suas modalidades de existência talvez implique algumas aproximações com os modos como a materialidade investigada enuncia-se e movimenta-se nas culturas de nosso tempo. Os cadernos Vestibular/ZH são uma publicação semanal dirigida aos estudantes em processo preparatório para a universidade, o que, de certa forma, faz com que esse material produza ressonâncias em múltiplos espaços, tais como as escolas de Ensino Médio, os cursos pré-vestibular, as universidades, as empresas, o mercado, as famílias e os próprios sujeitos estudantes. Os modos como esse material é dirigido aos diferentes grupos aproximaram-me provisoriamente do conceito de “modos de endereçamento”. De imediato, preciso pontuar que o conceito de “modos de endereçamento”, utilizado por Elizabeth Ellsworth (2001), emerge vinculado às teorias do cinema. Entretanto, a autora, interessadamente, coloca-o em articulação com as coisas da educação. “O evento

do endereçamento ocorre num espaço que é social, psíquico, ou ambos, entre o texto do filme e os usos que o espectador fez dele” (idem, p.13).

Com isso, pode-se pensar que os modos de endereçamento não produzem efeitos unilaterais às subjetividades dos seus públicos, pois elas estão em movimento, e o espaço entre o endereçamento e a resposta dada é um espaço social, fazendo-nos reconhecer que não se pode controlar um modo de endereçamento.

Mesmo que o público nunca esteja no lugar para o qual o filme fala, o lugar que o filme endereça parece existir como um ‘lá’ abstrato e partilhável, uma posição de sujeito imaginada no interior do poder, do conhecimento e do desejo que os interesses conscientes e inconscientes por detrás da produção do filme precisam que o público preencha (idem, p. 39).

Assim, o poder de um modo de endereçamento “reside em seu caráter indeterminado” (idem, p.43), mas cabe reiterar que, mesmo de forma não-vertical, os endereçamentos produzem efeitos, constituídos justamente por sua multiplicidade. Possivelmente, nestes tempos de centralidade das culturas midiáticas (SARLO, 2002), a análise dos cadernos Vestibular/ZH ganhe em produtividade investigativa, na medida em que esses materiais ampliam seu campo de circulação, desde o aumento das demandas de estudantes ao ensino superior até os acessos virtuais, também possíveis a esses materiais.

3.1 Possibilidades investigativas

Tomo como materialidade investigativa o caderno Vestibular, encarte semanal do jornal *Zero Hora*, destinado a estudantes em processo preparatório para o ingresso na universidade. *Zero Hora* é um jornal diário com circulação regional, fundado em 4 de maio de 1964. Apresenta, em sua estrutura editorial, um conjunto de outros cadernos e suplementos, endereçados a vários públicos, tais como: Campo e Lavoura, Esportes, Empregos e Oportunidades, Donna, TV Show, Meu Filho, Cultura, etc. É vinculado ao grupo RBS, Rede Brasil Sul de Comunicações, que tem o predomínio nos investimentos e

recursos no campo das mídias (televisão, rádio, jornal, etc.) em todo o Estado do Rio Grande do Sul, abrangendo, inclusive, o Estado de Santa Catarina.

Estou considerando, mesmo provisoriamente, que os enunciados que circulam nesse encarte produzem/inventam um sujeito com características específicas, “o estudante universitário”. Isso se dá por um conjunto de estratégias discursivas e não-discursivas que emergem de suas páginas, marcadas por textos, imagens, fotografias, cores, letras, símbolos, anúncios publicitários, etc.

Movo-me com a idéia de estratégias discursivas procurando entender os movimentos que instituem “uma prática discursiva determinada, o ponto em que elas se constituem, [...] as formas que assumem, as relações que estabelecem entre si e o domínio que comandam” (FOUCAULT, 2007, p. 175-176). Ou, ainda, buscando visibilizar os espaços em que os enunciados irrompem nos cadernos, assim como as regularidades e os deslocamentos que produzem em suas práticas. Ao mesmo tempo, reconheço que outras estratégias operam nesses cenários – as não-discursivas –, pois os discursos não circulam livremente por qualquer espaço, sem restrições ou interdições. Ao mesmo tempo em que os enunciados aparecem, outras condições dão evidências para isso – perspectiva proposta por Deleuze (2006) na diferenciação entre o enunciado e seu duplo, ou entre “o dizível e o visível” nas teorizações foucaultianas. Acerca desse campo de visibilidades, com Michel Foucault (2007), é possível aprender que cada sociedade produz os seus regimes de verdade, pois a verdade é deste mundo e, como tal,

[...] ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados pelo poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” da verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros [...] (FOUCAULT, 2007c, p. 12).

Meu olhar voltou-se para essas estratégias, pois com elas pude visibilizar algumas paisagens discursivas e não-discursivas que eram movimentadas pelos cadernos Vestibular/ZH. Isso me possibilitou avançar nos movimentos analíticos, estando atento não somente aos textos de que ia me aproximando, como também aos espaços de poder que os acompanhavam permanentemente. Ao ler os enunciados, era movido pela perspectiva de que se sabe “que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2006, p. 9), e de que, dessa forma, ao produzir seus efeitos, um deles na constituição de sujeitos, Vestibular/ZH estava tramado em/por relações de poder-saber.

Procurei analisar a constituição dos sujeitos universitários, reconhecendo-os como descentrados e instáveis em suas posições, o que me conduzia a pensar fora das preocupações de uma suposta influência perversa das mídias. Seguindo Roger Silverstone (2002), em Estudos Culturais na Comunicação, sentia-me convidado a pensar nossas relações com esses materiais de forma nômade, como viajantes, “movendo-nos de um lugar para outro, de um ambiente midiático para outro, estando às vezes em mais de um lugar ao mesmo tempo” (SILVERSTONE, 2002, p. 23). As mídias adquiriram grande centralidade na compreensão das dinâmicas culturais da atualidade, pois elas filtram e moldam “realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e manutenção do senso comum” (SILVERSTONE, 2002, p. 20).

Ainda preciso enfatizar que se deixar deslocar pelos movimentos midiáticos da contemporaneidade não significa desconsiderar as tramas de poder que constituem e perpassam esses espaços. Em nosso tempo,

[...] as relações de poder encontram-se profundamente arraigadas no nexos social, e não constituem, por cima da sociedade, uma estrutura suplementar com cujo desaparecimento se possa sonhar. De qualquer forma, viver em sociedade é viver de modo tal que seja possível que uns atuem

sobre as ações dos outros. Uma sociedade sem relações de poder é uma abstração (FOUCAULT, 1995, p. 240).

Conduzido pelas idéias de que vivemos em um tempo marcado pela incerteza e de que as características marcantes do projeto moderno estão em um estágio de “liquidez” (BAUMAN, 2001), dou continuidade às considerações sobre o poder na contemporaneidade. Diferentemente do período caracterizado pelo panóptico, em que a vigilância imperava como ferramenta de disciplinamento e o olhar exercia um papel fundamental no controle do tempo e do espaço, hoje o poder vem ganhando novos delineamentos. Zygmunt Bauman (2001) aponta que a Modernidade, em seu estágio presente, se configura de forma “pós-panóptica” (p.18), isto é, as técnicas do poder passaram a ser outras: “são a fuga, a astúcia, o desvio e a evitação, a efetiva rejeição de qualquer confinamento territorial, com os complicados corolários de construção da ordem, e com a responsabilidade pelas conseqüências de tudo” (BAUMAN, 2001, p. 18).

De acordo com esse sociólogo, o que daria condições de possibilidade para que essas configurações de poder se estabeleçam é a desintegração da rede social, pois, nesse estágio fluído da Modernidade, “para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas” (BAUMAN, 2001, p. 22). Isso talvez nos encaminhe a problematizar como tecnologias de informação e de comunicação produzem efeitos na constituição de sujeitos, sobretudo atualmente, quando os laços humanos são frágeis e quebradiços.

Tomando estes tempos pós-panópticos como algumas condições de possibilidade para a circulação e a efetividade de materiais, optei pela análise dos cadernos Vestibular/ZH considerando sua ampla circulação junto a estudantes de Ensino Médio, conforme acompanho ao longo da trama histórica (VEYNE, 1995) que tem me produzido enquanto pesquisador. Esse encarte, publicado semanalmente (nas quartas-feiras) pelo jornal *Zero Hora* desde o início da década de 1990, traz em sua pauta a preparação para o vestibular. Com essa intenção, Vestibular/ZH propõe-se a tirar dúvidas sobre o mercado

de trabalho, apresentar sugestões de estudo com questões preparatórias, visibilizar instituições de ensino superior e, ao mesmo tempo, narrar formas específicas de estudar, trabalhar e viver como um “universitário”.

De forma a tornar visíveis as estratégias editoriais desse material, passo a descrever sua organização. Pude notar que sua organização editorial é apresentada a partir de cinco seções básicas, variáveis, alternáveis ou ampliáveis, conforme o desenvolvimento de cada edição e os acontecimentos que perpassam tanto as preocupações da sociedade naquele período, quanto os interesses da própria editoração:

a) Capa: expõe a tematização central da edição através de uma manchete jornalística², normalmente apresentada nas cores azul e preta. Apresenta um breve texto³, com opiniões de especialistas ou de estudantes bem-sucedidos em determinada área acadêmica ou profissional; uma ou duas imagens fotográficas ligadas, regularmente, aos estudantes que participaram da matéria; um anúncio publicitário na parte superior à direita, que se refere, em todos os casos, a uma universidade. As capas costumam ser produzidas de acordo com lançamentos de cursos superiores por alguma universidade ou por temáticas que estão preocupando a sociedade. Questões como as cotas nas universidades públicas, a participação de um clube de futebol em eventos internacionais e a crise nos aeroportos brasileiros pautaram as capas do caderno no período examinado.

b) Universidade: esta seção sugere um conjunto de atividades que podem ser desenvolvidas no interior de uma universidade: cursos de línguas, oficinas profissionalizantes, ações solidárias, atividades de férias, estágios. Costuma apresentar inúmeros anúncios publicitários ligados às Instituições de Ensino Superior, sobretudo nos períodos próximos aos exames vestibulares, podendo estes estar ou não relacionados aos temas de reportagem.

² Conforme Lustosa (1996), a manchete “deve atrair a atenção e dar uma idéia geral dos fatos. Mas, sobretudo, anunciar o fato, assumir a notícia e embelezar a página” (p. 149).

³ Esse breve texto, também nomeado de “chamada”, serve para “fazer indicações sobre a matéria, visando a despertar o interesse sobre o assunto narrado” (LUSTOSA, 1996, p. 153).

c) Páginas centrais: apresentam resumos de conteúdos preparatórios para as provas do vestibular. Esses resumos são assinados por professores de cursos pré-vestibulares da Grande Porto Alegre, que normalmente também recebem alguma ênfase publicitária nessas páginas. Podem também ser tratados como conteúdo exclusivo do grupo Unificado⁴, especialmente no período que antecede o concurso vestibular das grandes universidades (UFRGS, PUCRS, UNISINOS, ULBRA). Em continuidade às páginas centrais, na maioria das edições analisadas, na página 6 é desenvolvido o “Teste de conhecimentos”, que contém cinco questões extraídas de provas de vestibulares de anos anteriores e comentadas pelos mesmos professores produtores dos resumos das páginas centrais. d) Tema em questão: é organizado a partir de uma enquete realizada ao longo da semana no *site*⁵ do grupo mantenedor do jornal. As questões referem-se a temas contemporâneos, como a pena de morte, a eutanásia, as cotas, a redução da maioria penal, os crimes ambientais, maus tratos com animais domésticos, dentre outras. Traz regularmente quatro opiniões de estudantes universitários sobre o tema focalizado e finaliza com o “ponto de vista” de um especialista.

e) Carreiras: esta seção expõe as características, os processos de formação, os locais de estudo e o mercado de trabalho de uma determinada carreira profissional. Também apresenta o relato “Como eu fiz”, onde um profissional bem-sucedido na área destacada pelo jornal apresenta o que fez para atingir seus objetivos na profissão escolhida por ele, que costuma ser a mesma explorada na edição. Elenca estratégias de contatos, modos de apresentar-se nas empresas, técnicas para a elaboração de *curriculum vitae* ou mesmo como manter-se permanentemente atualizado sobre as notícias do mundo referentes aos campos de atuação.

3.2. Pluralizando olhares

⁴ O grupo Unificado é a maior rede de cursos pré-vestibulares do Estado do Rio Grande do Sul, hoje em ampla expansão para outros estados e setores da educação (www.unificado.com.br).

⁵ Ver <http://www.clicrbs.com.br>.

Ainda preciso colocar em circulação algumas outras formas pelas quais fui compreendendo os cadernos Vestibular/ZH. Sua construção dá-se, segundo o entendimento que venho produzindo a partir dos estudos foucaultianos, na irrupção de uma multiplicidade de registros, pois eles não são textos idealizados ou sem asperezas, mas “um espaço de dissensões múltiplas, um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos” (FOUCAULT, 2007, p. 175). Como “espaços de dissensão”, entendo-os na condição de textos culturais ou, mais simplesmente, como “um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição de sujeito, etc.) podem ser abstraídas” (JOHNSON, 2004, p. 75).

Ao entendê-los nessa condição, não posso prescindir de reafirmar que são produzidos nas relações das mídias contemporâneas. Aponto a mídia como um processo social (SILVERSTONE, 2002), o que também implica

[...] um reconhecimento de que ele é fundamentalmente político ou talvez, mais estritamente, politicamente econômico. Os significados oferecidos e produzidos pelas várias comunicações que inundam nossa vida cotidiana saíram de instituições cada vez mais globais em seu alcance em suas sensibilidades e insensibilidades (SILVERSTONE, 2002, p. 17).

Mesmo com o alcance econômico-político ampliado dos produtos midiáticos em geral, o jornal, em particular, ainda marca uma presença considerável nas práticas culturais de nosso tempo (MAROCCO, 2003). Na perspectiva de veículo comunicacional, é produzido segundo um conjunto de regras de produção midiáticas, jornalísticas, políticas, econômicas e culturais, variáveis ao longo do tempo, e atravessado por estratégias de saber-poder que o marcam sob determinadas historicidades, ou seja, as produções jornalísticas não são universais: variam de acordo com o tempo e o espaço em que emergem. Segundo Marocco (2003), compreender essas tramas de poder é uma das principais possibilidades de mapear os procedimentos jornalísticos, pois,

[...] sem essa referência ao sistema de produção que controla sua conformação, os documentos não poderão liberar a massa de elementos que o analista deve isolar, agrupar e dispor no conjunto de relações discursivas originário (MAROCCO, 2003, p.90).

Procurando problematizar essas relações discursivas em que o texto jornalístico se inscreve, Marocco ainda lembra que o “registro jornalístico, documento ou nota jornalística, é a expressão material das práticas jornalísticas” (idem, p. 91). Assim, segundo a autora, a arquitetura de um texto jornalístico poderia apresentar uma primeira camada ligada às opiniões editoriais e observações do jornalista e, possivelmente, uma segunda camada que estaria marcada por uma polifonia de vozes, podendo estar associada a uma multiplicidade de significados e “à caracterização de profundidade, que compartilhava com os discursos sociais que pretendiam a normalização e o controle” (idem, p. 90). Conforme Marocco, a primeira camada estaria ligada aos fatos segundo sua condição de acontecimentos ou mesmo pela subjetividade do jornalista; entretanto, a segunda camada seria visibilizada pelo conjunto de condições discursivas que fazem com que aquela nota jornalística seja lida desta ou daquela maneira. O que levou, por exemplo, as cotas para estudantes nas universidades públicas a serem tópicos de capas de Vestibular/ZH por três semanas consecutivas talvez tenham sido os modos como as condições sociais daquele período davam centralidade a esse assunto.

No que se refere à linguagem dos textos jornalísticos, Lustosa (1996) aponta algumas diferenças entre os jornais e os demais meios de comunicação social:

O jornal apresenta algumas características marcantes, como:

1. trata dos fatos ocorridos no dia anterior; assim relata o que passou;
2. oferece ao leitor um exame analítico e uma reflexão sobre os acontecimentos;
3. é abrangente, cobrindo uma vasta gama de assuntos;
4. combina dois códigos, o escrito – texto – e o visual – fotografia, ilustrações e apresentação gráfica;
5. é temporal, ou seja, só vale por um dia, no outro, será jogado fora (LUSTOSA, 1996, p. 86).

A linguagem de um jornal assume, em face dessas caracterizações, um caráter interpelativo, pois, ao servir-se de exames analíticos de fatos já ocorridos, essa mídia está a todo momento buscando convencer os seus leitores de que vale a pena seguir lendo sobre determinada pauta. A isso se junta o uso de uma linguagem objetiva e descritiva na organização dos textos e das imagens. A própria noção de texto jornalístico é deslocada: o jornal, então, não inventa notícias, antes visibiliza a pauta social de um determinado período (LUSTOSA, 1996).

Ao reconhecer que os textos desse material se movimentam nas tramas culturais deste nosso tempo de liquidez, incertezas e múltiplos deslocamentos, vejo também como tendem a deslocar minhas preocupações analíticas. Ao invés de propor a análise de um sujeito estável, este se descentra, e a cultura emerge com uma relativa centralidade nas análises sociais (HALL, 2006). Nossas relações com os textos também estão em mudança permanente, pois são eles que nos inventam e fazem de nós o que somos:

Nossas posições de sujeito foram irremediavelmente abaladas, e somos, cada vez mais, subjetivados, sujeitados, enredados nas tramas da cultura. São os textos circulantes no império cultural que estão nos inventando e fazendo de nós o que somos (COSTA, 2005, p. 211).

Dessa forma, considerando as culturas como lugares enunciativos e os textos jornalísticos como textos culturais que nos enredam, posso perguntar: como compreender suas estratégias de interpelação e de endereçamento? As posições dos sujeitos têm uma dinâmica ativa nesses processos, assumindo identificações múltiplas e, concomitantemente, resistindo e traçando outras linhas para a sua constituição. Em suma, essas considerações permitem-me afirmar que se constituir como um sujeito estudante universitário é uma produção enredada na linguagem e, inescapavelmente, nas tramas culturais.

3.3 Estratégias analíticas: constituindo um problema

Desenvolvi estas análises tomando como referência um conjunto de 20 edições não-seqüenciadas do caderno Vestibular/ZH, distribuídas no período de agosto de 2006 (23 de agosto, edição número 514) a julho de 2007 (25 de julho de 2007, edição número 563). Considerei esse período porque, nesse cenário de um ano, consegui visualizar três processos preparatórios para o ingresso na universidade: dois concursos vestibulares de inverno e um de verão. Com isso, aproximei-me daquelas condições de possibilidade que me permitiram olhar também para os acontecimentos sociais que produzem sentidos para a leitura dos enunciados que circulam nesses encartes. É nesses “momentos” que o material circula mais entre os grupos de estudantes, assim como se torna mais produtivo, do ponto de vista da escola, pelo seu conteúdo. Nesses períodos, circulam mais enfaticamente discursos que se apresentam como do interesse da escola, da universidade e do mercado educacional e profissional.

Nas análises dos cadernos Vestibular/ZH, priorizei apenas as suas capas. Acredito que, com elas, suas manchetes, textos, imagens, cores e anúncios publicitários, pude compreender algumas das condições de emergência de alguns discursos e problematizá-los em suas relações de saber-poder. Considero que, ao analisar os processos de constituição de sujeitos, fui levado pelo jogo enunciativo palavra - imagem - sujeito que a capa põe em evidência, colocando-me de forma interessada nas análises que fiz dos enunciados em suas condições de emergência, pois

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2007, p.31).

Compreender os enunciados em sua estreiteza e singularidade implicou pensá-los em sua condição de “monumentos” (FOUCAULT, 2007), o que encaminhou para estender o olhar para sua exterioridade, em suas condições de emergência, ou seja, onde emerge esse enunciado e não outro. Contemporaneamente, estamos imersos em um cenário em que as incertezas, as fragmentações e as discontinuidades vêm demarcando nossas formas de relacionamento social, nossas percepções acerca do tempo e do espaço, assim como nossas compreensões dos modos pelos quais nos constituímos. Operar em análises das movimentações culturais de nosso tempo implica, de certa forma, aceitarmos esse convite de

deixarmos para trás o lago sereno das certezas e mergulhar naqueles autores e teorizações nos quais encontremos fontes consistentes, ferramentas produtivas para a formulação de nosso problema de pesquisa, exatamente na medida em que eles nos convidem ao exercício da arte de pensar de outra forma o que pensamos, buscando tensionar essas mesmas fontes conceituais, ousando cotejá-las com outras talvez menos seguras para nós e, especialmente, ousando estabelecer relações entre esses referenciais e as primeiras incursões que fazemos em nossos materiais empíricos (FISCHER, 2002, p.58).

Em face desse convite, que suscitou aceitar ser envolvido por outras interrogações e tomar as incertezas como “determinantes” no entendimento de nosso tempo, optei pelas teorizações de Michel Foucault, procurando empregá-las na qualidade de “usuário” de suas ferramentas de trabalho. Com esse referencial, pude movimentar-me e ser movimentado nas reflexões acerca da constituição dos sujeitos a partir dos discursos que circulam no caderno Vestibular/ZH. Notei, ainda que sutilmente, que, no decorrer da investigação, cada vez mais fui intensificando minhas aproximações com a produção filosófica de Foucault.

Deste momento em diante, detenho-me em narrar alguns dos movimentos investigativos que desenvolvi, mostrando as práticas que constituíram esta pesquisa. Não busco constituir um modelo ou uma proposição; apenas procuro relatar os itinerários que percorri nesta pesquisa.

Reconheço que percorrer esses espaços torna-se algo muitas vezes desconhecido ou arriscado, pois nem sempre os lugares encontrados são acessíveis. Mover-me nessa perspectiva, aceitando ser conduzido pelas demandas do percurso, contraria o jeito clássico de pensar as investigações.

Procurando deixar de lado um estilo clássico e assumindo o estilo transversal a que Gallo (2006) se refere, considere, primeiramente, a possibilidade de deslocar-me pelas camadas dos discursos que são movimentados nas capas dos cadernos Vestibular/ZH, tentando extrair seus enunciados e visibilizar alguns de seus múltiplos sentidos na produção da historicidade do presente. Mover-me pela historicidade do presente implicou um distanciamento das pesquisas que buscam origens ou fundamentos para justificar os processos desse mesmo presente. A atitude que atravessou esses movimentos foi uma suspeita permanente, não apenas acerca dos sentidos emergentes, mas das próprias trilhas da investigação. Operar com o presente poderia significar como tornar problemáticas as verdades naturalizadas nas paisagens culturais da contemporaneidade.

Sentindo-me, então, instigado a problematizar os modos como os materiais aqui considerados operavam na constituição de sujeitos universitários, não tive a intenção de traçar um julgamento sobre seus usos pedagógicos, nem mesmo pretendo defender a possibilidade de os estudantes os utilizarem ou não. Com isso, não considere que haja um estudante universitário não contaminado por essas ou outras discursividades. Minha intenção, ao aproximar-me dos estudos foucaultianos como ferramenta das análises investigativas, era reconhecer a produtividade das relações de saber-poder que irrompiam dos enunciados emergentes dos cadernos Vestibular/ZH.

Tomando a potencialidade desses cadernos na constituição de sujeitos universitários, sem buscar uma suposta alienação ou algo que estivesse inconsciente nesses sujeitos, aproximei-me de um conjunto de textos (artigos, dissertações e teses) do campo dos Estudos Culturais contemporâneos, em suas produtivas aproximações com os estudos desenvolvidos por Michel Foucault e

seus comentadores. Uma das conexões entre os Estudos Culturais e as pesquisas de inspiração foucaultiana acerca dos discursos estaria nas pesquisas culturais que partem da centralidade analítica do texto, entendido como superfície por onde circulam múltiplos discursos. Essa centralidade visibiliza-se no campo analítico, pois “o ‘texto’ não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que efetiva e torna disponíveis” (JOHNSON, 2004, p. 75). Com esse entendimento, o texto passa a ser percebido como um meio para fazer outras análises possíveis da “vida subjetiva das formas sociais em cada momento de sua circulação, incluindo suas corporificações textuais” (ibidem). A principal marca desse tipo de estudos seria a preocupação com os “produtos culturais” (idem, p. 64), tratados, então, como textos.

Para este momento, as teorizações foucaultianas são úteis para a compreensão de como as relações de saber-poder produzem sentidos na contemporaneidade. Tenho-me servido da potencialidade desse referencial, reconhecendo, junto com Veiga-Neto (2005), que não há uma teoria foucaultiana, pois, ao operarmos com as idéias de Foucault, não se faz necessário uma carteirinha ou mesmo uma profissão de fé – principalmente, suas contribuições poderiam ser compreendidas como ferramentas, e não como postulados. Veiga-Neto (2005) indica que Foucault, “na contramão da corrente, (...) não quer criar um sistema, nem mesmo alguma teoria filosófica, mas quer dar liberdade à sua filosofia” (p. 25). Esse autor ainda argumenta que, ao nos movermos analiticamente numa perspectiva foucaultiana, precisamos de uma “fidelidade negativa”, ou seja, “tentar sempre, usá-lo e ultrapassá-lo, deixando-o para trás” (VEIGA-NETO, 2005, p. 25). Talvez seja isso que eu esteja buscando na trama que constitui esta investigação, estimulando aproximações com os Estudos Culturais ou com outros autores de inspiração pós-moderna e pós-estruturalista.

Diante da investigação que ora apresento e deste referencial teórico-analítico que me movimenta, continuei a explorar os cadernos Vestibular/ZH. A primeira ferramenta analítica movimentada nesta

investigação, conforme já aponte, foi o conceito foucaultiano de discurso. Nesse sentido, busquei uma aproximação mais efetiva com aquelas noções que emergiam dos estudos de Michel Foucault, entretanto, não buscava fixar os discursos em unidades conceituais, mas tratá-los em suas multiplicidades. Tomando a multiplicidade como uma perspectiva possível para buscar as produtividades da noção de discurso nas pesquisas contemporâneas em educação, noto que a maioria das pesquisas que movimentam essas linhas busca inspiração em *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2007), procurando investigar como nos tornamos sujeitos do conhecimento e compreendendo que os discursos produzem/inventam verdades ou, ainda, os objetos de que falam. Inspiram-se na arqueologia como ferramenta de análise, buscando escavar as múltiplas camadas que compõem os discursos.

Olhando para esses produtivos itinerários (como aqueles produzidos por Sommer, 2007; Fischer, 2001a; Garcia, 2002; Marocco, 2003; Santos, 2006), pude considerar que uma pesquisa de inspiração pós-estruturalista se constitui como um campo de invenção, o que a leva a entender os discursos que produzem os processos educacionais como estratégias, fabricações, maquinações. Os processos educativos, tomados em suas discursividades, escapam da possibilidade de afixarem-se em listas ou práticas fechadas, emergindo como linguagem, como prática social ou mesmo como modo de subjetivação. Mas essa discussão acerca dos usos da ferramenta foucaultiana do discurso remeteu-me para outra discussão, sobre a indissociabilidade entre discurso e poder, na medida em que os discursos não perambulam livremente por qualquer espaço e há uma ordem que os regula. Era preciso mais uma vez desafiar os caminhos e procurar ver algo diferente do esperado.

3.4. Dos modos de pesquisar

A pesquisa que aqui relato movimentou-se pela análise dos cadernos Vestibular/ZH tomando esses materiais na positividade dos seus escritos e na produtividade das relações de poder que neles operam. Não

busquei, então, um conjunto de frases que estariam inscritas nos discursos analisados, mas deixava-me cativar pelos enunciados que deles emergiam. Inspirado na leitura deleuziana sobre Foucault, entendi os enunciados como multiplicidades, o que me exigiria como pesquisador descrever suas regularidades. Fazer esses movimentos implicou “pegar as coisas para extrair delas as visibilidades” (DELEUZE, 2006, p. 120). Com isso, buscava visibilizar uma curva na qual essas visibilidades poderiam ir se conectando e emergindo.

O enunciado, com efeito, não se confunde com a emissão de singularidades que ele supõe, mas com o comportamento da curva que passa na vizinhança delas, e mais geralmente com as regras do campo em que elas se distribuem e se reproduzem (DELEUZE, 2007a, p. 16).

Constituindo regularidades enunciativas, ao fazer uma movimentação diagonal, propunha-me a entender os enunciados descolados da ordem da originalidade, ou mesmo da presença de um sujeito enunciador. Seriam os enunciados “murmúrios anônimos”, sem autores preestabelecidos ou tempos pré-fixados. “Os enunciados não são palavras, frases ou proposições, mas formações que apenas se destacam de seus *corpus* quando os sujeitos da frase, os objetos da proposição, os significados das palavras mudam de natureza” (DELEUZE, 2006, 29). Procurando investigar os cadernos Vestibular/ZH na trama de suas asperezas múltiplas, no próprio jogo de sua instância, comecei a descrever tudo aquilo que lia e via nas capas desse material. Compus esquemas de descrição das capas onde apontava a edição, a data e a manchete, fazia uma breve descrição das imagens, uma descrição do texto da chamada, apontava fragmentos que considerava significativos e, por fim, idéias emergentes daquela capa (ou seja, aquilo que o jornal me levava a pensar). Nomeei essas sistematizações de ***aproximações de superfície***, pois não tentava entrar na lógica interna dos textos, buscando, isso sim, aquilo que as capas me provocavam a pensar.

Manchete: Vocação militar

Foto:

No pátio de uma Academia Militar, cercados por prédios e tanques de guerra, estão um homem e uma mulher utilizando uniformes militares. O homem (um pouco atrás)   branco, enquanto a mulher tem traços orientais. Demonstram segurança desde um olhar firme e tranqüilo. A legenda diz: *Os primeiros-tenentes Mayuni e Ustra escolheram a carreira militar devido   estabilidade e à qualidade de ensino.*

Texto:

Apresenta as carreiras militares, suas demandas e necessidades. Marca as idéias de estabilidade na carreira, a qualidade do ensino militar e a vocação necessária para a dedicação exclusiva à carreira militar.

Fragmentos:

Tendo optado pela arma de Cavalaria, aos 27 anos, o 1  tenente Ustra é hoje oficial do 3  Regimento de Cavalaria de Guarda – Regimento Osório. E não se arrepende da escolha: as noites de pouco sono, muito estudo e vigília constante lhe renderam a estabilidade e a despreocupação com o mercado de trabalho.

- Nos formamos e temos emprego garantido. Quem sai de uma faculdade ainda tem de procurar oportunidades – diz.

Nos currículos, as instruções militares se misturam às disciplinas, e o estudante precisa estar preparado para desenvolver o corpo e a mente com muita disciplina.

- É como a Medicina ou o sacerdócio: É preciso ter vocação e se dedicar integralmente. Aqueles que pensam que terão apenas um emprego, não conseguirão se adaptar – alerta o chefe da seção de Comunicação Social do Comando Militar do Sul, coronel Eduardo Pantoja.

Idéias emergentes:

Vocação. Disciplina. Qualidade de ensino.

Essas aproximações de superfície causaram-me inquietações, o que me levou a procurar outras pesquisas para ver como elas operavam com a noção de enunciado. O que mais me preocupava era se este trabalho constituía-se como uma pesquisa. Perguntava-me que contribuições isso poderia trazer para os cenários da educação ou mesmo o que um pedagogo procuraria no terreno perigoso dos textos midiáticos. Assim, levei adiante essas inquietações, buscando maior imersão nos entendimentos acerca dos enunciados foucaultianos, mas principalmente reconhecendo que esse olhar pelas exterioridades me levava a ver também outras coisas naqueles *monumentos*.

Ainda preciso destacar os intensos e produtivos momentos de imersão nos materiais, as idas e voltas constantes aos cadernos analisados.

Sendo a dispersão uma das marcas da espessura da linguagem, fui descrevendo os monumentos de Vestibular/ZH, sem tratá-los como um valor em si mesmos, mas “aceitar tratar apenas, por questão de cuidado com o método e em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos” (FOUCAULT, 2007, p. 24). Para narrar as regularidades enunciativas em suas curvas e deslocamentos, construí outra estratégia de sistematização, que partia das descrições de superfície, apontadas anteriormente, e das questões de pesquisa que catalisam esta investigação.

Estratégias	Táticas	Ressonâncias curriculares	Comentários
1) A capa não apresenta fotografias, mas quatro desenhos. O personagem é um jovem loiro, utilizando tênis, bermuda e camiseta. Na primeira imagem, ele está passeando pela cidade. Na segunda, está sentado à frente de uma mesa, estudando. Na terceira, ele está descansando com seu cachorro, lendo e ouvindo música. Na última, está caminhando rápido, com seu material, olhando para o relógio.	Apresenta modos de preparação para a semana que antecede o vestibular. Cada desenho encaminha para as atividades destinadas para cada dia da semana.	* Propõe estratégias de ocupação do tempo em que não se está na escola. * As ações são individuais, pois ele está preparando-se para uma competição.	* Ocupação do tempo * Ausência da escola * Preparação para competição
2) Em um parque, dois jovens (um homem e uma mulher) posam para a fotografia em meio a duas pessoas fantasiadas de super-heróis. Ao fundo, aparecem dois <i>banners</i> com imagens de heróis de filmes infantis. A legenda da imagem indica: “Leonardo Pan (de bermudas) passou cinco meses trabalhando nos Estados Unidos, mas teve tempo para conhecer o país e	Mostra dois jovens participando de atividades de intercâmbio nos Estados Unidos. Destaca a importância dessas experiências para jovens que ainda não se decidiram por um curso superior específico.	* Participar de um intercâmbio como estratégia de amadurecimento. * A experiência em outro país como domínio de outro idioma, o que é bem aceito pelas empresas. * Os jovens gostam de trabalho	* Busca de amadurecimento para as demandas do mercado. * É preciso somar experiências para ficar mais qualificado (competitivo?).

Nessa tabela, que nomeei como **descrições monumentais**, associadas com as descrições de superfície, procurei tratar os textos das capas em suas asperezas, sem procurar entrar no jogo de sua escrita, sua lógica interna ou de seus sentidos ocultos. Movia-me, até então, com uma perspectiva metodológica que talvez pudesse ser caracterizada como uma leitura monumental (VEIGA-NETO, 2005), sendo que “isto significa que a leitura (ou escuta) do enunciado é feita pela exterioridade do texto, sem entrar na lógica interna que comanda a ordem do enunciado” (VEIGA-NETO, 2005, p. 125-126). Tomei essa leitura/análise monumental como uma atitude investigativa, e não como uma metodologia. A possibilidade de mover-me por entre as camadas dos discursos não trouxe consigo a possibilidade de uma seqüência fixa e estável de movimentos.

Tendo operado até aquele momento da investigação com uma leitura monumental como atitude investigativa, fazendo com que os enunciados irrompessem das capas de Vestibular/ZH, pude notar que outras idéias povoavam as margens dos enunciados. Numa leitura deleuziana, passei a deparar-me com as visibilidades (DELEUZE, 2006), outros espaços não circunscritos ao regime dos enunciados, mas que os acompanham em suas multiplicações. A chegada das visibilidades encaminhou-me para outro olhar: os modos como as relações de poder fazem-se observáveis naquela trama.

De forma mais específica, pude ir descrevendo os enunciados não apenas apontando a movimentação de suas curvas enunciativas, mas também vendo operar um conjunto de estratégias ligadas ao campo do poder. Estratégias como um suposto governo do campo de ação de sujeitos universitários permitiram-me perceber os discursos produzindo efeitos em outros espaços, o que, de certa forma, se vislumbrou como uma virada nos modos de olhar para os materiais. Gostaria de enfatizar que, em meu

entendimento, foram as possibilidades de uma leitura monumental que deram condições para que notasse estratégias de governamentalidade, potencializadas pela mídia (o que trabalharei na próxima seção). Então, na diagonal que me propus a percorrer, outro caminho também se fez possível e necessário, na medida em que outros espaços estavam em meios não-discursivos:

[...] relações discursivas com os meios não-discursivos, que não são em si mesmos internos nem externos ao grupo de enunciados, mas que constituem o limite de que falávamos há pouco, o horizonte determinado sem o qual tais objetos de enunciados não poderiam aparecer, nem tal lugar ser reservado dentro do próprio enunciado (DELEUZE, 2006, p. 21).

A presença de meios não-discursivos conduziu-me a outra noção: a noção de poder. Os deslocamentos entre essas noções (meios não-discursivos - relações de poder) fazem-se perceptíveis nas tramas culturais da contemporaneidade. Os discursos não se movem livremente por um campo homogêneo; antes disso, sua presença é marcada por um jogo de interdições e outros princípios de exclusão que os controlam e os regulam. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2006, p. 10). Sendo assim, a produtividade dos discursos emerge tramada por relações de poder, pois, como nos lembra Foucault, “a descrição espacializante dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos de poder que lhe estão ligados” (FOUCAULT, 2007e, p. 159).

Esse entendimento de poder a que estou me referindo não é aquele encarnado no aparelho do Estado, apropriado por uma classe social ou atributo essencial de alguns sujeitos. Na perspectiva foucaultiana, o poder é algo disseminado, circulante e relacional.

O poder não tem essência, ele é operatório. Não é atributo, mas relação: a relação de poder é o conjunto das relações de forças,

que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades (DELEUZE, 2006, p. 37).

O poder passa a ser visto como produtivo, não mais como algo repressivo ou exercido verticalmente nas relações sociais. Dessa produtividade, visibiliza-se que o próprio sujeito é um dos efeitos dessas relações. Assim, quando investigo alguns modos de constituição de sujeitos universitários, reconheço que estes “são o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças” (FOUCAULT, 2007e, p. 161-162). Com essas compreensões é que passei a operar com a ferramenta analítica do discurso para compreender se as movimentações discursivas dos cadernos Vestibular/ZH produziam modalidades de ser um sujeito universitário.

A produtividade do poder perpassa a maioria das teorizações foucaultianas do final dos anos 1970. Suas teorizações desse período mostram outra organização do poder, diferente do modelo jurídico da soberania, modelo este que “pressupõe o indivíduo como sujeito de direitos naturais ou de poderes primitivos” (FOUCAULT, 1997, p. 71), mas indica que “[...] seria preciso tentar estudar o poder não a partir dos termos primitivos da relação, mas a partir da própria relação, uma vez que é ela que determina os elementos dos quais trata”. Ou melhor, pensar as relações de poder na atualidade implica pensá-las em seus modos de exercício, uma vez que o poder “é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos” (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Avançando nas teorizações foucaultianas, comecei a observar a ferramenta da governamentalidade operando naqueles materiais. Para descrever esses regimes, optei metodologicamente por descrevê-los como estratégias, sustentadas e colocadas em movimentação por um conjunto de táticas. Essa ação produtiva de táticas e estratégias é que considero a partir das perguntas de pesquisa, formuladas como um “regime de práticas” (DEAN, 1999). Para desencadear novas movimentações, usando a governamentalidade

como ferramenta analítica, permaneci operando na exterioridade dos materiais, procurando fazer alguns deslocamentos. O primeiro deslocamento que considerei foi o das instituições, ou seja, ao operar com os regimes de constituição dos sujeitos universitários, não busquei pontos de fixação nas universidades, nem mesmo nas mídias impressas. O primeiro deslocamento metodológico que produzi estava em “passar por fora da instituição para substituí-la pelo ponto de vista global da tecnologia de poder” (FOUCAULT, 2008, p. 157).

O segundo deslocamento metodológico que me propus a fazer, ainda sob inspiração foucaultiana, estava em olhar para a exterioridade das funções. “Portanto, substituir o ponto de vista interno da função, pelo ponto de vista externo das táticas e das estratégias” (FOUCAULT, 2008, p. 158). Procurei analisar que táticas e estratégias eram mobilizadas na gestão das condutas de sujeitos universitários, ao invés de perguntar pelas funções das mídias ou pela função social das universidades.

O terceiro deslocamento mobilizado refere-se aos objetos a serem analisados. Procurei não me fixar no estudo de um objeto em si mesmo ou de uma questão investigativa em si mesma. Ao empreender suas pesquisas, Michel Foucault procurava mostrar os modos como seus objetos eram constituídos ao longo da história, o que não significa dizer que eles não existam. Por exemplo, “podemos dizer sem dúvida que a loucura ‘não existe’, mas isso não quer dizer que ela não é nada” (FOUCAULT, 2008, p. 158). Sugerindo esse triplo deslocamento metodológico para o estudo da governamentalidade, Foucault destaca a relevância da compreensão das tecnologias de poder.

Em suma, o ponto de vista adotado em todos esses estudos consistia em procurar destacar as relações de poder da instituição, a fim de analisá-las [sob o prisma] das tecnologias, destacá-las também da função, para retomá-las numa análise estratégica e destacá-las do privilégio do objeto, a fim de procurar ressitua-las do ponto de vista da constituição dos campos, domínios e objetos de saber (FOUCAULT, 2008, p. 159).

Ao interessar-me em produzir uma análise estratégica, fui mapeando as diferentes táticas e estratégias visíveis e postas em circulação em Vestibular/ZH. Aproximei tal perspectiva de um estudo analítico, no qual “o mais importante é examinar as práticas concretas em sua microscopidade, em sua especificidade” (VEIGA-NETO, 2006, p.84). Para mobilizar tal estratégia investigativa, faz-se importante compreender o poder como “um domínio de relações estratégicas entre indivíduos e grupos que entre si tecem jogos de conduta que decorrem segundo a regra invariante da governamentalidade” (Ó, 2003, p. 34).

Estabelecer uma analítica de governo, segundo Dean (1999), implica identificar alguns campos nos quais os regimes de práticas emergem.

Os regimes de práticas podem ser identificados sempre que há um campo relativamente estável de correlação de visibilidades, mentalidades, tecnologias e agências, de tal forma que constituam um tipo de ponto assumido de referência para qualquer forma de problematização. Na medida em que tais regimes preocuparem-se com a direção da conduta, formarão o objeto de uma analítica de governo (DEAN, 1999, p. 27).

Reconhecendo que uma analítica de governo “tentará constituir a lógica ou estratégia intrínseca do regime de práticas” (DEAN, 1999, p. 22), organizei a segunda parte de minhas investigações optando por tornar visíveis as estratégias e as táticas que potencializam tal regime. Por estratégia, entendo os saberes que mobilizam a constituição contemporânea de um determinado sujeito, no caso, o universitário. Logo, os grandes regimes de verdade do neoliberalismo, como a empregabilidade ou a responsabilidade social, operam como meios empregados para atingir determinados fins (FOUCAULT, 1995). Por táticas, entendo as ações/práticas micropolíticas que conduzem as condutas dos sujeitos, encaminhando para formas específicas de governo das subjetividades. Então, os modos de gestão dos corpos, das mentes ou das carreiras propostos por Vestibular/ZH são entendidos neste estudo como táticas. No limite, posiciono as táticas como práticas mobilizadoras de determinadas estratégias.

As análises que apresentarei na última parte desta dissertação estão divididas em duas seções. Gostaria de enfatizar que essa subdivisão é apenas de ordem didática, para tornar mais visíveis cada uma das seções. Na primeira seção, apresento cinco estratégias que consigo visualizar nas exterioridades de Vestibular/ZH. Na seção posterior, procuro mostrar algumas táticas empreendidas por esse material. Não tive a pretensão de fazer correlações entre estratégias e táticas, visto que os regimes de práticas não conseguem ser analisados em um campo irreduzível de intenções, “mas sim evidencia[m] uma orientação no sentido de determinada matriz de fins e propósitos” (DEAN, 1999, p.22).

4. MÍDIAS E GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL: LEITURAS DO CONTEMPORÂNEO

Elisabeth Roudinesco (2007), em seu livro *Filósofos na Tormenta*, presta uma homenagem a seis filósofos franceses contemporâneos – Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida – que demarcaram a história da filosofia ocidental ao longo deste último século. Apesar de as intensidades e mobilizações desses pensadores partirem de lugares teóricos distintos, a autora busca um aspecto que seria uma linha condutora entre suas produções: “o pensar na tormenta”:

[...] todos eles recusaram, à custa do que eu chamaria de uma travessia da tormenta, transformar-se em servidores de uma normalização do homem, a qual, em sua versão mais experimental, não passa de uma ideologia da submissão a serviço da barbárie (ROUDINESCO, 2007, p. 11).

Tomando essa condição, “o pensar na tormenta”, como uma das possíveis caracterizações do investigar na contemporaneidade, passo a apresentar alguns outros entendimentos que catalisam as movimentações analíticas com que opero na escrita desta dissertação. Início explicitando de que forma a citação acima me mobilizou ao produzir esta escrita, optando por não reduzir as teorizações a enquadramentos e normalizações, nem mesmo por ancorar-me em um sujeito fixo e preestabelecido. Considerei a “travessia da tormenta” como uma significativa metáfora para estas movimentações investigativas. Traço, nesta movimentação analítica, as condições de possibilidade para a leitura da constituição do sujeito universitário. Proponho-me a uma rápida leitura do contemporâneo.

Esse modo de pensamento desloca-se dos olhares investigativos centrados naquela epistemologia em que o sujeito racional procurava teorizar os objetos e, conseqüentemente, assumia o desejo de representar a realidade, fazendo com que a teoria fosse uma imagem da realidade, um reflexo, uma representação (GHIRALDELLI JR., 2002). Aliás, essa paisagem epistemológica, ao longo do último século, foi sendo colocada sob certo estranhamento. Um dos lugares que propõem essas problematizações é a chamada crítica “*pós-estruturalista*” (SILVA, 1994; 2006). A produção analítica aí concebida abandona conceitos clássicos de sujeito, razão e progresso, passando a trazer alguns entendimentos ligados à linguagem como constituidora das coisas. Esses itinerários que partem da centralidade analítica da linguagem começam a ser denominados, na segunda metade do século XX, de “*virada lingüística*” (GHIRALDELLI JR., 2002). Desde essa virada lingüística,

A verdade torna-se simplesmente parte de um projeto de descrição de como a comunicação acontece, como é que acontece algo empírico pelo qual somos capazes de nos comunicar, enquanto seres que emitem sons, ruídos, com significados (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 52).

Com Michel Peters (2000), entendo o pós-estruturalismo como “um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita” (p.28), o que não leva a pensá-lo de forma estável, posicionado em uma unidade ou em um sentido monolítico. Antes disso, ao referenciá-lo como um movimento de pensamento, compreendo que se constitui marcado pela multiplicidade. Outro lugar que assume essa crítica ao sujeito moderno e às possibilidades de racionalidade e de progresso são as teorizações caracterizadas como pós-modernas. Mesmo que de lugares diferentes, ambas as perspectivas tendem a aproximar-se em algumas de suas suspeitas. Tal como em Lyotard, o pós-modernismo pode ser definido como uma incredulidade em relação às metanarrativas que sustentavam os discursos filosóficos modernos, em especial, a razão, a ciência, a moral e o progresso (LYOTARD, 2002). Poderíamos entender essas grandes narrativas como

[...] histórias que as culturas contam sobre suas próprias práticas e crenças, com a finalidade de legitimá-las. Elas funcionam como uma história unificada e singular, cujo propósito é legitimar ou fundar uma série de práticas, uma auto-imagem cultural, um discurso ou uma instituição (PETERS, 2000, p. 18).

Compreendo, então, a pós-modernidade como “um estilo, uma atitude ou um *ethos*, e não um período (isto é, algo que vem após o modernismo)” (idem, p. 19). Ainda preciso insistir que esse entendimento de pós-modernidade não se aponta como o fim das metanarrativas, mas em uma posição de incredulidade frente aos seus efeitos. Colocar sob suspeita o potencial universalizante da racionalidade humana, por exemplo, não implicaria uma atitude de negação, mas uma aposta em uma razão marcada pela não-universalidade ou, ainda, segundo Lyotard, uma racionalidade para um tempo em que as narrativas se erguem e se transformam pelo dissenso (LYOTARD, 2002).

Então, movo-me sob a inspiração de um estilo transversal, inspirado pelas teorizações pós-modernas e pós-estruturalistas, que talvez possam emergir conectadas aos cenários de centralidade analítica da linguagem. Ao optar por investigar os materiais em suas constituições nas tramas da linguagem, levando em conta as intensas lutas e tensionamentos que acompanham sua presença nos espaços sociais de nosso tempo, fui levado a tomar a cultura a partir de um entendimento mais plural. Contemporaneamente, são inúmeros os deslocamentos culturais que vêm se desenvolvendo em nossas sociedades (HALL, 2006). Talvez as principais marcas desses cenários sejam as movimentações, as metamorfoses, os hibridismos. Essas transformações talvez estejam conectadas à compreensão de que as culturas, ao produzirem efeitos identitários, podem estar deslocando-se, o que implicaria outro entendimento de cultura: as culturas (no plural) sendo compreendidas como inventadas, datadas historicamente e, portanto, passíveis de transformações permanentes (VEIGA-NETO, 2003).

Essa compreensão de cultura viria implodir as tradicionais compreensões desse conceito, que colocavam cultura na condição de uma

metanarrativa (LYOTARD, 2002), tratando-a como o conjunto daquilo que a humanidade havia produzido de melhor – sendo pensada, então, de forma única e universal. Esse entendimento de Cultura (escrita no singular e com letra maiúscula) contribuiu significativamente para a constituição da pedagogia moderna ao atribuir-se um caráter diferenciador, unificador e idealista (VEIGANETO, 2003), em especial, porque a instituição escolar emergia na Modernidade na condição de tornar o mundo mais homogêneo e menos ambivalente, estando, conforme Bauman (1998), “a serviço da limpeza do mundo”.

Desde o início do século que nos antecedeu, temos produzido, de diferentes lugares teóricos, uma compreensão de que as culturas não são universais, nem estáveis e permanentes. Todos nos movemos em tramas culturais: há tempos a antropologia, por exemplo, nos tem ensinado isso, pois são essas tramas que nos demarcam algumas características sociais. Se todos estamos imersos em um jogo de culturas e se essas culturas não são universais, não fazem sentido as diferenciações entre cultura superior e inferior, alta cultura e baixa cultura, civilização e barbárie, etc. Segundo Stuart Hall (2006), essas movimentações também estariam produzindo “um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação” (HALL, 2006, p. 87).

Entretanto, o deslocamento que gostaria de visibilizar para esta produção estaria conectado ao entendimento da cultura como “lugar de enunciação” (BHABHA, 2001). Diferentemente de uma compreensão de cultura como epistemologia, circunscrita “à descrição de elementos culturais em sua tendência à totalidade” (idem, p. 248), uma compreensão de cultura como enunciação recolocaria a cultura em “lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural” (ibidem), e abriria a possibilidade de novos tempos de significados culturais e narrativos. Com isso, poderiam irromper espaços múltiplos de enunciação na produção cultural que busquem constituir outras possibilidades enunciativas, nas quais “o contingente e o liminar tornam-se os tempos e os espaços para a representação dos sujeitos da diferença cultural” (ibidem).

Com o entendimento da cultura como um espaço onde os sujeitos enunciam coisas e, ao enunciarem, constituem a si mesmos e ao mundo, tento movimentar-me em uma análise da produção dos materiais de Vestibular/ZH em suas operações na fabricação de sujeitos universitários. Entendendo a cultura como um espaço de enunciação (BHABHA, 2001), optei por tratar os materiais analisados como artefatos culturais, mas, ao mesmo tempo, como *monumentos* enunciados/produzidos nas tramas do contemporâneo. Dessa forma, tomo as culturas de acordo com o registro teórico dos Estudos Culturais Contemporâneos, pois aí posso compreender a cultura nesse registro plural. Entender a cultura a partir de um registro plural, como um espaço de enunciação, pode encaminhar para uma análise de discursos inscritos nas paisagens culturais contemporâneas. Os textos jornalísticos, por exemplo, produzidos no interior de práticas de significação, podem impulsionar outras possibilidades investigativas para a compreensão dos acontecimentos e das marcas culturais destes tempos. São textos produtivos em seus deslocamentos e nos efeitos que vão produzindo, inventando os sujeitos de que falam.

Considerando as possibilidades analíticas que pretendo mobilizar, meu objetivo para esta seção é apresentar algumas das condições de possibilidade para a emergência de processos de constituição de sujeitos universitários. Para tanto, estarei constituindo uma breve agenda teórica que, de certa forma, permitirá que eu amplie meus olhares para os espaços sociais dessa constituição. Explorarei três aspectos das sociedades contemporâneas: primeiramente, farei uma rápida descrição do liberalismo em suas possibilidades de governo das condutas, tomando como percurso o livro *Capitalismo e Liberdade*, escrito por Milton Friedman; como segundo aspecto, abordarei as novas configurações do mundo do trabalho na contemporaneidade, em face das perspectivas da cultura do “novo capitalismo” (SENNETT, 2006); por fim, buscarei apontar algumas nuances da centralidade das mídias na produção das subjetividades, tomando como inspiração as teorizações de Lazzarato (2006) e Hardt e Negri (2002).

4.1. O neoliberalismo como um regime de práticas

Colin Gordon (1991), ao comentar os entendimentos foucaultianos sobre o liberalismo, em especial, do curso “O Nascimento da Biopolítica”, procura sistematizar alguns dos movimentos que fazem com que o filósofo compreenda o liberalismo como um modo de pensar a arte de governar. Nessa perspectiva, “o liberalismo encarrega-se de determinar como o governo pode ser viável, o que pode fazer e a que ambições precisa renunciar para ser capaz de realizar o que está em seu próprio poder” (GORDON, 1991, p. 15). Procurando marcar a historicidade que atravessa a constituição do liberalismo, Foucault apresenta dois estágios para essa virada político-epistemológica que dá condição ao surgimento do liberalismo.

O primeiro estágio estaria vinculado ao movimento dos fisiocratas. Os fisiocratas entendiam que as relações econômicas constituem uma “quase-natureza”, ou seja, a sociedade e sua economia são governadas em respeito às leis dessa natureza, “a capacidade autônoma da sociedade civil de gerar sua própria ordem e sua própria prosperidade” (GORDON, 1991, p. 15). O outro estágio estaria ligado à teoria da “mão invisível”, de Adam Smith, que também prima pela auto-regulação do mercado, mas amplia as teses fisiocratas ao trabalhar com a hipótese de que a liberdade econômica também é produtiva ao governo.

Essas concepções liberais colocariam em evidência uma incompatibilidade entre os sujeitos de interesses e as unidades jurídicas de governo. Foucault seguirá argumentando que, para operar nesse tensionamento, as teorias liberais criarão a noção de “sociedade civil”.

O que cabe ao liberalismo é algo diferente: a construção de um complexo campo de governamentalidade, em que a subjetividade econômico-jurídica pode da mesma forma ser situada como relativos momentos, aspectos parciais de um elemento mais globalizador. O papel preponderante que vem a desempenhar neste esforço de construção e invenção é, para Foucault, o traço da teoria liberal da sociedade civil (GORDON, 1991, p. 22).

O termo “sociedade civil” espalhou-se no século XVIII, porém não como sinônimo de sociedade jurídica. O sentido produzido, conforme Gordon, é o de que todos os indivíduos fazem a sociedade. Essa afirmativa, inspirada em Smith, “atribui ao interesse econômico privado como o motor da prosperidade pública sendo estendido para abranger toda a sociedade” (GORDON, 1991, p. 22). A sociedade constrói a si mesma pela ação livre de seus indivíduos. Ao mesmo tempo, a produção de uma sociedade civil seria uma estratégia de seguridade, visto que os próprios cidadãos dessa sociedade respondiam pela aceleração do aparecimento uma população pobre. Gordon atribui a essa caracterização o caráter dual da noção de sociedade civil: um indivíduo livre economicamente, mas potencialmente responsável pela sociedade em que vive. Essas caracterizações serão levadas ao limite na emergência do neoliberalismo.

Milton Friedman, em seu clássico da teorização econômica contemporânea, *Capitalismo e Liberdade* (1977), apresenta algumas das bases teóricas inspiradoras da ressignificação do liberalismo no final do século XX. O autor explica que as formas variáveis do capitalismo do final do século XIX e boa parte do século XX teriam conduzido a uma perda dos sentidos clássicos do liberalismo, em especial no período posterior à Segunda Guerra, com a emergência dos modelos de Estados centrados na assistência, aqueles caracterizados como Estados de Bem-Estar Social. Segundo o economista ganhador do prêmio Nobel de Economia de 1976 e uma referência central da chamada Escola de Chicago, berço das teorizações neoliberais norte-americanas, haveria de se retomarem os princípios do liberalismo clássico, uma vez que a liberdade política daquele período estava colocando em risco a liberdade econômica, prática central dentro dessa configuração.

Ao anunciar o objetivo principal do livro, Friedman (1977) expõe uma tematização que se tornará chave para os entendimentos dos cenários do capitalismo na contemporaneidade:

Seu tema principal é o papel do capitalismo competitivo – a organização da maior parte da atividade econômica através da

empresa privada operando num mercado livre – como um sistema de liberdade econômica e condição necessária à liberdade política. Seu tema secundário é o papel que o governo deve desempenhar numa sociedade dedicada à liberdade e contando principalmente com o mercado para organizar sua atividade econômica (FRIEDMAN, 1977, p. 13).

O teórico da Escola de Chicago marca as duas teses que desenvolverá ao longo do seu livro: a empresa privada operando em um mercado livre e a relação entre governo e liberdade na condução das atividades econômicas. Para tanto, esse governo no “Estado da Liberdade”, tal como é nomeado por Friedman, lança mão de duas estratégias: o papel regulador do governo (p. 33) e a responsabilização dos indivíduos (p. 21). Com essas estratégias, o neoliberalismo americano movimenta-se, conforme o economista, na promoção da liberdade econômica: seja no âmbito das nações e das empresas (na ordem do capitalismo competitivo), seja no âmbito do indivíduo (como entidade principal da sociedade).

Ao mesmo tempo em que observa a necessidade de práticas de governo reguladoras (insisto, na sociedade e no indivíduo), Friedman vai tecendo inúmeras rejeições ao papel centralizado de um governo de Estado, entendendo que este fere a diversidade e a liberdade humanas. Recorre ao Estado de Bem-Estar Social, assim como às economias planejadas do socialismo, para mostrar o caráter de estagnação política e econômica que as práticas de governo promovem. Coloca-se, enfim, na defesa e na promoção da liberdade econômica.

Vista como um meio para a obtenção da liberdade política, a organização econômica é importante devido ao seu efeito na concentração ou dispersão do poder. O tipo de organização econômica que promove diretamente a liberdade econômica, isto é, o capitalismo competitivo, também promove a liberdade política porque separa o poder econômico do poder político e, desse modo, permite que um controle o outro (FRIEDMAN, 1977, p.19).

Tomar a liberdade econômica como objetivo último e deixar “os problemas éticos a cargo do próprio indivíduo” (idem, p.21) fazem com que os modos de governar, na contemporaneidade, ganhem em sutileza e refinamento.

Michel Foucault, em suas aulas no curso “O Nascimento da Biopolítica”, mostrou os modos como o liberalismo era atravessado pela perspectiva de que “se governa demais”. Com isso, talvez possamos entender que a “reflexão liberal não parte da existência do Estado, encontrando no governo um meio de atingir essa finalidade que ele seria para si mesmo, mas da sociedade que vem a estar numa relação complexa de exterioridade e de interioridade em relação ao Estado” (FOUCAULT, 1997a, p.91). Em outras palavras, com a premissa da liberdade econômica e com o conseqüente entendimento de que a liberdade política é pesada (governa-se sempre demais), a tarefa do governo é derivada para o conjunto da sociedade. A razão de Estado, visível nas sociedades disciplinares, é diluída em uma “razão governamental”, “ou seja, dos tipos de racionalidade que atuam nos procedimentos através dos quais se dirige a conduta dos homens por meio de uma administração estatal” (idem, p.94).

É preciso enfatizar que o novo liberalismo, descrito em detalhes por Friedman, intensifica essa gestão governamental, assim como a amplia. O liberalismo clássico entendia a liberdade econômica na ordem da natureza, enquanto que o neoliberalismo, em especial este que analiso na versão norte-americana, entende que a liberdade econômica deve ser permanentemente produzida, estendida e ramificada.

[...] esse neoliberalismo americano busca estender a racionalidade do mercado, os esquemas de análise que ela propõe e os critérios de decisão que sugere a domínios não exclusivamente ou não prioritariamente econômicos. No caso, a família e a natalidade ou a delinquência e a política penal (FOUCAULT, 1997a, p.96).

Com o entendimento de que a racionalidade governamental produzida nas tramas do neoliberalismo se multiplica para espaços não exclusiva ou prioritariamente econômicos é que, em minha pesquisa, passo a considerar a mídia como uma das estratégias que potencializam práticas governamentais. O liberalismo americano também se propõe a pensar a educação, mesmo que em alguns momentos a delibere ao próprio indivíduo.

Milton Friedman, na obra já citada, diferencia dois processos educacionais: um primeiro, tomado como educação geral que é tornada possível a toda a população, e um segundo, identificado como preparação profissional e vocacional, destinada àqueles que ingressarão no mercado de trabalho. Essa preparação vocacional e profissional opera sob a égide de um novo conceito, o capital humano. “Sua função é aumentar a produtividade econômica do ser humano” (FRIEDMAN, 1977, p. 90). Nesse campo de relações, intensificam-se as relações de governo das condutas, seja no nível do indivíduo, seja no nível da população. Na seção que segue, discutirei os modos pelos quais esses regimes de práticas operam nas novas configurações do mundo do trabalho.

4.2. Novas configurações do mundo do trabalho

Ao longo das últimas décadas, um conjunto de modificações nas sociedades contemporâneas tem produzido ressonâncias no mundo do trabalho. Talvez, há bastante tempo, os entendimentos acerca do trabalho estejam deslocando-se daqueles lugares fixos e estáveis que pretendiam as teorizações clássicas nas ciências sociais. Um dos precursores nas análises que apontam as novas condições do trabalho foi o sociólogo Daniel Bell, ao cunhar, no início dos anos 1970, a expressão “sociedade pós-industrial” (BELL, 1977) como uma diferenciação daquela configuração centrada nas relações do trabalho fabril, predominante desde o século XVIII. Bell fez alguns ensaios tentando mostrar que os modelos centrados na organização fordista de produção, com suas linhas de produção e regimes disciplinares de trabalho, estavam em um rápido processo de deslocamento.

O sociólogo apontava que as condições daquela sociedade que nomeou de “pós-industrial” estariam permeadas por um conjunto de novos valores, diferenciados da sociedade alicerçada na industrialização. A sociedade moderna ocidental estaria sofrendo modificações em sua estrutura social, em sua organização política e em sua cultura.

A estrutura social abrange a economia, a tecnologia e o sistema ocupacional. A política rege a distribuição do poder e resolve os conflitos decorrentes das reivindicações e exigências dos indivíduos e dos grupos. A cultura constitui o domínio do simbolismo expressivo e dos significados (BELL, 1977, p. 25-26).

Conforme o sociólogo, as estruturas sociais da sociedade industrial estavam ancoradas em um princípio de acumulação; os sujeitos e as empresas destinavam suas forças de trabalho para acumular capital na busca de prosperidade social e econômica. Era nesse período que os trabalhadores destinavam partes de seus rendimentos para poupanças, endereçadas para o futuro dos filhos, para a velhice ou mesmo para as crises sociais que viessem a acontecer. Com o advento da sociedade pós-industrial, Bell aponta que o princípio organizador continua sendo o economizar, entretanto, em um sentido diferente. Esse modo de organização entende o economizar como “uma maneira de atribuir recursos de acordo com os princípios de redução de custos, otimização, maximização, etc.” (BELL, 1977, p. 26). Ou, ainda, economiza-se como forma de otimização, como maneira de retirar do capital o máximo de sua produtividade.

Quanto à vida política, a sociedade pós-industrial trouxe como novidade a centralidade dos processos participativos. A sociedade industrial primava pela organização de governos centralizados, muitas vezes autoritários e ditatoriais, em inúmeros países. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, modelos político-econômicos planejados davam a tônica da organização política, fosse nas economias do Estado de Bem-Estar Social, fosse nas economias socialistas. Daniel Bell aponta que, no pós-industrialismo, “o princípio axial da política moderna é a participação, por vezes mobilizado ou controlado, por vezes exigido de baixo para cima” (BELL, 1977, p. 26). Os processos políticos poderiam tornar-se participativos, na medida em que, não havendo maiores segmentações ideológicas, todos os indivíduos valorizariam a democracia, entendida como liberdade política. Outra condição para essa abertura seria o fato de que os trabalhadores, ao se tornarem mais qualificados,

teriam mais condições de escolha de seus governantes.

No ponto de vista cultural, Daniel Bell localiza as modificações mais importantes, segundo suas observações. As grandes organizações coletivas, como sindicatos, partidos políticos ou quaisquer associações coletivas, fundamentais na organização da sociedade industrial, estavam em um rápido processo de declínio. Conforme o sociólogo, “o princípio axial da cultura é o desejo de realização e o aprimoramento do eu” (BELL, 1977, p. 26). Estariam sendo reforçados pela sociedade pós-industrial princípios de individualização, em que o que conta é a autoqualificação e os cuidados com seu próprio desempenho. A qualificação do sujeito como preparação para o trabalho também sofre alguns deslocamentos, uma vez que os saberes operacionais vão sendo substituídos pelos saberes técnico-científicos. O saber-fazer das linhas de produção é atravessado pelo saber-saber das novas tecnologias.

As instigantes análises de Daniel Bell, seja na estrutura social, seja na política ou na cultura, conduziam a uma nuance central na caracterização da sociedade pós-industrial: o imperativo de que a ciência e a tecnologia seriam os novos vetores do mundo do trabalho.

Finalmente, a significação da sociedade pós-industrial é a seguinte: 1) Ela reforça o papel da ciência e dos valores cognitivos, como necessidade institucional básica da sociedade. 2) Ao tomar decisões de maneira mais técnica, ela traz o cientista ou o economista mais diretamente para dentro do processo político [...] (BELL, 1977, p. 60).

Entendendo o trabalho na sociedade pós-industrial como atravessado pela ciência e pelos valores cognitivos, Daniel Bell seguirá argumentando que estaria em trânsito “a mudança de uma economia de produção de bens para uma de serviços” (BELL, 1977, p. 27), o que traria implicações para a organização da vida dos sujeitos. Na medida em que a lucratividade e a produtividade seriam os índices de verificação do sucesso dessa sociedade, os próprios trabalhadores pós-industriais primariam por esses conceitos em suas vidas pessoais. Esses fatores “constituem a prova de que

estão sendo atendidas as exigências do mercado e as da distribuição eficiente dos recursos” (BELL, 1977, p. 313). Os modos como as novas organizações do capitalismo operam no âmbito das subjetividades já foram abordados no item anterior, quando mostrei o liberalismo como um regime de práticas de governo.

Avançando na descrição das condições de possibilidade, vou mostrar os modos como alguns teóricos contemporâneos prolongam, concordando ou não, as teorizações do sociólogo Daniel Bell, produzidas nos anos 1970. O autor preferencial que escolhi para operar neste momento foi Richard Sennett (2001, 2006), um dos expoentes da sociologia contemporânea que teoriza o trabalho. Sennett, ao explicar as relações de trabalho na cultura do “novo capitalismo”, procura mostrar as modificações também ocorridas nas subjetividades dos trabalhadores deste tempo. Deste momento em diante, problematizarei algumas pontuações apresentadas pelo sociólogo.

Uma das condições explicadas por Sennett são as formas pelas quais, na atualidade, as relações de trabalho se tornaram flexíveis. Talvez não sejam mais encontradas pessoas que dedicaram boa parte de suas vidas ao mesmo emprego ou que planejem suas carreiras em longo prazo. Isso encaminha a duas situações: uma delas é o “fim do emprego vitalício”, a outra é “o desaparecimento das carreiras inteiramente dedicadas a uma mesma instituição” (SENNETT, 2006, p. 30). A pauta social desse novo capitalismo prima pela instabilidade.

Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais (SENNETT, 2001, p. 9).

As configurações desse “capitalismo flexível” (SENNETT, 2001) apontam para um deslocamento dos sentidos tradicionais de carreira e de trabalho. “A flexibilidade hoje traz de volta esse sentido arcano de *job*, na

medida em que as pessoas fazem blocos, partes de trabalho, no curso de suas vidas” (SENNETT, 2001, p. 9). Diferentemente do trabalhador dócil e disciplinado das sociedades industriais, a contemporaneidade dá condições para a emergência para um “trabalhador flexível”, alguém capacitado para a vulnerabilidade do próprio mercado em que está inserido, ou, ainda, um sujeito maleável (polivalente), capaz de exercer múltiplas atividades ao longo de seu tempo de trabalho.

A ênfase na idéia de flexibilidade não apenas produz ressonâncias nos processos de trabalho, como também se constitui como um imperativo da vida social desse capitalismo. Os sujeitos e as instituições fazem da flexibilidade um modo de organização.

“Flexibilidade” designa essa capacidade de ceder e recuperar-se da árvore, o teste e a recuperação de sua forma. Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas. A sociedade hoje busca meios de destruir os males da rotina com a criação de instituições mais flexíveis. As práticas de flexibilidade, porém, concentram-se mais nas forças que dobram as pessoas (SENNETT, 2001, p. 53).

Uma segunda condição explorada por Sennett é a forma pela qual esse capitalismo fez aparecer novas relações de tempo. Essas novas relações dão ênfase ao curto prazo e às práticas imediatizadas. Não há espaço para longos prazos. Dizer que “não há longo prazo significa mudar, não se comprometer e não se sacrificar” (SENNETT, 2001, p. 25). Os planejamentos de metas operam em curto prazo, os turnos de trabalho flexíveis evitam uma rotinização. As próprias subjetividades dos trabalhadores estariam voltadas para o curto prazo, pois estariam “preocupadas com as habilidades potenciais e dispostas a abrir mão das experiências passadas” (SENNETT, 2006, p. 14). Prima-se, enfim, por uma subjetividade flexível que produza um campo de movimentação em curto prazo.

Movimentar-se pelas tramas dessa configuração do capitalismo implica aceitar a incerteza como característica das relações sociais. A incerteza

deixa de ser uma situação ocasional, ligada a crises econômicas, políticas ou ambientais. “O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo” (SENNETT, 2001, p. 33). Nesse sentido, podemos colocar a incerteza como uma das condições de experienciar o trabalho na contemporaneidade. Desse estado permanente de incerteza, emerge a chamada empregabilidade como a possibilidade de o trabalhador manter-se ativo no mercado de trabalho.

A terceira condição que busco no sociólogo para explicitar as condições deste novo tempo são as três modificações ocorridas no capitalismo social que deram possibilidade para a emergência da cultura de um novo capitalismo no período posterior à Segunda Guerra. A primeira modificação apontada pelo autor refere-se aos modos de administração das grandes empresas, que teriam sido deslocados de uma perspectiva “gerencial” para uma perspectiva “acionária”, mostrando o caráter pulverizado da nova organização do capital. A segunda modificação apontada por Sennett remete às formas como essa nova cultura organizacional fez a explícita opção pelos resultados de curto prazo, produzindo uma espécie de “capital impaciente” (SENNETT, 2006, p. 43). A terceira modificação refere-se ao desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e da informação. O sociólogo explica que, nessa cultura em que o capitalismo age de forma impaciente, as comunicações se tornaram centrais, uma vez que “as comunicações em escala planetária tornaram-se instantâneas” (idem, p. 44). A produção das subjetividades na cultura desse novo capitalismo irrompe tramada por essas novas configurações e potencializada pela ação das mídias contemporâneas, o que tratarei a seguir.

4.3. Mídias e governamentalidade no novo capitalismo

Em seus cursos do final dos anos 1970, Michel Foucault mostrou alguns dos deslocamentos nas artes de governar ocorridos desde o final da

Idade Média. Como já referi na seção anterior, o filósofo apontou que, nos períodos regidos pela soberania, se primava pelo governo do território, no qual o príncipe exercia um poder central e unificado. Com a emergência de uma literatura anti-Maquiavel, já pode ser notado um desbloqueio das artes de governar, visto que a ação de governar passa a operar em outro registro: o governo é exercido não sobre a terra, mas sobre as coisas e as pessoas. No limite, essa condição conduziu a uma governamentalização do Estado, fazendo com que este se multiplicasse em estratégias de governar. Na contemporaneidade, sob os imperativos do neoliberalismo e de seus modos de governar, a partir da leitura de Lazzarato (2006), entendo que o eixo da governamentalidade não opera mais exclusivamente sobre a população, mas também é exercido através da constituição de públicos. Procurando dar visibilidade a essa questão, às mídias e a seus modos de operar nas tramas do contemporâneo, trago duas leituras sociológicas que me auxiliam na compreensão deste tempo.

Hardt e Negri (2002) apresentam a potencialidade da noção de “Império” como uma importante ferramenta para o entendimento do poder na contemporaneidade. Mostram como o poder exercido no Império é caracterizado pela ausência de fronteiras, produzindo ações não-circunscritas a espaços fixos e isolados, física ou geograficamente. O Império opera como um regime no qual “o objeto de seu governo é a vida social como um todo, e assim o Império se apresenta como uma forma paradigmática de biopoder” (HARDT; NEGRI, 2002, p. 15). Com o Império, os modos de exercício de poder talvez estejam afastando-se das ações disciplinares corpo-a-corpo, sendo incentivadas novas modalidades, que necessariamente não excluem as que as antecediam.

O poder agora é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro (em sistemas de comunicação, redes de informação, etc.) e os corpos (em sistemas de bem-estar, atividades monitoradas, etc.) no objetivo de um estado de alienação independente do sentido da vida e do desejo da criatividade (idem, p. 42).

As máquinas de comunicação e da informação, neste novo regime, exercem, enfim, um papel central não apenas na coordenação dos modos de

vida cultural, mas também sobre os modos de constituição das subjetividades. Quando o poder não tem fronteiras, as mídias passam a ser importantes condutores e operadores desses cenários. Hardt e Negri chegam a aproximar analiticamente as mídias contemporâneas (em suas estratégias de cooperar com o controle imperial) ao éter. Éter no sentido de que sua estrutura fluídica permite espalhar-se por todos os espaços da vida social. O éter poderia ser comparado ao poder democrático, visto que a “comunicação é a forma de produção capitalista na qual o capital teve êxito em submeter a sociedade inteira e globalmente ao seu regime, suprimindo todos os caminhos alternativos” (idem, p. 368). Esse poder imperial talvez nos leve a pensar as configurações culturais dessa nova organização do capitalismo.

Os teóricos do Império aproximam essa ferramenta do conceito de “sociedade de controle” (DELEUZE, 2006). Sendo o poder imperial potencializado pelas máquinas de comunicação e de informação, os autores procuram mostrar alguns deslocamentos das sociedades disciplinares, tal como foram explicadas por Michel Foucault.

A sociedade de controle pode, dessa forma, ser caracterizada por uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normalização da disciplinaridade que animam internamente nossas práticas diárias e comuns, mas, em contraste com a disciplina, esse controle estende bem para fora os locais estruturados de instituições sociais mediante redes flexíveis e flutuantes (HARDT; NEGRI, 2002, p. 212-213).

Considerando que os poderes imperiais percorrem redes flexíveis e flutuantes, as indústrias de comunicação exercem centralidade nas configurações. A comunicação não apenas organiza a produção em uma nova organização global, como produz estilos de vida imanentes a essa organização. Dessa forma, o poder, enquanto produz, regula as diferentes possibilidades de comunicação nesses espaços. “A linguagem, à medida que comunica, produz mercadorias, mas, além disso, cria subjetividades, põe umas em relação às outras e ordena-as” (HARDT; NEGRI, 2002, p. 52). A produção das subjetividades parte da perspectiva de que, tal como os mercados, as subjetividades são administráveis.

Nessa constituição, o controle imperial não se posiciona em perspectivas autoritárias, verticais ou excludentes. O Império, em suas estratégias de comando, mobiliza três momentos distintos: “um inclusivo, outro diferencial e um terceiro gerencial” (HARDT; NEGRI, 2002, p. 217). A conjunção desses três momentos mostra o caráter liberal e democrático com o qual o Império é potencializado, ou seja, “todos são bem-vindos dentro de suas fronteiras, independente de raça, credo, cor, gênero, orientação sexual e assim por diante” (HARDT; NEGRI, 2002, p. 217). Com isso, podemos notar que o Império não privilegia estratégias de identidades fixas e estáveis, antes aposta em sua multiplicação. Privilegia a multiplicidade por entender o seu caráter produtivo nos pontos de vista político e econômico, uma vez que se faz notar uma “passagem da lógica da fábrica para a lógica do mercado” (HARDT; NEGRI, 2002, p. 310). Ainda é preciso explicar que apostar na multiplicidade não significa um afastamento da lógica disciplinar, mas sua ramificação e intensificação.

Avançando nesta problematização, pretendo mostrar algumas das estratégias colocadas em movimentação pelas mídias contemporâneas, estratégias estas que dão condições para cenários aproximados de uma sociedade de controle. Duas noções trabalhadas pelo sociólogo Maurizio Lazzarato (2006), sob inspiração de Gabriel Tarde, considero importantes para pensar as mídias e suas tramas de poder: a formação de públicos e a noopolítica. Antes de explorar cada uma dessas noções, uma observação acerca dos entendimentos do autor sobre as nuances da sociedade contemporânea:

A sociedade de controle exerce seu poder graças às tecnologias de ação à distância da imagem, do som e das informações, que funcionam como máquinas de modular e cristalizar as ondas, as vibrações eletromagnéticas (rádio, televisão) ou máquinas de modular e cristalizar os pacotes de bits (os computadores e as escalas numéricas) (LAZZARATO, 2006, p. 85).

As sociedades de controle, ao exercerem ações à distância, servem-se das mídias contemporâneas como operadores dessas ações. Aproximando-se da sociologia de Tarde, do final do século XIX, Maurizio Lazzarato (2006) procura mostrar os modos pelos quais as populações deixam

de ter a centralidade nas práticas de governo, fazendo emergir naquele contexto uma “era dos públicos”, ou seja, “uma época em que o problema fundamental era manter juntas as subjetividades quaisquer que agem a distância umas sobre as outras, em um espaço aberto” (LAZZARATO, 2006, p. 75). Com o avanço nas tecnologias de informação e de comunicação, o objetivo maior do governo é aproximar subjetividades.

Considerando os regimes de uma governamentalidade neoliberal, descritas nas seções anteriores, na era dos públicos, a noção de grupo social não exerce centralidade nessa sociologia:

[...] no final do século XIX, no momento em que as sociedades de controle começavam a elaborar suas próprias técnicas e seus próprios dispositivos, o grupo social não se constituía mais nem por aglomerações, nem pela classe, nem pela população, mas pelo público (ou melhor, pelos públicos) (idem, p. 75).

Quando Gabriel Tarde inventou o conceito de “público” como uma categoria sociológica, entendia por esse conceito o público de um meio de comunicação, mais especificamente, remetia ao público de um jornal. Com praticamente um século de antecedência, Tarde conseguia mostrar os modos como as mídias operariam na constituição de subjetividades. Conforme o sociólogo, os públicos funcionam como massas dispersas e diversificadas em que as mentes dos indivíduos se influenciam mutuamente, agindo à distância. “Os indivíduos e os públicos não estabelecem entre si uma relação de pertencimento exclusivo e identitária” (idem, p. 77). Em outras palavras, se um indivíduo poderia pertencer a apenas uma classe social, sob esse registro, poderia pertencer a uma multiplicidade de públicos.

A outra noção que busco em Lazzarato é a de noopolítica, entendida como um conjunto de ações de controle que se exercem sobre os cérebros de cada indivíduo. Nos regimes das sociedades de controle, “as novas relações de poder têm como objeto a memória e seu conatus (a atenção) como noopolítica” (LAZZARATO, 2006, p. 86). Esses regimes de relações operam em

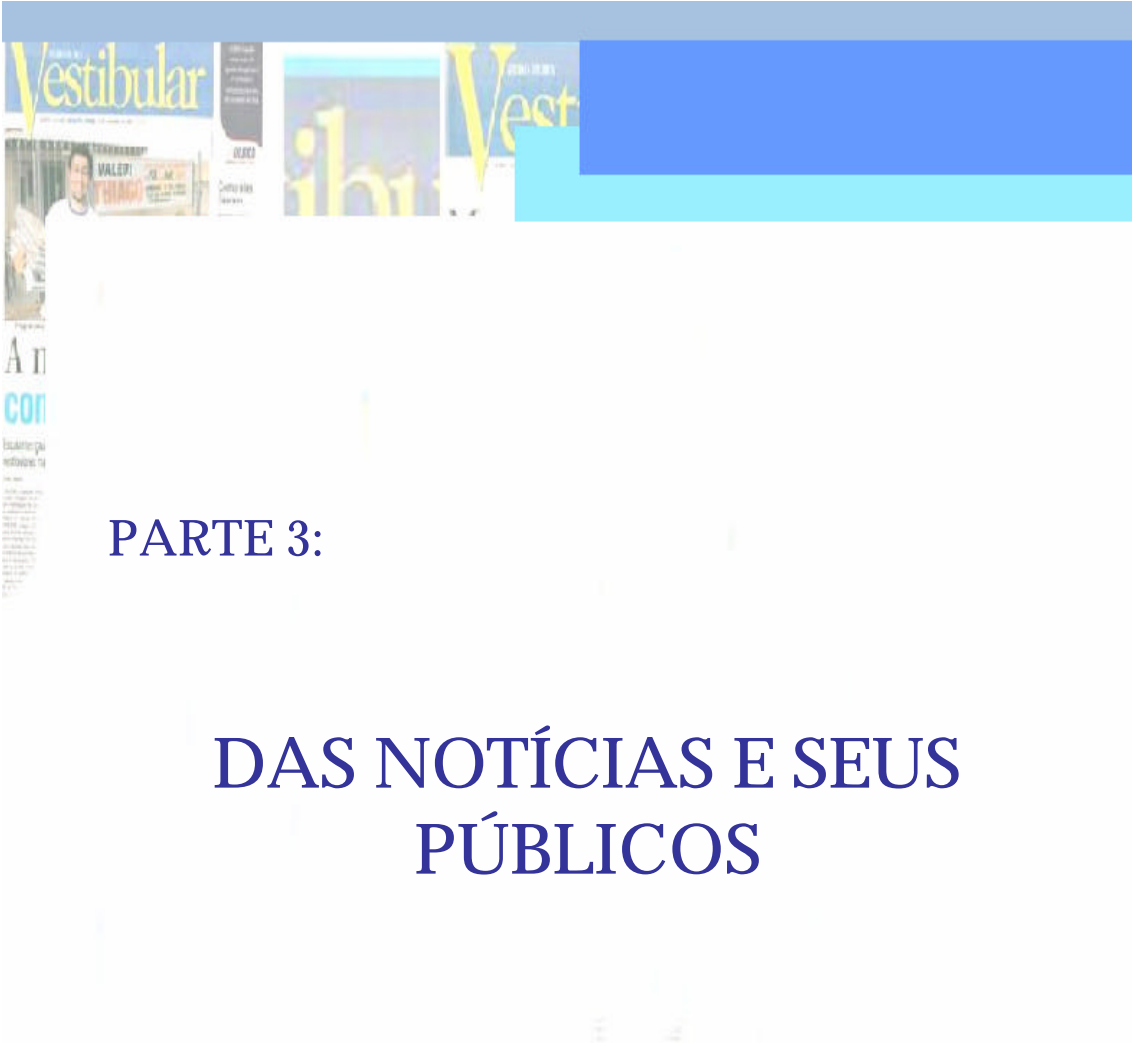
campos diferentes daqueles em que as sociedades disciplinares se movimentavam.

Se as disciplinas moldavam os corpos ao constituir hábitos, principalmente na memória corporal, as sociedades de controle modulam os cérebros, constituindo hábitos, sobretudo na memória mental (LAZZARATO, 2006, p. 86).

Nas sociedades de controle, então, a modulação da memória é uma das estratégias mais importantes da noopolítica. “Nas sociedades de controle, todos os dispositivos de ação à distância de um cérebro sobre outro cérebro podem ser definidos como tecnologias do tempo ou da memória” (LAZZARATO, 2006, p. 174). Considerando essas ações, as mídias tornam-se importantes operadores da noopolítica, visto que a comunicação, compreendida como uma prática, deixa de ser entendida em cenários ideológicos para tornar-se um convite à aproximação das subjetividades na formação de múltiplos públicos, como explica o sociólogo. Logo, nos jogos da noopolítica, busca-se uma aproximação das subjetividades através de estratégias de regulação das mentes. As práticas midiáticas, como máquinas de expressão, potencializam ações noopolíticas.

Enfim, na cultura do novo capitalismo (SENNETT, 2006), onde o poder se movimenta sob a égide do Império (HARDT; NEGRI, 2002), a produção das subjetividades nas mídias contemporâneas dá-se através da formação de públicos (LAZZARATTO, 2006). Ainda é preciso uma ressalva: ao fazer esse jogo de relações, não pretendo esgotar possibilidades, nem mesmo dizer que essas teorizações são únicas, universais ou incondicionais. Mantenho-me, interessadamente, no campo do provisório e do contingente, o que leva (inevitavelmente) minhas opções para um caráter arbitrário. Retomando a metáfora com a qual abri esta seção, busquei produzir leituras do contemporâneo como uma “travessia da tormenta” (ROUDINESCO, 2007), ou seja, sem a pretensão de reduzir os sujeitos e seus contextos a fixações e estabilizações. Por fim, acredito que são estes cenários aqui descritos que dão condições de possibilidade para as análises que serão desenvolvidas nas próximas seções. As mudanças no mundo do trabalho, os novos jogos do

liberalismo contemporâneo e a produtividade das mídias nas práticas de governamentalidade potencializam e colocam em circulação táticas e estratégias de condução das condutas dos sujeitos universitários. Na seção seguinte, procurarei mostrar alguns dos modos pelos quais o caderno Vestibular/ZH opera na condução das condutas desses sujeitos.



PARTE 3:

DAS NOTÍCIAS E SEUS PÚBLICOS

5. UNIVERSITÁRIOS S/A: AS ESTRATÉGIAS

Oportunidade. Mercado promissor. Executivo. Estabilidade. Emprego garantido. Sonho consumado. Prêmio. Rotina. Empresa. Estágio remunerado. Valorização. Sucesso. Conquista. Treinamento. Versatilidade. Disputa acirrada. Concorrência. Profissional. Formação diversificada. Realização pessoal. Talento. Empreendedor. Criatividade.

As palavras que abrem esta movimentação analítica não foram extraídas de nenhum manual de administração de empresas ou de economia aplicada. Essas palavras vêm integrando discursos pedagógicos contemporâneos de tal forma que pensar as instituições de ensino, a formação do sujeito ou mesmo suas estratégias de trabalho partem de uma lógica empresarial. O caderno Vestibular/ZH é um dos lugares que colocam em movimentação implicações entre os fazeres pedagógicos com as práticas administrativas contemporâneas. Na esteira desta argumentação inicial é que aponto que o sujeito universitário, nesse novo campo discursivo visibilizado nesta investigação, toma o lugar de um “empresário de si” – o que conta não é a formação acadêmico-científica, mas as competências para manter-se ativo no mercado neoliberal. Enfim, o que conta é formação para a preparação de outro perfil, ocorrendo um deslocamento do campo acadêmico para o profissionalizante, possibilitando condições para a emergência de uma lógica empresarial na constituição dos sujeitos universitários.

Os entendimentos clássicos no campo da administração posicionam a organização de uma empresa sob três possibilidades. Uma primeira, na qual o centro gerencial se encontra na figura do empresário, aquele que centraliza e exerce profissionalmente essa atividade de caráter econômico,

na condição de proprietário; essa pessoa arca individualmente com os riscos e desafios de sua organização empresarial. Uma segunda possibilidade é a sociedade limitada, na qual duas ou mais pessoas são as proprietárias do empreendimento, fornecendo-lhe capital de investimento e assumindo, entre um pequeno grupo de sócios, os lucros e os prejuízos da atividade. Uma terceira possibilidade, mais própria da dinâmica do capitalismo contemporâneo, é a sociedade anônima, que, diferentemente das anteriores, não pertence a uma única pessoa ou a um grupo fechado de sócios, mas a um conjunto de acionistas. Uma sociedade anônima tem um caráter impessoal, uma vez que vende ações permanentemente para levantar capital e manter-se atuante em diferentes mercados. Opera em uma lógica mais fluante, ramificando-se por inúmeras regiões, sendo gerida por uma multiplicidade de acionistas que, muitas vezes, nem mesmo conhecem a própria empresa de que participam. O capitalismo contemporâneo, em especial, no nível das empresas transnacionais, mobiliza-se segundo uma multiplicidade de estratégias dinâmicas.

Procurando acentuar os entendimentos acerca das sociedades anônimas, o sociólogo Daniel Bell aponta que elas “são instituições que visam à economia; mas, para seus membros, elas são também maneiras de viver” (BELL, 1977, p. 323). Procurando entender a dinâmica do capitalismo contemporâneo, compartilho das considerações feitas por Bell e aponto que os sujeitos universitários constituídos nessas tramas fazem dos regimes empresariais modos de conduta, o que me leva a nomeá-los provisoriamente como “Universitários S/A”. Como aponta o sociólogo, o sujeito constituído sob esse registro, numa sociedade livre e produtiva, toma como condições de vida “o individualismo, a racionalidade, a perfeita informação e a opção racional”, fazendo com que “o bem da sociedade seja a soma de coisas úteis para os indivíduos” (BELL, 1977, p. 338).

Do entendimento de que no novo capitalismo (SENNETT, 2006) o capital se volatiliza, assim como as relações de trabalho se fazem mais instáveis e líquidas (BAUMAN, 2001), considero que a constituição das subjetividades

contemporâneas emerge regida por essa lógica. Disso deriva o modo como analisei a produção do sujeito universitário deste tempo, um Universitário S/A, como já foi apontado. Entendo que essa constituição se dá sob a movimentação de regimes de práticas mobilizados por um conjunto de estratégias e de táticas. A noção de estratégia, de uma perspectiva foucaultiana, é utilizada “para designar a escolha dos meios empregados para se chegar a um fim; trata-se da racionalidade empregada para atingirmos um objetivo” (FOUCAULT, 1995, p. 247). Utilizo estratégias para designar as racionalidades operantes na condução das condutas dos sujeitos universitários, ativadas e potencializadas por um conjunto de táticas que operam na gestão micropolítica desses sujeitos.

Com essa perspectiva, passo a apresentar as cinco estratégias que consigo visibilizar neste momento nos regimes de práticas mobilizados. O estar na universidade como uma conquista, a realização profissional na ordem da vocação, a formação contínua e diversificada, a empregabilidade e a responsabilidade social serão as estratégias examinadas nesta seção.

5.1. Para a conquista, não há limites!

Uma das racionalidades governamentais emergentes das análises das 20 capas dos cadernos Vestibular/ZH é a forma como o ingresso na universidade é caracterizado como uma conquista. Conquista apontada não apenas como sedução, merecimento ou vitória em uma jornada, mas conquista em um sentido concorrencial, objeto de uma ação disputada e vencida contra alguém. Mais especificamente, essa dinâmica concorrencial é constituída em um sentido bélico, na possibilidade de ganhar a qualificação e o espaço no mercado de trabalho. Para tanto, algumas situações, dentre outras possíveis, podem ser visibilizadas nos regimes de práticas que emergem da exterioridade do material analisado: estar na universidade é uma conquista somente possível para quem estuda de verdade; essa conquista constitui-se como produto de esforço e de treinamento constantes; essa conquista emerge ligada às oportunidades. No limite, essa noção de conquista provoca os sujeitos a desafiarem a si mesmos,

sempre desejando mais. A conquista, como racionalidade governamental, emerge não apenas em um sentido concorrencial, mas em um sentido permanente; afinal, para a conquista, não há limites!

De imediato, é possível notar os modos como essa idéia de conquista é produzida fazendo com que os próprios estudantes sejam responsabilizados por elas. O sociólogo Zygmunt Bauman (1998) tem argumentado que esse processo de individualização das responsabilidades pelo desempenho e mérito tem uma história relativamente recente. No período do Estado de Bem-estar Social, em que os empregos eram duradouros e o futuro poderia ser planejado devido à estabilidade das relações de trabalho, “a indústria proporcionava trabalho, subsistência e segurança à maioria da população” (BAUMAN, 1998, p. 51). Ao Estado, cabia a função de garantir os meios de manter a população empregável e, nos curtos períodos de desemprego, arcar com os custos sociais. Entretanto, as mudanças ocorridas nas últimas décadas fizeram com que essa configuração de Estado fosse tomada como “uma ameaça aos contribuintes”, sob a alegação de que não era mais possível custeá-lo. Em face disso, o Estado altera sua posição e delega suas responsabilidades, transferindo-as para os próprios sujeitos.

Recusa a responsabilidade por sua má sorte – exatamente como abandonou a antiga tarefa da “reacomodação” da mão de obra. Não há mais seguro coletivo contra os riscos: a tarefa de lidar com os riscos coletivamente produzidos foi privatizada (idem, p. 52).

Considero que são essas paisagens de privatização das responsabilidades que dão condições de possibilidade para que a estratégia da conquista seja potencializada. O estar na universidade é enunciado como uma conquista em um tempo-espaço marcado pela individualização das responsabilidades. A idéia de conquista não apenas responsabiliza os leitores de Vestibular/ZH, como também os interpela, capturando-os para entrarem no jogo individual da busca pelo sucesso no mercado de trabalho. Dessa perspectiva, a conquista do ingresso em um curso superior pode conectar-se

com a noção de consumo, na medida em que não são quaisquer cursos que ganham visibilidade nas capas do suplemento analisado. “Ao contrário do processo produtivo, o consumo é uma atividade inteiramente individual. Ele também coloca os indivíduos em campos opostos, em que freqüentemente se atacam” (idem, p. 54). A própria noção de formação universitária, ao ser tratada no jogo da conquista, faz da economia o saber constitutivo das relações sociais, pois o que importa consideravelmente é uma relação de custo-benefício: fazer um curso superior toma a condição de ser um “investimento em si mesmo”.

Retomando a produtiva presença dessa estratégia, aponto que a apresentação do estudante universitário como um vitorioso, um conquistador ou mesmo aquele que ultrapassa os adversários irrompe em Vestibular/ZH com uma relativa recorrência no período em análise. O fragmento abaixo traz um primeiro campo de visibilidade para essa perspectiva.

Como fez o **Internacional**, milhares de vestibulandos pretendem **conquistar um título inédito** em menos de 20 dias: o de estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (**UFRGS**). Então, será preciso seguir a receita do Inter. **Como todo campeão**, a equipe **não poupou treinamento**. Fernandão (na foto, à direita) **treinou** pênaltis **exaustivamente** na quinta-feira, três dias antes da **partida final**. No mesmo instante, alunos do **Unificado** (à esquerda) assistiam a aulas em Porto Alegre. Uma situação normal de quem se prepara para uma **disputa acirrada**.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 531, 20 de dezembro de 2006)

Nesse fragmento, a idéia de conquista aparece vinculada a um clube de futebol do Estado do Rio Grande do Sul, o Internacional. O clube, na semana em que essa capa foi veiculada, obteve o título de campeão mundial interclubes, um título de repercussão e representatividade em todo o mundo. Fernandão, capitão da equipe, teve uma construção midiática ligada à noção de liderança vitoriosa, sendo um dos principais responsáveis por aquele título. A essa grande conquista da equipe de futebol, Vestibular/ZH comparou estrategicamente o processo vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o mais concorrido do Estado. Nessa aproximação – conquista no futebol e vestibular –, o caderno apontou que o treinamento é o caminho para as conquistas. Um estudante que treinar “de verdade” vencerá essa

disputa acirrada, como é caracterizado o ingresso em uma universidade pública. Está dito que o que faz a diferença é cursar o pré-vestibular Unificado, e silenciam-se as condições oferecidas por um bom curso de Ensino Médio.

Outra perspectiva aproximada da idéia de conquista está ligada ao mercado de trabalho, entendido, no próximo fragmento, no sentido produtor de oportunidades.

Oportunidade e mercado promissor era o que **a estudante procurava. E não foi difícil** encontrar entre as **engenharias**. Naquele ano, o **grupo Gerdau** passou a oferecer **quatro bolsas** anuais aos **primeiros colocados** no Vestibular para o curso de Engenharia Metalúrgica.
- **Estudei muito para ficar entre os quatro.** Gostava de matemática – conta a executiva da Gerdau.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 514, 23 de agosto de 2006)

Uma aproximação entre conquista e oportunidade é aparentemente natural. Afinal, para toda conquista, espera-se uma conjunção de oportunidades. Nesse caso, procuro mostrar que tal relação emerge marcada por outras interfaces, em especial, os indicativos de um mercado promissor. Ou seja, a conquista somente será completa se o mercado de trabalho estiver lhe esperando. Escolher um curso superior passa, então, inevitavelmente, pelas possibilidades abertas pelo mercado, especialmente por aquelas ligadas às empresas internacionais. No que se refere a esse mercado promissor, o fragmento mostra uma sutil preferência por áreas tecnológicas, no caso, a engenharia, e o privilégio de algumas áreas do conhecimento, aqui a matemática. Talvez esse pequeno excerto nos mostre que a conquista tem um endereço, que fica bastante próximo das demandas promissoras do mercado. Não se conquista nada aleatoriamente, não é possível tornar-se um empreendedor autonomamente: há um regime de verdade que posiciona, válida e consolida as perspectivas de conquista.

A conquista também é apresentada como realização pessoal, o alcance de um sonho planejado durante um bom tempo. Entretanto, esse sonho consumado tem um preço, medido por horas de estudo e trabalho psicológico.

Para Thiago, o **sonho consumado** agora com a **vaga no ITA** foi o **prêmio** para cinco anos de preparação, **que consumiram mais de 12 horas de estudos diários e trabalho psicológico**.

- Tem de ter muita **força** para manter a **rotina pesada** de estudos e a calma na hora da prova. O **apoio da família**, dos amigos e dos professores foi fundamental – diz Thiago.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 535, 10 de janeiro de 2007)

Ser aprovado no vestibular de uma grande universidade tecnológica é uma notável conquista. Thiago, estudante gaúcho aprovado para o vestibular do ITA, foi apresentado pela edição do caderno Vestibular/ZH de 10 de janeiro de 2007 como um modelo a ser seguido. Uma das imagens que compõem essa capa mostra um jovem branco usando óculos, com um sorriso nos lábios, vestindo uma camiseta com a logomarca de um curso pré-vestibular e segurando em cada uma de suas mãos uma pilha de livros, cadernos e apostilas de estudo. Ao fundo da fotografia, aparece supostamente a sua casa, cercada com grades. No portão, está afixada uma faixa, parabenizando-o: “Valeu Thiago! UFA! Parabéns pela Aprovação no ITA e no IME/2007. Homenagem da tua família pelo teu esforço, dedicação e perseverança”. Esse jogo de perseverança, esforço e dedicação é apresentado na manchete da edição com um nome: conquista. Essa noção de conquista, com seu caráter individualizante, tem sido visibilizada próxima às questões de treinamento, esforço, oportunidade, mercado promissor e sonho realizado.

A racionalidade operante na estratégia das conquistas individuais e permanentes privilegia despertar no indivíduo a vontade de não apenas vencer o outro, mas também de vencer a si mesmo. Aparenta que o indivíduo é aprisionado ao desejo de vencer permanentemente, fazendo com que a todo momento ele percorra (e busque superar) os seus próprios limites. Esse sujeito universitário, ao fazer da educação superior um investimento em si mesmo, tem suas condutas conduzidas na direção de uma superação de si – um universitário que desconhece seus limites e por isso busca sempre mais.

5.2. Gerencie seus talentos!

Historicamente, a noção de vocação apresentava uma conotação religiosa. Ser um vocacionado movia-se em um campo de significação que posicionava o sujeito como possuidor de disposição natural, talento ou dom para a realização de alguma tarefa – características inatas de alguém que já nascia destinado. Em articulação com a estratégia da conquista, mostrarei como tenho notado que, nas paisagens da contemporaneidade, marcadas pelo neoliberalismo, a perspectiva da vocação ganha uma nova significação, ainda ligada a um chamado natural, mas agora distante do chamado divino.

O sujeito universitário é chamado a servir com seus talentos naturais ao mercado, princípio organizador das sociedades liberais. Na versão norte-americana do neoliberalismo, sob os princípios da teoria do capital humano, a relação entre o sujeito e a escolha do seu trabalho movimenta-se sob dois componentes: “compreendendo um dom natural genético e um conjunto adquirido de capacidades produzidas, como resultado do investimento privado na educação e em recursos culturais similares” (PETERS, 2002, p.221).

Os modos de pensar o sujeito nestes tempos alteram-se para uma perspectiva que posiciona o mercado como eixo regulador da vida social e, como tal, tende a exercer uma forma de governo que vai muito além do domínio do econômico. Assim, entendo, das enunciações e visibilidades do material analisado, que o chamado vocacional emana de outro princípio metafísico: as relações de mercado. A racionalidade governamental que vejo operar nesse campo convida os sujeitos universitários a produzirem e gerenciarem os seus talentos para manterem-se ativos do ponto de vista econômico. Sendo que o mercado é bastante volátil, a meta desse gerenciamento aproxima-se da busca de uma segurança na carreira.

Isto equivale a dizer que ele não tem em sua natureza (ou carrega em si) um a priori econômico, mas, pelo contrário, que ele é alguém que pode e deve ser levado a se comportar dessa ou daquela maneira no mundo da economia – o que, na lógica

neoliberal, equivale a dizer simplesmente no mundo (VEIGA-NETO, 2000, p. 197).

Então, entendo que dizer que determinada profissão traz consigo a exigência de uma vocação ou de um talento natural não se constitui como um problema em si mesmo. Não quero dizer que sou contrário ou não à lógica da vocação, pois, ao me distanciar desse entendimento inatista de conhecimento, essa não é uma questão que me desafia. Apenas quero enfatizar que essa narrativa do gerenciamento dos talentos, nos materiais analisados, está a serviço de uma lógica do mercado, ou seja, a vocação emergente dessas tramas emana de outro deus, ou seja, de outro centro regulador. Essa perspectiva estabelece uma aproximação com a racionalidade anteriormente descrita, pois, tal como consegui ler até o momento nos materiais, a conquista somente seria efetiva aos vocacionados, isto é, para poucos, para aqueles que seguiram o chamado de algumas profissões e aceitaram gerenciar seus talentos conforme o caminho proposto por Vestibular/ZH. Passo agora a apresentar algumas das recorrências nas quais consigo visualizar tais enunciados.

Nos currículos, as **instruções militares** se misturam às disciplinas, e o **estudante precisa estar preparado para desenvolver o corpo e a mente com muita disciplina**.
- É como a **Medicina** ou o **sacerdócio**: é preciso **ter vocação e se dedicar integralmente**.
Aqueles que pensam que terão apenas um emprego não conseguirão se adaptar – alerta o chefe da seção de Comunicação Social do Comando Militar do Sul, coronel Eduardo Pantoja.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 515, 30 de agosto de 2006)

Tendo optado pela arma de Cavalaria, aos 27 anos, o 1º tenente Ustra é hoje oficial do 3º Regimento de Cavalaria de Guarda – Regimento Osório. E não se arrepende da **escolha**: as noites de pouco sono, **muito estudo e vigília constante** lhe renderam a **estabilidade** e a **despreocupação com o mercado de trabalho**.
- Nos formamos e temos **emprego garantido**. Quem sai de uma faculdade ainda tem de procurar oportunidades – diz.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 515, 30 de agosto de 2006)

A edição 515 do caderno Vestibular/ZH apresenta as carreiras militares e, para visibilizar tal objetivo, utiliza as falas de dois jovens bem-sucedidos na carreira militar. A lógica com a qual a noção de talentos se articula é a estabilidade na carreira escolhida, ou a despreocupação com o mercado de

trabalho. Entretanto, gostaria de mostrar o caráter construído dessa noção: esse talento é lido como produto de uma escolha. Diferentemente daquela clássica noção de vocação associada a uma abnegação por uma causa metafísica, essa noção agora é regida por um princípio de escolha. Veiga-Neto (2000) mostra como esse sujeito produzido no liberalismo contemporâneo, por ele caracterizado como “sujeito-cliente”, é marcado pelo seu potencial de escolha. “Este sujeito-cliente é entendido como portador de uma faculdade humana fundamental, que seria anterior a qualquer determinação social: a capacidade de escolher” (VEIGA-NETO, 2000, p. 199). Assim, em um primeiro momento, essa racionalidade está aproximada da noção de capacidade de escolha. É tamanha a ênfase atribuída à escolha de uma carreira militar, que aparentemente nem mesmo há uma diferenciação entre emprego e vida. Você é o seu trabalho!

Outra possibilidade que se movimenta nas margens dessa estratégia remete à perspectiva de que, para a realização do talento, se faz preciso um conjunto de saberes prévios. Um estudante apenas se tornará um bom desenhista se já possuir bons conhecimentos na área, por exemplo. Isso talvez reafirme os modos como essa racionalidade não apenas assume a perspectiva da escolha como princípio, como também a coloca no registro dos saberes adquiridos. O talento é construído nas condições de aprendizagem de cada sujeito. Os fragmentos abaixo apontam algumas dessas visibilidades.

Quem busca a vaga no curso de Música deve demonstrar habilidade com um instrumento. Para o Teatro, o candidato deverá representar um dos monólogos indicados pela Universidade, ainda a serem definidos. E para as Artes Visuais, **os vestibulandos deverão desenhar.** [...]

- Nós verificamos nas Artes Visuais, por exemplo, a linha, a proporção, a qualidade gráfica que ele tem. Mas **queremos é uma amostra do potencial**, ver se pode ser aperfeiçoado – diz a **coordenadora** da Comgrad em Artes Visuais, Laura Castilhos.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 563, 25 de julho de 2007)

- **Você já imaginou um aluno que não sabe nada de biologia entrar no curso de Medicina?** Ou alguém que não sabe nada da matemática ingressar em uma Engenharia? Pois, da mesma forma, não há como entrar no curso de Música sem saber tocar um instrumento – compara a **professora** Lúcia Becker Carpena, coordenadora da Comissão de Graduação (Comgrad) em Música.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 563, 25 de julho de 2007)

Assumir os seus talentos naturais e gerenciá-los passa pelo domínio de conhecimentos prévios e, ao mesmo tempo, pela busca da realização pessoal no mercado de trabalho. Preciso reforçar o modo como essa racionalidade governamental do gerenciamento dos talentos remete ao campo individual, no qual pode parecer que o chamado seja para realizar-se em um mercado exigente. Ainda gostaria de mostrar quem está falando nestes últimos dois fragmentos: professoras. Não são *experts* da psicologia, da gestão empresarial ou da economia, mas professoras, o que talvez mostre como esse discurso pedagógico contemporâneo está tramado com discursos empresariais. Nessa ordem do discurso (FOUCAULT, 2006), como todas, marcada por interdições e exclusões, as professoras já estão autorizadas a falar, dada a aproximação de campos discursivos. Procurando explicar um pouco mais, insisto que a professora dirige a formação de seus alunos para uma lógica empresarial, o que não lhe dá legitimidade para falar sobre a área empresarial. A capa que segue mostra um destaque atribuído ao enunciado da vocação.

ZERO HORA

estibular

POSTO ALÉGAL, QUARTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2006 - Nº 511

Com disciplina constante, as escolas militares são algumas das instituições mais disputadas do país

ULBRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

O que você deve saber

- Os estudantes à maioria militar são bastante concentrados em todo o país.
- Há uma alta aprovação, à priori, nos vestibulares e em outros exames.
- É possível ter carreira e subsídio acadêmico e carreira militar.
- Como militar, você estará sujeito a ser preso em situações críticas.

O que você deve saber

• O vestibular de ingresso militar é bastante concorrido em todo o país.

• Há uma alta aprovação, à priori, nos vestibulares e em outros exames.

• É possível ter carreira e subsídio acadêmico e carreira militar.

• Como militar, você estará sujeito a ser preso em situações críticas.

Exército, Marinha e Aeronáutica oferecem vagas

Maria Mônica Sampaio, 23 anos, a mais procurada no país - que viveu nos Estados Unidos - quer a vaga de estudante no Exército. Sem poder a matrícula e o curso, ela viveu a vida e ingressou nos 17 anos no Instituto Militar de Engenharia (IME), uma das instituições mais prestigiadas do país.

Quarta-feira, 30 de agosto de 2006. Os exames, os exames internos do plantão e os acadêmicos serão feitos pelos estudantes de Física, com muitos vestibulares realizados pela carreira militar - entre a recém-formada engenharia química que está sendo no capital.

É importante o ensino de preparar um currículo acadêmico desde cedo e o atual do projeto do país, que militares de estudantes procuram os concursos à carreira militar. Além

de oferecer ensino de qualidade em cursos de graduação e pós-graduação, o Exército, a Marinha e a Aeronáutica, as escolas oferecem infraestrutura, com alojamento, alimentação e bolsas de estudos, e um futuro inserido em planos de carreira. Nos currículos, as instituições militares se destacam na disciplina, e a estrutura precisa está preparada para desenvolver o corpo e a mente com muita disciplina.

— É como a maioria em o setor.

Vocação militar

Oportunidade para a saúde

• O vestibular de ingresso militar é bastante concorrido em todo o país.

• Há uma alta aprovação, à priori, nos vestibulares e em outros exames.

• É possível ter carreira e subsídio acadêmico e carreira militar.

• Como militar, você estará sujeito a ser preso em situações críticas.

AERONÁUTICA

“a experiência”

Desde criança quer ser militar. Maria Sampaio não parava de falar em entrar para a Aeronáutica. Foi nos anos de Maria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que ela decidiu seguir esse caminho. Hoje ela é capitã e está no comando do 1º Grupo de Aviação de Bombardeiros (1º GAB), onde aprendeu a voar. “Foi uma experiência incrível”, diz ela. “A aeronáutica é uma profissão muito interessante e desafiadora. Além disso, oferece uma ótima oportunidade de crescimento profissional e pessoal.”

2ª sargenta Karine Balboa, 24 anos, trabalha em Engenharia.

! Lelo mais na página 2

NESTA EDIÇÃO Dicas e testes de matemática. Página central e 6

Figura 1

A capa, em um dos boxes⁶ à direita, ao lado da manchete principal, mostra a idéia de duplicidade vocacional, ou seja, além de realizar-se na escolha de uma profissão, ainda é importante realizar-se na função social que ela representa (no caso, a militar). Talvez possamos constatar que essa dupla realização (conquista e vocação/talento natural) encaminhe para uma combinação de que a produção de um sujeito universitário exige uma formação diversificada, mas isso não está apenas no nível da transmissão/construção de

⁶ Segundo Lustosa (1996), um *boxe* tem como função “possibilitar uma melhor descrição de um ambiente ou de um personagem, a fim de permitir ao leitor situar diferentes elementos que interferem na informação principal da notícia” (p. 165).

saberes, sendo também atravessado por um conjunto de condutas (competências) a serem desenvolvidas. O gerenciamento dos talentos passa a ser uma condição do sujeito universitário contemporâneo. Afinal, o mercado quer os bons!

5.3. “O mercado quer os bons!”

Outra abordagem visibilizada na questão da conquista do ingresso na universidade está no fato de que, para que isso aconteça, é preciso estudar “de verdade”. Esse modo de estudar é associado às noções de formação ou atualização permanente, pois é preciso manter-se ativo no mercado profissional devido à grande concorrência hoje existente – afinal, não basta ser mais um: o mercado quer os bons! Ainda é preciso lembrar que, para estudar “de verdade” e jogar no time dos bons, é necessário muito planejamento e organização para administrar-se nessa empreitada. Na estratégia de constituir “os bons” a partir de uma formação continuada e planejada, os cadernos Vestibular/ZH passam a constituir modelos de estudantes bem-sucedidos, assim como estabelecem roteiros de preparação para as provas, marcando lugares de chegada a cada leitor interpelado por seus modos de ação. Para narrar a constituição dessa lógica, é preciso marcar o forte acento atribuído ao próprio indivíduo. O próprio universitário é responsável pela sua atualização permanente e por esse planejamento.

Marcando as mudanças nas sociedades contemporâneas, talvez com a emergência de sociedades de controle, Gilles Deleuze (2007) tenta mostrar alguns deslocamentos nas concepções de educação e de profissão que encaminham para uma lógica de controle contínuo e formação permanente.

Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional - um outro meio fechado -, mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou o executivo-universitário (DELEUZE, 2007, p. 216).

Considerando a emergência de um possível “executivo-universitário” que se constitui em suas estratégias de formação contínua para que, numa dinâmica concorrencial, não seja ultrapassado pelos outros, começo a mostrar algumas recorrências dos materiais analisados, possibilitando a leitura de uma racionalidade governamental.

- Vários colegas meus **desistiam no meio do caminho**, entraram em **depressão**, por achar que seria **impossível**. Mas não é. Antes eu era aquele tipo de estudante que ia bem no colégio sem estudar, **o mais difícil foi ter de estudar de verdade** – conta Augusto, que optou pela **Escola Naval**.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 535, 10 de janeiro de 2007)

Uma das estratégias para sobreviver no jogo da formação contínua, da busca exacerbada de ser o melhor, é a possibilidade de ser forte, ou seja, de não se entregar aos obstáculos cotidianos, seja da vida física, seja da vida familiar. Entregar-se no meio do caminho, ter depressão, desistir porque considera seu objetivo impossível de ser alcançado são características daqueles que não serão bem-vindos nas dinâmicas do mercado profissional da atualidade. “Ousado”, “dinâmico” ou “empreendedor” são adjetivações próprias deste tempo e opõem-se à possibilidade da desistência. Um universitário “de verdade” não desiste nunca, afinal, ele quer ser escolhido para vencer, a conquista o espera! É preciso enfatizar ainda que essa disposição necessita ser contínua, pois nessa lógica “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado” (idem, p. 216). Essa racionalidade reforça a idéia de superação dos próprios limites e ainda coloca o sujeito universitário na impossibilidade de conviver com o fracasso.

Marcando as recorrências desse estudar “de verdade” e dos modos pelos quais as capas de Vestibular/ZH evidenciam roteiros de preparação contínua, mostro agora uma capa que apresenta estudantes bem-sucedidos em processos vestibulares, sendo posicionados no lugar de modelos e como tal, prescrevendo rotinas de estudo e preparação para aqueles que procuram “estar na nata do Brasil”, como indica um dos estudantes que aparecem na capa.

ZERO HORA Vestibular

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 10 DE JANEIRO DE 2007 - Nº 535



Thiago de Costa já tinha passado na FFCVMPA e na Unicamp, mas continuou a lutar pelo sonho de entrar no ITA, em São Paulo

A melhor conquista

Estudantes gaúchos garantiram vagas nos vestibulares mais concorridos do país

LEITINA BRUNET

No 2005, e concerne Thiago Cardoso da Costa, 22 anos, conseguiu um feito invejável para qualquer vestibulando: foi o segundo melhor colocado no vestibular de Medicina da Pontifícia Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFCVMFA) e obteve a 1ª melhor média no vestibular geral da Unicamp, em São Paulo. Mas nada disso o empolgou, foi preciso mais um ano de estudos intensivos para que alcançasse sua meta: se tornar um médico. Seu objetivo era o vestibular de Medicina de São Paulo (Vestibular de Medicina de São Paulo - VMP), um dos vestibulares mais concorridos do país, com uma média de aprovação de 56 candidatos por vaga.

Terminou pelos concorrentes e ainda desconhecidos por boa parte das estudantes, os vestibulares para as academias militares são famosos por sua complexidade, mas também pelas garantias de qualificação de ponta e colocação profissional. Sa-

mente na Academia da Força Aérea (AFA), outro concurso disputado, há pouco com mais de 80 candidatos por vaga. Se o nível dos concorrentes é cada vez mais difícil pela qualificação dos candidatos, o maior desafio é manter a motivação para não desistir no meio do caminho. Para Thiago, o sonho construído após um ano e meio no ITA foi o primeiro passo: cinco anos de preparação que culminaram em mais de 12 horas de estudos diários e trabalho psicológico.

— Tem de ser muita força para manter a rotina pesada de estudos e a calma na hora da prova. O apoio da família, dos amigos e dos professores foi fundamental — diz Thiago.

— Terminei assim porque tive Augusto Van Den Fleiter Claes, 26 anos, de São Leopoldo, aprendendo em quarto lugar do gado no concurso de Engenharia da AFA e na Escola Naval, após três tentativas. Para conquistar o resultado, ele abandonou os momentos de lazer, concentrando estudos das 8h às 20h, de segunda a sábado.



Augusto Claes passou em dois vestibulares e optou pela Escola Naval

— Vários colegas meus desistiram no meio do caminho, ficaram em depressão, por achar que seria impossível. Mas não é. Antes eu era aquele tipo de estudante que ia bem no colégio, mas estudar, o meu maior medo — conta Augusto, que optou pela Escola Naval.

Reforçados pela conquista, os dois estudantes, que não pertencem a famílias de militares, planejam agora estudar ainda mais para conquistar as carreiras de alto nível profissional pelo diploma.

— Não sei bem qual entre a "nota" do Brasil, a força do diploma do ITA vale mais, e há muitas oportunidades de emprego. O mais complicado é deixar a família e a namorada — diz Thiago.

Diferos são também os vestibulares em provas teóricas de acadêmicos militares: neste ano, como AFA, Escola Naval e Instituto Militar de Engenharia, mas em todas obtiveram classificação para a primeira chamada (se garantem vaga em caso de desistência).

ULBRA Saúde, uma rede de quatro hospitais e 31 unidades ambulatoriais no Rio Grande do Sul.

Como eles fizeram

Para quem quer seguir o mesmo caminho, os estudantes Augusto Van Den Fleiter Claes e Thiago Cardoso da Costa dão algumas dicas. Confira:

- ▶ **Acredite em você mesmo:** é preciso confiar na aprovação e se dedicar a ela. É difícil ser aprovado quando se tem medo da prova.
- ▶ **Organize uma rotina de estudos:** um curso especializado é considerado essencial pelos dois estudantes para garantir a aprovação, mas é preciso também estudar por conta própria. Os dois alunos dedicavam em média 12 horas diárias ao estudo.
- ▶ **Estude em grupo:** dividir as dúvidas e os anseios com colegas que estejam se preparando para o mesmo concurso fortalece a preparação intelectual e ajuda na motivação mútua.
- ▶ **Se você domina algum assunto, se propõe a ensinar seus colegas:** quando você tem de explicar para outra pessoa um conteúdo, aprende a sistematizar melhor os conhecimentos e pode descobrir eventuais lacunas no aprendizado diante das perguntas dos outros.
- ▶ **Escolha um local adequado para o estudo:** estudar em casa pode interferir na concentração, pela facilidade em se distrair com computador, telefone ou conversas paralelas de família. Procure um local tranquilo.
- ▶ **Converse com sua família:** diante da pressão e do estresse da prova, o apoio da família é fundamental para a motivação.
- ▶ **Reserve um tempo para o lazer:** pelo menos um dia por semana, quando tempo para fazer outras coisas, como natação e passeios.

▶ **Leia mais na página 2**

NESTA EDIÇÃO Dicas de história, literatura e inglês. Páginas central e 5

Figura 2

Ao posicionar os alunos Thiago e Augusto na condição de modelos a serem seguidos ou, ainda, na situação de prescrever condutas devido ao seu sucesso obtido em exames de grande grau de dificuldade, o caderno Vestibular/ZH estabelece roteiros de preparação para o concurso vestibular,

propondo-se a não só gerir os modos de ação desses sujeitos, como também a ensinar-lhes a gerir suas próprias vidas. A escolha do lugar adequado para estudar, os modos de se relacionar com a família, os espaços de lazer e até mesmo as maneiras de lidar consigo compõem o campo de estratégia desses materiais. Isso encaminha para que, nos modos de manterem-se atualizados para competir, os sujeitos universitários administrem de forma mais racionalizada suas vidas, entrando em um regime de modulação, comum nas culturas empresariais contemporâneas.

No regime disciplinar, a lógica visível era a fábrica, que operava nos moldes do confinamento (DELEUZE, 2007); porém, no regime da empresa, a lógica é mais sutil, pois esta “é uma alma, um gás” (idem, p. 221). A disciplina não exerce mais o lugar de molde, mas o controle age no âmbito da modulação, entendida “como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (DELEUZE, 2007, p. 221). Os modos pelos quais as prescrições de condutas operam em uma lógica de modulação são bem mais sutis e indeterminados do que no regime da disciplina moderna.

Operar no registro da modulação implica pensar na liberdade dos sujeitos, uma vez que a liberdade é condição ao exercício do poder. Os sujeitos universitários são seduzidos a pensar na importância da formação continuada para seguirem ativos no jogo da concorrência. Não há um poder que os subjogue pelo uso da violência, uma influência nefasta da mídia, por exemplo, a participar dessas dinâmicas.

O poder só se exerce sobre “indivíduos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Na continuidade, mostro mais uma capa, onde a preparação para a conquista da aprovação no vestibular é apresentada mês a mês e, dessa forma, é aproximada das noções de planejamento.

ZERO HORA

Vestibular

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2007 - A7 259

Inscrições abertas para o Processo Seletivo 2007/2 com mais de 60 cursos de graduação em 6 campi do RS.

ULBRA
UNIVERSIDADE LEONARDO ROCHA

Mapa da aprovação

LUCIA PERES

Leitura é o tema da quarta reportagem da série Mapa da Aprovação. E Laura Martins de Moraes (na foto, à esquerda) e Marina Davila da Silva, ambas com 17 anos, foram escolhidas a dedo. Nas duas boas em literatura e gírio pelas freiras delirantes a indicação das estudantes antes as três turmas de 3º ano de Instituto de Educação Flores da Cunha, em Porto Alegre. Mas, ao participarem do desfile, que exigiu uma aula especial no curso Utilizando sobre as quatro novas obras obrigatórias para o concurso de Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), elas descobriram que gostar de ler não basta para o vestibular. É preciso ler.

Participando a leitura até agora, Laura e Marina refletem: O que os livros, todos os contos de Machado de Assis e romances de Os Lusíadas, de Luís de Camões, e Os Ratos, de Dyonísio Machado. O tempo para ler tem sido pouco para elas que, além dos mil do 2º ano, trabalham. Mas o esforço começa agora. A dupla quer ingressar, respectivamente, nos cursos de Jornalismo e Química.

Como incentivo para as estudantes receberam a relação da UFRGS, o caderno Vestibular promoveu um encontro com os professores Flávio Azevedo e Eduardo Wolf, do qual participaram também outros três vestibulandos. Por mais de uma hora, o grupo ouviu histórias e cobrou características do autor que estudaram na unidade: Jorge Figueiredo, em Aves de Bala; Vivaldo, Mito de Moraes, em Das Festas; e Luiz Antônio de Assis Brasil, no romance Concerto Casagrove. A obra de José Lino do Rego, Fogo Morto, também foi analisada e apêlice a despertar o interesse das alunas pela literatura. Confira nossa edição, o que os professores disseram sobre cada obra e prepare-se para seguir a rota central a partir de 2008.

Leia mais na página 2

IV

Você está aqui

Planejamento e organização

Listão 2008

NESTA EDIÇÃO CONFIRA DICAS E TESTES DE QUÍMICA Páginas central e 6

Figura 3

Ao fundo, um mapa do tesouro com vários pontos marcados, caixas do tesouro, desenhos de estudantes com lenços de piratas na cor verde. O mapa inicia no mês de março, com as noções de “Planejamento e Organização”, e encerra-se em janeiro do ano seguinte, com a caixa do tesouro, o “Listão 2008”. Abaixo do mapa, estão duas jovens brancas usando lenços verdes (semelhantes aos dos desenhos). Estão debruçadas sobre livros, atentas à leitura. O que uma

singela imagem dessas poderia estar nos mostrando acerca dos sujeitos universitários? Quero mostrar que, para pertencer à universidade, não basta apenas vontade ou inteligência; uma outra prerrogativa faz-se importante para isso: planejamento. Ter uma vida planejada, longe dos perigos da vida social, é importante para quem se desafia a ingressar no “mundo dos bons”, aqueles que alcançam o sucesso no mercado de trabalho. Então, o que é possível ler nessa capa é a idéia de planejamento e organização, fundamentais para quem deseja empresariar sua carreira profissional. A imagem das meninas com lenços de pirata talvez remeta para a idéia de “desbravadoras”. Desbravadoras de conhecimentos, dedicadas e confiantes que podem vencer. Esse planejamento para o sucesso não apenas opera no regime do controle, como também evidencia estratégias de regulação. Ainda acerca da noção de planejamento, mostro mais uma capa em que essa noção é recorrente.

ZERO HORA

Vestibular

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 1 DE JANEIRO DE 2007 - Nº 357

Dois doutorados,
9 mestados e
70 cursos
de especialização.
Saiba mais em
www.ulbra.br



A cinco dias do concurso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professores indicam o que fazer para chegar bem às provas

LEILA PERES

Depois de um ano de preparação, calma é a palavra mais indicada a quem está a cinco dias do vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É para alcançar a tranquilidade – capaz de ajudar muito na prova –, a organização é fundamental.

O vestibulando deve evitar qualquer mudança na vida neste momento. É importante não brigar com o namorado, não aceitar contas com os amigos, não começar dieta e, de preferência, não se apaixonar – lembra o professor Ivo Kaufmann, do curso Utilidade.

Seguir em frente, mantendo contatos e manter o equilíbrio emocional é ótimo e também o que a universidade espera dos candidatos.

O autor José Carlos Werneckstein lembra que o concurso que começa neste domingo será realizado em quatro dias e sul exigido no segundo e no quarta-feira, um esforço maior, com a resolução de três provas.

O candidato deve descansar antes das provas. Evitar o excesso de estudos de qualidade e buscar mais a mesma qualidade dos dias de prova para elevar o conforto e selecionar os alunos mais preparados – afirma o autor.

Coordenador de vestibular da instituição, professores do curso Utilidade prepararam um roteiro para vestibulandos. Confira as dicas para enfrentar a ansiedade dos últimos dias e saiba o que estudar na hora de revisar os conteúdos.

Um roteiro para o dia D

Hoje

Local da prova – Confira onde será o sua sala e, se puder, vá conhecê-la. No dia do vestibular, é proibido sair sem a carteira e você sairá exatamente como chegar e quanto tempo levará até o local. Para quem mora em outra cidade, é possível observar o mapa e conhecer o trajeto que irá percorrer nos dias de prova.

Resumos – Recolha todo o material resumido e separe por matérias. Os parâmetros, publicados no Caderno Vestibular são uma ótima opção. Também devem entrar suas anotações de aula e resumos produzidos por professores.

Documentos – Confira sua carteira de identidade e a autenticação em lugar seguro até o dia da prova. Faça uma cópia autenticada do documento e não gaste com o original. Reserve materiais, como lápis, borracha e caneta.



Amanhã

Escolha quatro entre as nove disciplinas para revisar o conteúdo com base nas dicas que estão na página 2. O tempo para cada disciplina não deve ultrapassar uma hora.

Dê um intervalo entre cada uma delas.



Sábado

Descanso é o melhor dia do dia. Procure uma atividade que lhe dê prazer, como andar de bicicleta, ouvir música, ler, cantar ou nadar. Manter-se ocupado ajuda a baixar a ansiedade total de semana.

Se preferir, assista às pré-aulas, oferecidas pelas instituições. Olar as bases de ciélogos e professores nesta hora pode ajudar.

Diversa cedo para acordar bem disposto. E bebam água quente até o dia. Se decidir revisar conteúdos antes da prova, prefira acordar uma hora mais cedo no domingo.



Sexta-feira

Dedique-se ao conteúdo das disciplinas. Siga as indicações de conteúdos dos professores que estão relacionados na página 2. Revise cada matéria por cerca de uma hora, com intervalos entre elas.



Domingo

Ganhe o despertador, com tempo marcado suficiente para chegar ao local de prova às 7h30 horas, uma hora antes do início do exame.

O café da manhã é indispensável. Coma naturalmente o que costuma comer. Não se preocupe com a prova em jejum. Uma alimentação leve e saudável é a mais indicada.

Pense que o vestibular não é a solução de sua vida, mas apenas um teste, uma etapa a ser vencida com tranquilidade.

Leia a prova e faça as questões mais difíceis. Comece pelas questões mais fáceis e vá aumentando o nível de dificuldade.

Não se desespere com as questões que não souber responder. Por mais difícil que seja o curso para o qual você se inscreveu, é possível se classificar sem gabaritar qualquer uma das provas. Trabalhe com concentração e calma para fazer o máximo possível.

Atenção

No domingo primeiro dia do concurso, o trânsito da cidade é tranquilo. O candidato deve entender que, na segunda-feira, terá de sair de casa mais cedo, pois as ruas serão movimentadas, e o tempo para chegar aos locais de prova não será o mesmo.

No página 2, os conteúdos mais importantes para revisar antes das provas.

NESTA EDIÇÃO Confira dicas e testes de biologia **Páginas central e 6**

Figura 4

Essa capa é a única das analisadas que não apresenta fotografias, mas desenhos que procuram passar uma receita de sucesso para a última semana de preparação para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), considerado, em mais de um registro, como o mais valorizado do Estado. Para tanto, o caderno apresenta roteiros de preparação física, psicológica e cognitiva para essa prova. Uma característica que observo nesses roteiros é o modo como tentam constituir-se assepticamente, como um manual

que pode incluir todos. Recomendam-se aspectos triviais da vida cotidiana, tais como o cardápio do café da manhã, o relógio despertador, as indispensáveis pré-aulas dos cursinhos ou até mesmo não brigar com a namorada ou iniciar dietas. Isso nos encaminha a sistematizar que, para entrar no jogo do mercado, jogar no time dos bons, é preciso formação continuada e uma vida planejada, mas autogerida no detalhe. A retórica aí movimentada afirma que são “as pequenas coisas que fazem um vencedor”. A racionalidade governamental operante nessa estratégia postula a necessidade de um planejamento para a obtenção do sucesso na universidade e no mercado de trabalho. Tal planejamento prioriza estratégias de formação permanente que operam no âmbito da regulação e distribuição dos tempos, dos espaços e dos conhecimentos a serem obtidos.

5.4. Aprenda a ser empregável!

A estratégia que escolho descrever neste momento é a noção de empregabilidade. Os estudantes universitários gerenciam suas atitudes na direção da conquista, gerenciam seus talentos e desenvolvem estratégias planejadas de preparação e de formação. Mas tudo isso acontece não para garantir um emprego no sentido clássico, mas para manterem-se empregáveis. Empregabilidade seria a condição de um profissional de continuar com competências para lutar por vagas no mercado de trabalho. Em um tempo em que os empregos estão escasseando e as organizações empresariais ampliam seus padrões de exigência, a saída encontrada por esse mercado é produzir possibilidades de emprego: a nomeada empregabilidade.

Uma série de investigações na contemporaneidade tem problematizado a crise das relações produtivas, assim como a emergência de novas possibilidades nessas paisagens. Harvey (2002) aponta a crise dos modelos fordistas de produção, emergindo na condição pós-moderna um novo modo de gerenciamento da produção, um modelo flexível de administrar o mundo da produção e, conseqüentemente, o mundo do trabalho. Bauman

(1999) argumenta que os modos pelos quais a flexibilidade tem aparecido nos novos discursos acerca da formação dos trabalhadores tem possibilitado novas configurações dos próprios processos formativos destes sujeitos. Na medida em que o mercado de trabalho não é mais rígido, ou seja, produz-se de forma volátil tal como o capital que movimenta, o trabalho também passa a ser visto como uma variável de mesma ordem: flexível.

Em outras palavras, o trabalho é “flexível” na medida em que ele se torna uma espécie de variável econômica que os investidores podem desconsiderar, certos de que suas ações e somente elas que determinarão a conduta da mão-de-obra (BAUMAN, 1999, p. 112).

Nas movimentações analíticas desenvolvidas com o caderno Vestibular/ZH, a empregabilidade tende a ser posicionada como uma questão de oportunidade ou de mérito pessoal. Dito de outra forma, para se manterem ativos no mercado de trabalho (empregáveis) os leitores de Vestibular/ZH são dirigidos a olharem a si mesmos (suas qualidades) ou a buscarem espaços de reconhecimento para suas potencialidades. Isso, mais uma vez, se aproxima da noção de flexibilidade do trabalho, na medida em que é o próprio sujeito que será responsabilizado pelo seu sucesso ou fracasso. “A flexibilidade só pretende ser um ‘princípio universal’ de sanidade econômica, um princípio que se aplica igualmente à oferta e à procura do mercado de trabalho” (idem, p. 112).

Retomando as recorrências da estratégia de empregabilidade nas capas de Vestibular/ZH, começo a listar mais alguns fragmentos que me auxiliam a visibilizar as noções com as quais opero.

- Não pensava em fazer faculdade **agora**, mas a **oportunidade é muito boa**. O **curso superior é hoje quase um requisito na carreira** e eu não terei de sair do aeroclube, onde também moro – diz Eduardo Vizonan Cosma, 18 anos, aluno do aeroclube que já **acumula 10 horas de voo**.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 528, 29 de novembro de 2006)

Associada à empregabilidade, uma perspectiva evidenciada é a noção de oportunidade, ligada, nesse fragmento, a cursos superiores. Ter um curso

superior é apresentado como condição para manter-se empregável, o que, nesse contexto, é interessante, visto que o caderno Vestibular/ZH opera como um “guia de consumo” (RODRIGUES, 2008). Ainda gostaria de explorar a idéia de que a oportunidade costuma estar associada a um processo de imediatização: o que conta é o agora, o rápido, o breve, o imediato. Na perspectiva de produção de oportunidades imediatas, as universidades têm integrado com bastante força essa lógica empresarial, como mostram os próximos fragmentos.

- O **assédio por estudantes** é cada vez maior. Até já **“vendemos” alunos**. Em troca de **boas indicações**, as **empresas** ajudaram a recuperar o prédio histórico da engenharia – conta o professor Telmo Roberto Strohaecker, citando uma lista de **empresas nacionais e estrangeiras onde atuam seus ex-alunos**.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 514, 23 de agosto de 2006)

Mais uma **crise está prevista** para a aviação. Se tudo continuar como está, em três anos, segundo especialistas, **haverá falta de pilotos de linha aérea no mercado**. Para ajudar a **suprir a demanda** que se anuncia no meio aeronáutico, **o Rio Grande do Sul sai na frente** e oferece novo curso superior para aviadores, o 18º do país.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 528, 29 de novembro de 2006)

- O aeroclube recebe alunos de muitas universidades brasileiras para a prática de vôo, mas a Ulbra entendeu, e nós concordamos, que a **imersão do estudante na aviação é fundamental para a formação do profissional**. Por isso, construímos uma **parceria especial** – diz o presidente do Aeroclube, Luís Fernando Coelho de Souza.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 528, 29 de novembro de 2006)

As universidades têm sido parte ativa nas novas dinâmicas de demandas do mercado. As escolhas de quais cursos deverão funcionar ou mesmo as condições do universitário a ser formado passam por uma lógica empresarial. Esse *empresariamento* ocorreria em duas dimensões: no campo das próprias instituições de ensino e pelo próprio empresariamento do sujeito universitário, um *empresário de si* (PETERS, 2002). Essa noção emerge associada à presença de um conjunto de especialistas que apontam os caminhos do sucesso – um conjunto de *experts*, especialmente ligados aos saberes da economia e da psicologia.

Nesse sentido, visibilizo algumas problematizações desenvolvidas por Jorge Ramos do Ó (2003). Uma delas refere-se ao entendimento de que “a

governamentalidade obstina-se em estabelecer a fina teia das relações de poder que vai atingindo as áreas mais íntimas da existência” (Ó, 2003, p. 65). Isso reafirma meu entendimento de que as estratégias engendradas pelos cadernos Vestibular/ZH, ao dirigirem as condutas dos estudantes universitários, regendo suas formas de vida, estudo e trabalho, operam sob a ordem da governamentalidade.

5.5. O mundo está em suas mãos!

A questão da responsabilidade social tem estado bastante visível em nosso tempo. Parece-nos que, com a diminuição das possibilidades do Estado de Bem-Estar Social, têm ocorrido deslocamentos das responsabilidades coletivas para o âmbito dos indivíduos. Entendendo a responsabilidade social como uma das estratégias de Vestibular/ZH que potencializam a governamentalidade neoliberal, vou mostrar duas perspectivas pelas quais compreendo essa condição: uma primeira, que posiciona a responsabilidade social no registro de uma administração das moralidades, e outra em que talvez se observe a emergência de um novo prudencialismo (GORDON, 1991).

É preciso lembrar alguns dos modos como a responsabilidade social constitui-se como uma estratégia. Milton Friedman (1977) explica como as sociedades neoliberais deveriam desenvolver a responsabilidade social:

Há um tópico da área da responsabilidade social que acho necessário mencionar, uma vez que afeta meus próprios interesses pessoais. Trata-se da afirmação de que os homens de negócios devem contribuir para obras de caridade e especialmente para universidades. Tais doações feitas por empresas constituem um uso impróprio dos fundos da companhia numa sociedade de economia livre (FRIEDMAN, 1977, p. 117).

O economista mostra uma nuance fundamental dessa estratégia: a responsabilidade social, nas sociedades neoliberais, deveria ser exercida pelos indivíduos, e não pelas empresas ou quaisquer organizações coletivas. Isso me encaminha a pensar no primeiro sentido apontado para a responsabilidade

social: a administração moral dos sujeitos. Dessa forma, podemos pensar que, mesmo que reconhecidamente estejamos vivendo um tempo de crise das instituições sociais, dos grandes valores e das metanarrativas instituintes do pensamento da Modernidade, as estratégias de cunho moral permanecem na ordem do dia. Não significa nem mesmo pretender analisar um suposto regresso da moral, pois, conforme o filósofo francês Paul Valadier (1991), ela esteve sempre presente, apenas foi-se reconfigurando ao longo do tempo. Atualmente, tem-se entendido que a moral já não é “um espartilho de imperativos que enreda nas suas malhas apertadas a totalidade da vida social e individual” (VALADIER, 1991, p. 3). A questão que talvez possa ser posta é que: se a moral já não tem suas malhas tão apertadas, por onde ela tem se movimentado?

Em um primeiro momento, pode-se pensar que as noções de progresso ou decadência moral podem ser colocadas em suspenso, visto que as configurações sociais estão distantes de um suposto equilíbrio que pudesse servir de parâmetro. Em face da instabilidade das regras sociais, a moral contemporânea tem sido mostrada em um sentido pragmático, procurando responder provisoriamente as questões urgentes da contemporaneidade.

Em todas estas situações, um certo estilo de preocupação moral reflete-se sob a forma de urgências, cheias de importantes jogos de ganhos e perdas e portadoras de valores fundamentais. [...] Trata-se, antes, de fazer face aos problemas, numa sociedade de rápida evolução, em que as referências permanentes se diluem, e em que, mesmo onde estas referências permanecem, sobrevém a indecisão de as seguir obrigatória e incondicionalmente (VALADIER, 1991, p.11).

Ao inserir-me nas análises das estratégias potencializadas pelos regimes de práticas de Vestibular/ZH, tenho notado algumas regularidades que tendem a colocar o estudante universitário na condição de sujeito preocupado com as questões do seu cotidiano. Talvez possa visibilizar algumas movimentações dessa moral das urgências (VALADIER, 1991) ou, ainda, de uma consolidação da responsabilidade social no sentido apresentado por Friedman.

Uma **biblioteca destruída por um incêndio na pequena escola pública de Itati**, no Litoral Norte. **Um grupo de calouros de Biblioteconomia**, em Porto Alegre. Uma combinação perfeita, pensou a estudante Graziela Mônaco Vargas, 24 anos, para **o trote do segundo semestre** de 2006 na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

- **Li a notícia na Internet e pedi ajuda a minha colega** (Carla Rech Ribeiro, 23 anos). Entramos em contato com a escola para ver o tamanho do acervo perdido. Iniciamos a **campanha de doação de livros no primeiro dia de aula**, mas não imaginávamos que chegaria onde chegou – conta Graziela.

A tarefa de cada bixo era entregar às veteranas 15 livros de literatura juvenil (os didáticos são mais fáceis de recuperar com o governo). **A resposta surpreendeu e a campanha ganhou força**

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 540, 14 de fevereiro de 2007)

O fragmento aponta um incentivo para práticas de responsabilidade social através de um exemplo bem-sucedido da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFRGS. Percebe-se a possibilidade de constituição de sujeitos socialmente preocupados com os problemas emergentes contemporaneamente, participando com a doação de livros a uma pequena biblioteca do interior, e o engendramento de responsabilidades coletivas (e, ao mesmo tempo, uma auto-responsabilização). Com isso, é produzido um deslocamento do coletivo para o individual, como já se explicou anteriormente, o que implica dizer que as estratégias de governo, numa modernidade líquida, se dão relacionadas à individualidade, ou seja, aos investimentos atribuídos aos indivíduos, imputando-lhes uma auto-responsabilidade enfatizada pelo desejo de auto-afirmação, como afirma Bauman (2001):

Essa importante alteração se reflete na realocação do discurso ético/político do quadro da “sociedade justa” para o dos “direitos humanos”, isto é, voltando o foco daquele discurso ao direito de os indivíduos permanecerem diferentes e de escolherem à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequado (BAUMAN, 2001, p.38).

Esse deslocamento descrito por Bauman, no qual os discursos fixos da justiça social dão espaço para aqueles ligados aos direitos humanos, aponta as possibilidades de escolha posicionadas no âmbito dos indivíduos. São

a auto-responsabilidade dos indivíduos e suas capacidades de escolha que permitem essa configuração de intervenção social. A capa abaixo dá continuidade a esse campo de regularidades.



Figura 5

A capa acima, ao mostrar duas jovens brancas sorrindo e com aparente satisfação, debruçadas sobre três pilhas de livros infanto-juvenis, constitui a responsabilidade social como um cenário de liberdade e de

satisfação. Apresentando o trote pensado pelos estudantes de Biblioteconomia da UFRGS, no qual os estudantes ingressantes (calouros) são convidados a doar livros para uma biblioteca incendiada em escola da cidade de Itati, no litoral gaúcho, o caderno Vestibular/ZH visibiliza a estratégia da ação individualizada para o benefício da sociedade. São os próprios estudantes que são responsabilizados pelas ações nos cenários da educação. Afinal de contas, nas sociedades neoliberais, são os próprios sujeitos os responsáveis pela organização da vida social.

Insistindo ainda na analítica da capa que tratou da doação de livros, gostaria de destacar algumas expressões enunciadas em mais um fragmento que possibilitam notar alguns outros aspectos.

- **Teve gente que entregou 30 livros.** Aí nos empolgamos, criamos um blog e ampliamos o pedido para a faculdade e depois para a universidade. O resultado foi a entrega de mais de 1,8 mil livros e **uma experiência gratificante** – lembra. **Ser solidário dá trabalho**, diz a aluna que ingressou no 4º semestre do curso em 2007. Para recolher, separar e estocar o material, foram **quatro meses de dedicação** em uma **sala cedida pela faculdade**. Graziela e Carla **receberam ainda o apoio da comunidade**, com a doação de cem livros do Rotary Moinhos de Vento.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 540, 14 de fevereiro de 2007)

A ação solidária é descrita com tanta ênfase que inevitavelmente se constitui de forma interpelativa. A experiência dessa ação individual (em um âmbito social) aparece caracterizada como gratificante e como produto de intensa dedicação, visto que “ser solidário dá trabalho”. Esclareço que, com esta analítica, não pretendo defender uma contrariedade às práticas solidárias; apenas quero mostrar algumas nuances dos modos como a responsabilidade social opera na ordem das estratégias de governo neoliberal. Friedman (1977) apontava que apenas os indivíduos são os agentes da responsabilidade social. Isso também se faz visível no fragmento considerado, quando lemos que a faculdade só emprestou uma sala e que um clube social se sensibilizou e contribuiu com a doação de apenas 100 livros.

O segundo aspecto que me propus a analisar nas estratégias de responsabilidade social é a emergência de um novo prudencialismo, mais uma das novas nuances desses regimes de governamentalidade. No liberalismo

clássico, foi bastante produtiva uma releitura da filosofia estóica, em especial, nos estudos políticos de Oestreich. Buscava-se o estoicismo e sua filosofia como uma prática ética que escapava da batalha confessional daqueles tempos (católicos, luteranos, calvinistas). “A filosofia era estudada numa busca por fontes de reparação da moral e da orientação ética de um caos externo e uma confusão interna, era uma arma e um medicamento” (GORDON, 1991, p. 13). Essa cultura neo-estóica buscava produzir, sob um caráter pragmático, um remédio para as crises morais do incipiente capitalismo mercantilista, fazendo a defesa de “uma ordem mundial, ‘a polícia deste mundo’” (GORDON, 1991, p. 13).

As condições desse tempo tomaram como uma das técnicas principais a produção de uma ética prudencial, inspirada em Justus Lipsius.

Uma das suas principais morais e de suas virtudes era a promessa, desenvolvida de maneira notável nos escritos extremamente influentes de Justus Lipsius sobre uma ética prudencial comum de “constância” para o governante e o governado: ambos eram exigidos que cultivassem cada um em sua condição, basicamente as mesmas virtudes de condução da vida (GORDON, 1991, p. 13).

Nessa ética secular, neo-estoicista, os imperativos morais eram deslocados das idéias de comando e de obediência. “Obedecer não significava mera abnegação ou servidão da vontade, mas uma forma ativa de condução da vida” (GORDON, 1991, p. 14). Parece-nos que, no liberalismo contemporâneo, novas formas desse prudencialismo têm aparecido, ainda carregando (talvez intensificando) formas ativas de condução da vida. Entretanto, a busca da constância, prerrogativa da ética prudencial, é acionada com maior intensidade nos próprios indivíduos, seja com abordagens psicologistas, seja pela construção de um sujeito politicamente correto.

Os fragmentos a seguir encaminham para a constituição de um sujeito universitário preocupado com as questões sociais e políticas da época em que vive. Todos os três fragmentos visibilizam as cotas para estudantes

negros e oriundos de escolas públicas nas universidades públicas federais do Rio Grande do Sul.

- **Este é o resultado de uma luta antiga.** Não é um presente, mas uma conquista. A partir de agora, a universidade passa a **reservar 30% de suas vagas** para quem estudou em **escola pública e para quem é negro** – disse Luanda Rejane Soares Sito, integrante do Conselho Superior da UFRGS.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 560, 04 de julho de 2007)

Como é **negro**, Rodrigo agora faz parte do único grupo de candidatos que poderá concorrer a **100% das vagas** da UFRGS. Se não for classificado na seleção universal (70%), terá a chance **como aluno de escola pública (15%) e ainda ao espaço reservado exclusivamente aos negros (15%)**. A satisfação do estudante é compartilhada pelos colegas. **E a animação começa a mudar destinos.**

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 560, 04 de julho de 2007)

Pioneiro no Estado, o curso Zumbi dos Palmares atua há doze anos com **professores voluntários**. Tem como **critério para receber alunos a situação socioeconômica** da família e conta com apoio de outras instituições. Na capital, ocupa uma sala da Faculdade de Educação da Ufrgs, e também funciona nas cidades de Viamão, Cachoeirinha, Passo Fundo, Santa Maria e Pelotas. Faz parte de um **movimento que começa a ganhar força**. Só na região Metropolitana, **alunos pobres contam com 13 opções de cursos populares**.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 560, 04 de julho de 2007)

Ao longo de três semanas, as capas de Vestibular/ZH deram ênfase para os processos de definição política acerca das cotas. Parecia despertar em alguns momentos uma intensa e exaustiva preocupação com os sujeitos pobres e negros que não conseguiam ascender ao lugar de universitários. Expressões como “luta antiga”, “animação” ou mesmo “mudança de destino” são utilizadas para mostrar a validade social de uma medida como essa. Sem desejar, no jogo político que fez as cotas ganharem tanta preocupação social neste tempo, talvez encaminhando para um gerenciamento do risco social, as cotas são apresentadas como motivo de preocupação social sobre o qual estudantes universitários politicamente corretos devem se posicionar. A causa das cotas ganha tanta dimensão que há inclusive uma interpelação para que jovens venham participar como voluntários de cursos pré-vestibulares para alunos pobres.

Dando continuidade a isso, outra capa mostra como os jovens do curso de Medicina podem dar a sua contribuição para a sociedade.



Figura 6

A capa mostra uma organização bastante comum entre estudantes dos cursos de Medicina, que são as “Ligas do trauma”, organizações que primam por ensinar estudantes e a comunidade em geral a lidar com o atendimento de emergência. Ao lidar com fraturas, intoxicações ou acidentes domésticos em geral, os sujeitos são convocados a dar a sua contribuição para

as questões sociais de seu tempo. A capa afirma que as ligas do trauma se desenvolveram muito rapidamente, visto que elas são organizadas voluntariamente pelos próprios alunos na intenção de trabalhar na prevenção junto às comunidades. “Participar de uma liga significa crescimento pessoal e profissional. Estamos aprendendo e ensinando a reduzir os danos do trauma, que é uma doença contemporânea” – é dessa forma que um dos estudantes justifica sua participação na atividade, postulando um interesse em crescimento pessoal que seja produtivo para a sociedade. Com essas recorrências é que entendo que a responsabilidade social (na ordem do indivíduo, como pretendia Friedman) é uma das estratégias colocadas em movimentação por Vestibular/ZH que operam sob a perspectiva de uma governamentalidade neoliberal.

Mas e a mídia (Vestibular/ZH)? A mídia não seria a fonte de determinados discursos, mas apenas um dos locais de visibilidade das práticas constituintes destes sujeitos, operando no engendramento de estratégias de governamentalidade. Esse conceito, em especial, em suas nuances articuladas ao neoliberalismo, será examinado mais detalhadamente a seguir.

5.6. Universitários S/A: o jogo do liberalismo contemporâneo

Procurando historicizar rapidamente as noções de governo, poderíamos notar que sua compreensão ultrapassa o registro de um Governo de Estado, pois essa prática é diluída pelos vários espaços sociais: o governo na casa, o governo na família, o governo na escola. Examinando-se esse conceito a partir de uma perspectiva foucaultiana, vê-se que na Modernidade ocorreu um deslocamento do espaço do exercício de poder: não se seguia um modelo de soberania onde prioritariamente se administrava um território, emergindo um modelo governamental em que a população passa a ser o alvo (FOUCAULT, 2007d). Esse deslocamento aparentemente simples evidencia uma nova forma de governar, apontada por Foucault desde a literatura anti-Maquiavel:

[...] a definição do governo não se refere de modo algum ao território. Governam-se coisas. Mas o que significa esta

expressão? Não creio que se trate de opor coisas a homens, mas de mostrar que aquilo a que o governo se refere é não um território e sim um amplo conjunto de homens e coisas (FOUCAULT, 2007d, p. 282).

Ao operar nesse registro, não estou dizendo que não exista um governo de Estado, apenas digo que ele faz mais que gerir um território. Ou, de forma mais enfática, talvez estejamos assistindo a uma “governamentalização do Estado”, uma multiplicação das atividades de governo do Estado conduzidas por uma racionalidade governamental. Essa racionalidade é explicitada quando o Estado “descobre a economia e faz da população o seu principal objeto” (VEIGA-NETO, 2000, p 181). Em face disso, podemos notar que ocorreu uma progressiva estatização das ações de governo, fazendo outro uso do próprio poder. “Assim, é graças ao seu caráter microscópico e ‘pervasivo’ que o poder se torna quase invisível e, por isso, ainda mais efetivo” (VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p. 952).

Com esse entendimento mais microscópico do poder, que tende a mostrar que as práticas de governo são mais sutis, pois “gerir a população significa geri-la em profundidade, minuciosamente, no detalhe” (FOUCAULT, 2007d, p. 291), começo a utilizar o conceito de *governamento* para me referir a essas práticas mais minuciosas.

[...] parece-nos mais apropriado usarmos a palavra *governamento*, e não *governo*, para designar todo o conjunto de ações de poder que objetivam conduzir (governar) deliberadamente a própria conduta ou a conduta dos outros ou, em outras palavras, “que visam estruturar o eventual campo de ação dos outros” (Foucault, 1995, p. 244). Com isso, deixamos a palavra *governo* para designar tudo o que diz respeito às instâncias centralizadoras do Estado e usamos *governamento* para designar todo o conjunto de ações – dispersadas, disseminadas e microfísicas do poder – que objetivam conduzir ou estruturar as ações (VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p. 952).

Posicionando-me junto a esses entendimentos de *governamento*, chego até o conceito de *governamentalidade*, que indiretamente tentei ir mostrando no jogo das capas do caderno Vestibular/ZH. Por

governamentalidade, estou considerando uma multiplicidade de práticas de governo que tomam como alvo uma população e tomam os saberes da economia como estratégias de ação. De forma mais clara, valho-me da explicação de Foucault (2007d) desse conceito, ainda que a citação seja mais uma vez longa:

Com essa palavra quero dizer três coisas:

1. O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permite exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança.
2. A tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, 10 sobre todos os outros – soberania, disciplina etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes.
3. O resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado (FOUCAULT, 2007d, p. 291-292).

Tomando a governamentalidade como um conjunto de práticas de governo que se dá no detalhe, minuciosamente, podemos pensar o liberalismo como um dos modos de pensar as estratégias de governo. Entendo o liberalismo não como uma doutrina política ou econômica, mas como um conjunto de práticas que se dão em dois níveis: no nível do sujeito e no nível da população (VEIGA-NETO, 2000). De forma mais simples, pode-se argumentar que a racionalidade liberal é movimentada por um racionalismo econômico extremo, “que vê o mercado não apenas como um mecanismo superior de alocação para a distribuição de recursos públicos escassos, mas também uma forma superior de economia política” (PETERS, 2002, p. 212).

Ao longo das últimas décadas, esses modelos de Estado têm entrado em crise, seja em suas vertentes socialistas, seja em suas possibilidades ligadas ao Estado de Bem-Estar Social. Governava-se demasiadamente, o que se considerou como uma prática anti-econômica e bastante trabalhosa. Estamos

assistindo, então, a uma reconfiguração das formas de governamentalidade, marcada pelo refinamento de suas estratégias. Esse novo liberalismo, neoliberalismo, numa perspectiva foucaultiana, “consiste no deslocamento e na sutílização de técnicas de governo que visam fazer com que o Estado siga a lógica da empresa, pois transformar o Estado numa empresa é muito mais econômico – rápido, fácil e lucrativo” (VEIGA-NETO, 2000, p. 198).

É no contexto desse novo liberalismo que se constitui o sujeito universitário visibilizado pelos enunciados de Vestibular/ZH. Um universitário produtivo economicamente, capaz de administrar sua vida pessoal e profissional em uma lógica empresarial, uma lógica de mercado. Esse sujeito toma a si mesmo como alvo de investimentos capazes de potencializá-lo para manter-se ativo no mercado de trabalho. O sujeito produzido e produtivo nas paisagens neoliberais “é aquele que é capaz de participar competindo livremente e que é suficientemente competente para competir melhor fazendo suas próprias escolhas e aquisições” (idem, p. 199-200). Com isso, nas cinco primeiras estratégias descritas, tramadas pela governamentalidade neoliberal como fio condutor (o estar na universidade como uma conquista – a lógica concorrencial; a escolha da profissão como demanda do mercado; a formação permanente como ação planejada; a empregabilidade como condição de atividade no mundo do trabalho; e a responsabilidade social), o sujeito universitário é interpelado a produzir-se em uma cultura de empresa. Universitário S/A! Na próxima movimentação analítica, finalizo esta dissertação apresentando algumas táticas colocadas em movimentação na materialidade investigada que sustentam e potencializam as estratégias aqui descritas.

6. DA GESTÃO DAS CONDUTAS E SUAS TÁTICAS

As políticas pós-modernas são estratégias administrativas
(LYOTARD, 1996, p. 180).

A condição de investigador que procura mostrar os regimes de governamentalidade de um determinado tempo é marcada por uma atenção às práticas. Entender como as condutas de determinados sujeitos são conduzidas, primando por um olhar pelas exterioridades, talvez implique um mapeamento não apenas das estratégias que são potencializadas, como mostrei na seção anterior, mas também das táticas que mobilizam e põem em ação esse processo que estou nomeando de governamentalidade neoliberal. Sendo que a própria noção de poder passa a ser entendida como “um domínio de relações estratégicas entre indivíduos e grupos que entre si tecem jogos de conduta que decorrem segundo a regra invariante da governamentalidade” (Ó, 2003, p. 34), considereii produtivo para este momento tornar visíveis algumas das táticas que vejo movimentando-se nas capas de Vestibular/ZH. Como precaução metodológica, ao procurar pelos jogos de conduta, preciso fazer duas considerações: primeiro, que as táticas operam em conjunto, colocando em ação determinadas estratégias, e, posteriormente, que a separação entre as táticas foi desenvolvida pela ênfase em determinados aspectos, o que fez com que, em alguns momentos, a classificação fosse meramente didática.

Interessa dizer que a administração contemporânea das subjetividades tem se caracterizado pelo menos por três aspectos, tal como explica Nikolas Rose (1999). A primeira caracterização seria que, cada vez mais, as capacidades pessoais e subjetivas das pessoas têm sido agregadas aos

interesses e aos projetos públicos. A segunda caracterização remete à idéia de que “a administração da subjetividade tem se tornado uma tarefa central da organização moderna” (ROSE, 1999, p. 32). A terceira, decorrente das anteriores, é que temos assistido ao aparecimento de um conjunto de novos especialistas das subjetividades: terapeutas de várias ordens têm povoado os diferentes campos sociais com a intenção de administrar as condutas dos sujeitos. Entretanto, ainda cabe destacar que os próprios sujeitos são chamados a gestionar suas subjetividades, levando para o interior destas um dos princípios das democracias liberais.

Os cidadãos de uma democracia liberal devem se regular a si próprios; os mecanismos de governo constroem-nos como participantes ativos em suas vidas. Não se pensa mais que o sujeito político seja motivado meramente por um cálculo de prazeres e de dores. O indivíduo não é mais, naquilo que concerne às autoridades, meramente o possuidor de capacidades físicas a serem organizadas e dominadas através da inculcação de padrões morais e hábitos comportamentais (ROSE, 1999, p. 43).

No limite, podemos entender que as estratégias e as táticas de governamento das subjetividades operam infiltrando-se, minuciosamente, no “processo de regulação no interior mesmo de nossa existência e experiência como sujeitos” (ROSE, 1999, p. 43). Seguindo as pistas de Foucault e de alguns de seus comentadores, entendo que o sujeito universitário constituído nas tramas do neoliberalismo emerge como “um empresário de si mesmo”. Aponta-se, especialmente no neoliberalismo americano, uma generalização da forma empresarial em todos os regimes de condução das condutas (GORDON, 1991). No jogo da empresa, entendido como princípio organizador das sociedades neoliberais, a condição de sujeito é vista como “assumindo a forma de uma espécie de individualismo que envolve moldar a vida da pessoa como a empresa de si mesmo” (PETERS, 2002, p 221).

Explorando um pouco mais expressões como “empresa”, “cultura de empresa” ou mesmo “jogo da empresa”, nota-se que elas passam a constituir todo um vocabulário pedagógico e psicológico da contemporaneidade.

Elas fornecem, ao mesmo tempo, uma análise da mudança e uma prescrição para ela: a educação é um setor-chave na promoção da vantagem competitiva econômica nacional e na prosperidade nacional futura. No passado, houve uma ênfase demasiada nos objetivos sociais e culturais e uma ênfase insuficiente nos objetivos econômicos dos sistemas educacionais. Daqui para diante, devemos investir pesadamente na educação como a base para um crescimento econômico futuro, redesenhando os sistemas educacionais de forma que atendam às necessidades do comércio e da indústria. O imperativo econômico é o que predomina (PETERS, 2002, p. 222).

Observa-se, então, na descrição dos processos educativos do neoliberalismo americano feita por Peters, que a educação exerce uma função central como base para o desenvolvimento econômico, o grande imperativo das sociedades. Nos cenários de uma administração das subjetividades e de um empresariamento de si, a outra grande noção, associada a estas, que ganha visibilidade é a de “gestão”. Há uma pulverização discursiva dessa palavra (gestão cultural, gestão alimentar, choque de gestão, gestão corporativa, etc.) em diferentes espaços sociais. Utilizo essa noção como elemento articulador das táticas que descreverei neste capítulo. Aponto como táticas de condução das condutas dos sujeitos universitários a gestão dos corpos, a gestão dos tempos, a gestão das carreiras e a gestão das mentes. Pretendo constituir, neste momento, um campo de visibilidades para essas táticas.

6.1. Gestão dos corpos: um universitário de sucesso

No jogo de administração das subjetividades contemporâneas, o corpo não é esquecido. Pelo contrário, ele continua recebendo atenções, talvez de outra ordem. O corpo passa a receber investimentos como uma ferramenta indispensável ao sucesso, na medida em que o sujeito é o gestor de si na manutenção das potencialidades de mercado, a nomeada empregabilidade. Os cuidados ao corpo do universitário têm partido de algumas noções terapêuticas (como excessos, distúrbios, cansaços ou esgotamentos), mas privilegiando a prevenção, o que talvez denote um cenário de regulação do corpo. Nikolas Rose

(2001) argumenta que a administração contemporânea das subjetividades tem feito com que as capacidades dos sujeitos sejam incorporadas às aspirações da própria gestão governamental. Um corpo saudável não se torna uma prerrogativa biológica, mas uma demanda por corpos aptos às conquistas individuais.

Nessas táticas de gestão dos corpos, ocorrem algumas diferenciações no tratamento dado ao corpo em relação aos modos como os modelos disciplinares modernos agiam sobre os corpos. O acento não é dado exclusivamente a um corpo quadricularmente disciplinado.

O corpo paradigmático não é mais o corpo mudo forjado pelas disciplinas, mas o corpo e a alma marcados e falados pelos signos, pelas palavras, pelas imagens (os logos das empresas) que se inscrevem em nós de acordo com o mesmo procedimento de máquina de Na Colônia Penal de Kafka: gravando suas palavras de ordem na pele dos condenados (LAZZARATO, 2006, p. 107).

Há, enfim, alguns deslocamentos nos modos como os corpos são tratados na contemporaneidade. O eixo passa da disciplina para a gestão do corpo. Um corpo tende a funcionar como uma máquina predisposta para o sucesso no mercado de trabalho. Os fragmentos logo abaixo começam a traçar um campo de visibilidades para essa tática.

Nesta etapa do ano, podem **aparecer os primeiros sintomas de cansaço e esgotamento mental**. Os primeiros **sintomas** são o **sono exagerado e distúrbios do apetite**. Há quem coma demais e quem esqueça de se alimentar. **Não é hora de ficar doente ou deixar o corpo fraquejar**. Uma visita ao médico pode tranquilizar o vestibulando.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 559, 27 de junho de 2007)

- **O vestibulando deve evitar qualquer mudança na vida neste momento**. É importante **não brigar com o namorado, não acertar contas com os irmãos, não começar dieta** e, de preferência, **não se apaixonar** – brinca o professor Ênio Kaufmann, do curso Unificado.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 533, 03 de janeiro de 2007)

As táticas operantes na gestão do corpo dos sujeitos universitários procuram administrar os detalhes da vida desses indivíduos, cuidando até de

seu sono e de sua alimentação. As capas das edições começam a apontar os roteiros preparatórios para a última semana anterior ao vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tido como o mais disputado deste Estado. Cuidados com o corpo, como o sono exagerado e os distúrbios de apetite, são apontados não apenas como cuidados com a gestão da vida dos sujeitos, mas como percursos para se obter êxito em um determinado objetivo. A procura de um médico opera como elemento tranquilizador para uma melhor preparação do estudante. As vidas dos estudantes em processo preparatório para a UFRGS devem ser regidas no detalhe.

A capa a seguir coloca a gestão do corpo com outra ênfase, a questão dos pecados capitais dos sujeitos em preparação para um grande concurso vestibular. Aponta algumas posturas perigosas para quem busca a aprovação.

ZERO HORA

Vestibular

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 2007 - Nº 582

ULBRA Saúde
uma rede de
quatro hospitais e
11 unidades
ambulatoriais no
Rio Grande do Sul.



GALA
É a pressa de passar. Vestibular se faz não para ser aprovado, mas não passar. Essa frase icônica já criou ansiedade e apatia, afetando o desempenho.

✓ O caminho é estudar com regularidade, planejamento e organização. A aprovação é resultado de um processo. Para isso, é necessário aprender a controlar a parte emocional. Vestibular se faz até passar, e que não sempre seja na primeira tentativa.



VAIDADE
Temer que não seja você, mas sempre há vestibulando que se acha o "babo-tudo". Muitos candidatos inteligentes e bem-formados são vítimas da vaidade. Ao superestimar seu domínio sobre o conteúdo, não estudam corretamente o que realmente sabem. Por isso, esse pecado, muitas vezes, afeta aqueles menos capazes, mas entusiasmados, chegando lá, como na história da corrida da lula com a tartaruga.

✓ A humildade não anda, no estudo, mas procura, em todo o processo, estudo, e o caminho para a glória.



PREGUIÇA
É o pecado com mais seguidores. E foi também aquele com que o professor William Douglas mais se identificou em sua época de vestibulando e concursando.

✓ O que de faz? Sempre faça o que devia ser feito. E quando se lançassem despregado e se não gasta, logo mandava a preguiça embora para seguir estudando.



INVEZIA
Assimete quando o vestibulando fica vigiando a vida, os ratos e as coisas boas dos outros. Quem cai nesse pecado gasta energia emocional com algo que não traz resultado. Atropela qualquer coisa, não aprende o estudo.

✓ Para sair dessa, é preciso pensar na própria vida, sem fazer comparações com os desempenhos dos outros. Quem reclama e se acha vítima não avança.

Pecados que podem tirar a vaga

Confira as posturas mais perigosas para quem busca a aprovação no vestibular

LEIBOLD BORGES

Talante pouco raras para os principais vestibulares de verão no Estado, é hora de parar e pensar. O que você faz para de errado que ainda pode ser consertado? Onde estão os pecados?

Acresce, vestibulando pode pensar e não. Afinal, se trata de um mortal como qualquer outro. Para tentar salvar as almas dos leitores, o caderno Vestibular foi arrojado que arrastou os Sete Pecados Capitais de quem pretende uma vaga no Ensino Superior.

Nessa busca, como que um enviado do bem, o caderno Vestibular encontrou um especialista em concursos e vestibulares que para, por sua vez, escreveu sobre isso, faz literal no Rio de Janeiro, professor e autor de vários livros sobre como passar em vestibulares e concursos públicos, William Douglas gosta de analogias entre essas duas experiências, encontrou cada um dos famosos pecados em posturas muito perigosas para quem busca aprovação.

Algumas das associações são óbvias, como a preguiça. Não precisa explicar o que significa isso para quem está se preparando para o vestibular. Outros, como a gula, podem despertar curiosidade. Seria comer demais e passar mal durante a prova?

Com a possibilidade de ter sido aprovado em diversos concursos, sempre aos primeiros colocações, Douglas alerta para alguns equívocos os armadilhas. Mas ele não se coloca acima de qualquer pecado. Não, o professor confessa que foi um pecador também.

— Alguém que passou por todos os sete, talvez não seja da avoada por não ter muita graça e também por sempre ajudar os outros colegas. O da gula é o que mais apara, e confesso que também caiu nele. Mas logo percebi que tinha de sacrificar um pouco do lazer por algo maior — afirma o professor.

leiboldborges@zerohora.com.br



IRA
É quando o vestibulando explode ou dramatiza com o conteúdo, as dificuldades com a família, com a matéria. Nesse momento, não adianta ficar triste, ficar chateado, com raiva, não é bom. Coloque energia fora.

✓ É preciso se organizar, lutar a cabeça no lugar, sempre pensar que é um processo, que terá uma penitência. Uma dose certa de lazer e planejamento de estudo ajudam a evitar essa explosão de raiva.



LUXURIA
Talvez o maior pecado. Veja não o lazer exagerado, ao contrário, os passeios, as baladas e tudo o mais que é divertido, mas que não tem tempo para estudar e treinar.

✓ Para bem, também não é bom acabar com tudo o que dá prazer. A receita é equilibrar estudo e lazer. Isso exige maturidade. Saber abrir mão de um pouco de diversão agora por um objetivo maior. Administrar bem o tempo e saber estabelecer as prioridades é essencial para chegar à aprovação.



AVARIZIA
Esse pecado pode ter duas manifestações. Ven quando o candidato economiza nos investimentos necessários para ser aprovado. Vale a pena estudar os melhores livros, cursos e aulas? Vale a pena pagar no que vale mais? Comprar um livro que pode ajudar nos estudos ou gastar o mesmo valor em uma rede de festa?

✓ A outra manifestação é achar que guardar o que se sabe vai fazer diferença. Saiba que vestibulando pode, sim, ajudar o colega de lado quando empresta material, anima, explica uma matéria que o outro não entende. Para o professor William Douglas, o jovem não deve ficar preocupado com o concorrente quando se é um bom vestibulando. O verdadeiro inimigo é a banca examinadora.

Fonte: professor William Douglas
www.williamdouglas.com.br

NESTA EDIÇÃO CONFIRA DICAS E TESTES DE ESPANHOL Páginas central e 6

Figura 7

Apresentando-se cada um dos “sete pecados capitais” vinculados às formas como os sujeitos universitários se preparam para determinada prova, coloca-se um novo condicionante para a tática de gestão do corpo: a culpa. Apesar dos anjinhos que povoam a capa, não há perdão. O próprio sujeito é responsabilizado e culpabilizado pelos seus modos de preparação. Na proposta de gestão das emoções, sensações ou sentimentos dos sujeitos em uma mídia

imprensa de caráter diário, faz-se visível um deslocamento para a constituição de públicos. Lazzarato (2006) explica que a regulação corporal destes tempos se move com ações a distância, como as mídias, por exemplo.

Agora que as técnicas disciplinares estruturam-se fundamentalmente no espaço, as técnicas de controle e de constituição de públicos colocam em primeiro plano o tempo e suas virtualidades. O público se constitui através de sua presença no tempo (LAZZARATO, 2006, p. 75).

Os modos de constituição das subjetividades nas sociedades de controle passam a ser exercidos a distância e movimentam-se por espaços não convencionais. Produzir um universitário, sob esse registro, não fica circunscrito a uma universidade ou a uma escola, mas opera sob modulação em inúmeros espaços. Não se parte da premissa de um sujeito escolarizado disciplinado, mas procura-se observar a multiplicidade de táticas e de estratégias que potencializam sua constituição. Essa proliferação de táticas tende a não se fixar em identidades sólidas. Como essas táticas operam minuciosamente, “as subjetividades tendem a ser produzidas simultaneamente por numerosas instituições em diferentes combinações e doses” (HARDT; NEGRI, 2002, p. 353). Os fragmentos abaixo começam a mostrar como a gestão dos corpos dos sujeitos universitários multiplica-se por inúmeros espaços possíveis (família, espaços de lazer, salas de aula de cursinhos pré-vestibular, etc.).

Sábado

* **Descanso é a melhor dica do dia** Procure **uma atividade que lhe dê prazer**, como andar de bicicleta, ouvir música, ler, caminhar ou nadar. **Manter-se ocupado ajuda a baixar a ansiedade natural da véspera.**

* Se preferir, assista as pré-aulas oferecidas pelos cursinhos. **Ficar ao lado de colegas e professores** nesta hora pode ajudar.

* **Durma cedo para acordar bem disposto.** É bobagem querer estudar neste dia. Se decidir revisar conteúdo antes da prova, **prefira acordar uma hora mais cedo no domingo.**

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 533, 03 de janeiro de 2007)

Domingo

- * Garanta o **despertador**, com **tempo marcado suficiente** para chegar ao local de prova às 7h30min, uma hora antes do início do exame.
- * **O café da manhã é indispensável.** Coma **exatamente o que você está acostumado.** Não vá para a prova em jejum. **Uma alimentação leve e completa é mais indicada.**
- * Pense que **o vestibular não é a solução de sua vida**, mas apenas um teste, uma etapa **a ser vencida com tranquilidade.**
- * Leia a prova e pule as questões mais difíceis. Comece pelos testes mais fáceis e **vá aumentando o nível de dificuldade.**
- * **Não se desespere** com as questões que não souber responder. Por mais difícil que seja o curso para o qual você se inscreveu, é possível se classificar sem gabaritar qualquer uma das provas. **Trabalhe com concentração e calma para fazer o máximo possível.**

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 533, 03 de janeiro de 2007)

Dizer que a gestão do corpo se movimenta por uma multiplicidade de espaços não implica pensar que essa tática esteja afixada às funções sociais de determinadas instituições. Gostaria de destacar dos fragmentos acima os modos como o tempo de lazer ou o nível de ansiedade são tratados sob um regime individualizado. Os sujeitos são interpelados a administrar seus corpos, tornando-os produtivos para o sucesso em sua vida pessoal e profissional. A gestão do corpo opera mais próxima do controle e da regulação do que da disciplina.

6.2. Gestão do tempo: um universitário flexível

A tática de gestão do tempo colocada em circulação por Vestibular/ZH parte da perspectiva de que é preciso aprender a conciliar o tempo de lazer com o tempo de estudo, conseguindo priorizar o segundo. O sujeito é convocado a administrar racionalmente seu tempo, medindo as possibilidades e perseguindo prioridades. Considerando que, na cultura do novo capitalismo (SENNETT, 2006), não há longo prazo, o estudante é responsabilizado pela obtenção de resultados rápidos em um tempo marcado pela flexibilidade. Flexibilidade no sentido de saber adaptar-se a circunstâncias variáveis. Na nova configuração capitalista, a organização do tempo faz-se importante, visto que os trabalhadores operam no circuito do “flexitempo” (SENNETT, 2001), em que “o circuito de trabalho é um mosaico de pessoas trabalhando em horários diferentes, mais individualizados” (idem, p. 66). Um

tempo flexível e produtivo é aquele que convida os sujeitos universitários a ingressarem no jogo neoliberal.

Um dos modos pelos quais a tática de gestão do tempo é mobilizada refere-se ao entendimento de que é preciso escolher prioridades. O fragmento a seguir começa a constituir um primeiro campo de recorrências.

Luxúria

Talvez o maior **pecado**. Veja nela o **lazer exagerado**, as viagens, os passeios, as baladas e **tudo o mais que é delicioso, mas que tira tempo para estudar e treinar**.

Pois bem, também não é bom acabar com tudo o que dá prazer. **A receita é equilibrar estudo e lazer**. Isso exige maturidade. Saber abrir mão de um pouco de diversão agora por um **objetivo maior**. **Administrar bem o tempo e saber estabelecer as prioridades é essencial para chegar à aprovação**.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 562, 18 de julho de 2007)

Escolher as prioridades encaminha para uma perspectiva individualizada que se movimenta no campo das escolhas. O sujeito universitário escolhe o que é melhor para si; nesse jogo de escolhas, na medida em que deseja obter sucesso em sua vida profissional, opta por ter cuidados com o tempo de lazer, entendido como um tempo sem aproveitamento. Um pecado. Ao optar por tempo de diversão, passeios ou festas, o sujeito é interpelado a sentir-se culpado, pois, apesar de a lógica desse tempo operar sob a égide da flexibilidade, há um sistema de regulação em movimento. As tramas de poder dessa regulação começam a tornar-se mais nítidas no fragmento abaixo, que mostra um conjunto de possibilidades de planejamento para o uso do tempo.

Março, abril e maio

Planejamento e organização

Planeje a sua estratégia de estudos. Isso envolve a **escolha** do colégio, do cursinho, a **definição do local de estudo em casa e as horas de lazer**. **Calcule o tempo** dedicado às aulas, ao estudo em casa, prevendo deslocamentos, atividade física e descanso. **Elabore um horário e siga à risca todos os dias**. Em pouco tempo, você estará adaptado ao novo ritmo e tudo ficará mais fácil. Eleja uma atividade física que você possa **manter a regularidade, economizando tempo**. O lazer deve ser mantido, mas **faça seus pais e seus amigos entenderem que você tem um objetivo**.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 559, 27 de junho de 2007)

O fragmento acima prescreve uma receita de aproveitamento do tempo para os meses de março, abril e maio. Visto que o estudante realizará suas provas do concurso vestibular somente em dezembro, pode-se notar como essa gestão do tempo planeja praticamente todo o ano desse sujeito. Essa gestão do tempo pressupõe uma rotina de atividades, pois busca regularidades. Tais regularidades evidenciam-se em expressões como “seguir à risca”, “economizando tempo” ou “calcule o tempo”. A ocupação do tempo do sujeito implica uma otimização, na medida em que os amigos e familiares são convocados a entender que o estudante tem um objetivo. Para gerir bem o tempo, é preciso deixar as metas claras.

As ferramentas de uso diário, como jornais e internet, também operam na otimização do tempo dos pretendentes a universitários.

- As pessoas não acreditam que alguém sem acesso à Internet e egresso da escola pública como eu possa estudar na UFRGS. **O meu segredo foi a atualização. Só perdi cinco edições do jornal durante o ano** – contou, em reportagem de capa do caderno Vestibular.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 550, 25 de abril de 2007)

A universidade online é opção de quem precisa trabalhar ou mora longe da instituição. Em 2006, alunos como Nelson fizeram **o ensino à distância crescer 91%** no país somente na graduação e na pós-graduação, conforme o anuário da Associação Brasileira de Ensino à Distância (Abed), divulgado na semana passada.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 548, 11 de abril de 2007)

O primeiro fragmento mostra a situação de um estudante que ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul lendo diariamente as edições do jornal *Zero Hora*. Primeiramente, indica os modos como o próprio jornal se coloca na condição de fonte de informação suficiente para um estudante e, dessa forma, não deixa de movimentar-se como um “guia de consumo” (RODRIGUES, 2008). Em segundo lugar, indica uma nuance da gestão do tempo em que, para aproveitar bem o tempo, é preciso ter uma atualização permanente – até mesmo ler um livro ou uma revista deve ser produtivo a esse processo preparatório. O outro fragmento também mostra modos permanentes de estudo e formação. A edição que apresentou tal fragmento destinava-se a mostrar os benefícios de uma educação a distância,

prática que, conforme a capa, cresceu 91% no Brasil. A capa a seguir mostra essas indicações.

ZERO HORA
Vestibular
PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2007 - Nº 548

Atuação em educação, saúde, tecnologia e comunicação em 47 municípios de seis estados brasileiros.

ULBRA
UNIVERSIDADE LUIZ DE BRASÍLIA

“ Acesso o computador de cinco a seis vezes por dia, onde quer que eu esteja. Isso resulta em cerca de três horas de estudo por dia. Não pode ser menos que isso. Caso contrário, não dá para acompanhar o curso. ”

Nelson Iba, 48 anos, vendedor e aluno da UFRGS

Aluno à distância

UFRGS lança o terceiro curso de graduação online no Estado

LÍCIA MORA

No primeiro dia de aula, a turma gastou boa parte do tempo discutindo o preconceito. Sesi que somos ser o mesmo reconhecimento do mercado com um diploma à distância? Esta foi a principal questão na estreia do curso de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em outubro passado. Hoje, o volume de trabalho e o envolvimento dos estudantes transformou o meio em entusiasmo.

— Acendo que o aluno à distância será até mais valorizado. Ele aprende a buscar soluções e não fica na sala de aula conversando e esperando a matéria do professor — diz o vendedor Nelson Iba, 48 anos, que encontrou no seu laptop o caminho para chegar ao diploma da UFRGS.

Desde 1999, quando era carpinteiro na Inglaterra o aluno da faculdade pela primeira vez, Nelson esperava pela oportunidade de voltar aos estudos. Já via o sonho da graduação se diluir por duas vezes, sempre por compromissos profissionais. O releitor também é árbitro internacional no esporte e precisa viajar muito.

— Já assisti ainda no aeroporto de Miami (EUA), na Finlândia, no Chile, na Itália e em muitos outros países. Tenho ainda duas vezes por semana, mas estudo todos os dias. É muito penoso — diz o coordenador de arbitragem de Vela do Rio 2007.

A universidade online é opção de quem precisa trabalhar ou mora longe do município. Em 2006, alunos como Nelson tiveram o ensino à distância crescer 91% no país somente na graduação e no pós-graduação, conforme o anúncio da Associação Brasileira de Ensino a Distância (Abed), divulgada na semana passada. Com dados de Ministério da Educação, o levantamento aponta

A Região Sul passou a ter o maior número de alunos (33%), seguida pelo Sudeste (31%)

O número de alunos no ensino à distância em cursos credenciados pelo Ministério da Educação cresceu 54% (778 mil pessoas). Na graduação e no pós-graduação, o aumento foi de 91%

Fonte: Associação Brasileira de Ensino a Distância (Abed)

ainda que, neste período, a Região Sul teve o maior número de alunos (33%). Somente a UFRGS inaugurou no ano passado 15 polos de ensino à distância para os cursos de Pedagogia e Administração.

— Recebemos cerca de 10 ligações por dia para dar informações sobre novos vagas — diz Cecília Rodrigues, estagiária de Arquivologia que atua de secretária do curso de Administração da UFRGS.

A grande procura e as avaliações de alunos e professores mantêm a universidade. O programa piloto dos cursos é um novo caso entra neste semestre (veja na página 2).

— A luta agora é obter os cursos com direito da universidade para que possam ser semestrais e oferecidos anualmente, no curso de educação à distância da UFRGS.

! Leia mais na página 2

NESTA EDIÇÃO Confira dicas e testes de biologia. Páginas central e 6

Figura 8

A capa acima mostra o caráter produtivo dos cursos de educação a distância devido à racionalização do uso do tempo. Com a manchete “Educação a distância”, a capa mostra em um porto, dentro de um veleiro, um

homem de aproximadamente 40 anos, vestindo bermudas e camisa pólo, que está com um *notebook* em seu colo. Dá-se a idéia de que ele esteja estudando dentro do veleiro. Na continuidade da leitura da capa, está uma afirmação sua dizendo: “Acesso o computador de cinco a seis vezes por dia, onde quer que eu esteja. Isso resulta em cerca de três horas de estudo por dia. Não pode ser menos que isso. Caso contrário, não dá para acompanhar o curso”. A capa indica uma tática de racionalização e otimização do tempo. Não basta acessar seu computador apenas uma vez ao dia, é preciso cinco ou seis vezes!

Para visibilizar essa tática, apresento um último fragmento que faz referência aos dois estudantes gaúchos que foram aprovados no vestibular do ITA, um dos mais valorizados processos seletivos do país. Os dois estudantes foram convidados pelo jornal a construir o quadro de sugestões abaixo apresentado, o que leva a compreender o título da reportagem: “Como eles fizeram”.

Como eles fizeram

Para quem quer seguir o mesmo caminho, os estudantes Augusto Van Den Eeden Claas e Thiago Cardoso da Costa **dão algumas dicas**. Confira:

- * **Acredite em você mesmo**: é preciso confiar na aprovação e se dedicar a ela. É difícil ser aprovado quando se tem medo da prova.
- * **Organize uma rotina de estudos**: um curso especializado é considerado essencial pelos dois estudantes para garantir a aprovação, mas é preciso também estudar por conta própria. Os dois alunos dedicavam em média doze horas diárias ao estudo.
- * **Estude em grupo**: dividir as dúvidas e os anseios com colegas que estejam se preparando para o mesmo concurso fortalece a preparação intelectual e ajuda na motivação mútua.
- * **Se você domina algum assunto, se proponha a ensinar seus colegas**: quando você tem de explicar para outra pessoa um conteúdo, aprende a sistematizar melhor os conhecimentos e pode descobrir eventuais lacunas no aprendizado diante das perguntas dos outros.
- * **Escolha um local adequado para o estudo**: estudar em casa pode atrapalhar a concentração, pela facilidade em se distrair com computador, telefone ou conversas paralelas de família. Procure um local tranquilo.
- * **Converse com sua família**: diante da pressão e do estresse da prova, o apoio da família é fundamental para a motivação.
- * **Reserve um tempo para o lazer**: pelo menos num dia por semana, guarde tempo para fazer outras coisas, como namoros e passeios.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 535, 10 de janeiro de 2007)

Considero que esse fragmento opera não apenas ensinando como preparar-se para uma prova ou como otimizar seu tempo. Mostra que não basta apenas estudar e que é preciso administrar-se para ter uma série de condutas em diferentes espaços e com diferentes grupos culturais. Além de receitas de condutas, rotinas de práticas a serem seguidas ao preparar-se para uma prova ou mesmo prescrições de como alcançar um caminho de sucesso, esse conjunto de prescrições produz muito mais do que um disciplinamento – produz regimes de governmentação. Isso porque dispõe de tal modo da vida desses estudantes que eles são conduzidos não a um bem comum, “mas a um objetivo adequado a cada uma das coisas a governar. O que implica, em primeiro lugar, uma pluralidade de fins específicos”, ou seja, no caso aqui analisado, como constituir-se como estudante universitário, como preparar-se para uma prova, como relacionar-se com a família, como ocupar o tempo de lazer, etc. Significa não só passar no vestibular e entrar em uma faculdade, mas aprender a submeter-se às dinâmicas de cada curso para tornar-se um estudante que, ao atuar de uma determinada forma, se tornará um profissional que atuará sob determinadas condições.

6.3. Gestão das carreiras: um universitário em autoformação permanente

A questão do trabalho nas configurações da sociedade capitalista tem produzido inúmeros deslocamentos acerca dos entendimentos modernos sobre essa noção. Há muito as pesquisas sociológicas mostram os elevados índices de desemprego, as sobrecargas de atribuições para um indivíduo permanecer no seu emprego ou pelo menos manter-se empregável e até os novos modos de gestão empresarial do trabalho e do capital. Em sintonia com este tempo de mudanças, o caderno Vestibular/ZH potencializa algumas táticas que tendem a gerenciar a formação dos sujeitos universitários, orientando-os a permanecerem ativos nesta “sociedade das capacitações” (SENNETT, 2006). No limite, as táticas mobilizadas por esse material operam no sentido de mostrar modos possíveis de aproximar trabalho e lazer, regulando, dessa maneira, a formação para uma autoformação flexível e permanente.

O grande desafio posto aos sujeitos que buscam espaço no mercado de trabalho é a forte tendência de manter-se desempregado, ou “o fantasma da inutilidade” (SENNETT, 2006). O sociólogo Richard Sennett explica que, na cultura do novo capitalismo, há uma preocupação em separar a mão-de-obra útil daquela que deverá ficar temporariamente nos imensos contingentes de reserva. Outra preocupação está no caráter individualizante dos processos de seleção, que, em “seleções de talentos”, tendem a criar critérios excessivamente subjetivos e passam a fazer comparações pessoais.

As comparações odiosas entre as pessoas tornam-se profundamente pessoais. Nessa seleção de talentos, são deixados no limbo os considerados carentes de recursos internos. Já não podem ser considerados úteis ou valiosos, não obstante o que realizaram (SENNETT, 2006, p. 120).

Esses critérios apontados por Sennett como excessivamente subjetivos tendem a fazer significativas aproximações entre trabalho e lazer. Quanto mais prazerosa for a atividade para o sujeito, maiores condições este terá de planejar sua carreira. Cabe lembrar que esse planejamento das carreiras opera em campo de flexibilidades; dessa forma, não se trabalha com o longo prazo. A capa a seguir apresenta alguns desses aspectos.



Figura 9

A capa acima apresenta como temática central as práticas dos intercâmbios de estudantes com outros países. A imagem principal da capa mostra em um parque dois jovens (um homem e uma mulher) posando para uma fotografia em meio a duas pessoas fantasiadas de super-heróis. Ao fundo, aparecem dois banners com imagens de heróis de filmes infantis. A legenda da imagem indica: “Leonardo Pan (de bermudas) passou cinco meses trabalhando nos Estados Unidos, mas teve tempo para conhecer o país e se divertir”. Para adquirir experiências em outro país, o universitário não procurou qualquer país aleatoriamente. Procurou aquele que lhe oportunizasse um conjunto de

experiências profissionais, associadas ao domínio de outro idioma, mas também priorizou espaços de diversão. A ideia de vincular experiências profissionais com diversão faz-se visível na próxima capa.



Figura 10

A manchete da capa apresenta uma composição interessante, “Games viram *profissão*”. Os jogos eletrônicos, produto de desejo de adolescentes e jovens, podem tornar-se não apenas uma fonte de renda, mas também uma carreira profissional. A reportagem de capa mostra um curso superior em Jogos Digitais. Ao longo do texto, dois estudantes relatam suas

experiências em outros cursos, assim como o quanto têm prazer em estar estudando nessa área. Os fragmentos a seguir trazem duas perspectivas da capa que fazem do prazer uma prerrogativa da gestão das carreiras na contemporaneidade.

Fascinados por videogames desde a infância, Felipe Silveira Pedroso, 20 anos, e Rodrigo Scharnberg, 24 anos, **pretendem ganhar dinheiro** com o que, para ele, sempre foi uma **diversão**. Os dois serão os primeiros alunos formados pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, no curso de Jogos Digitais/Ênfase em Desenvolvimento de Jogos e Entretenimento Digital.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 555, 30 de maio de 2007)

- Na primeira turma, ingressaram 20 alunos, mas **boa parte desistiu** porque entrou pensando que se tratava de curso voltado ao design de jogos. Agora estamos orientando quem nos procura **sobre o foco**, que é o desenvolvimento, a programação – comenta o coordenador Christian Hofsetz.

Foi justamente **o foco exclusivo em games** que fez o porto-alegrense Rodrigo Scharnberg abandonar o segundo ano do curso de Ciência da Computação para prestar vestibular em Jogos Digitais.

- **Antes eu não gostava das aulas, mas as disciplinas do novo curso começaram a fazer sentido para mim. Acho que para ser um bom profissional, além de gostar de programação, tu tens que ser um apaixonado por jogos. É pré-requisito até na hora da contratação** – afirma.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 555, 30 de maio de 2007)

As táticas de gestão das carreiras tramam-se em um cenário de precarização do trabalho. Incentivam buscar novos desafios, assim como buscar prazer nas atividades profissionais, sem perder de vista que as noções de emprego estável e carreira planejada estão em um rápido processo de deslocamento. A política da gestão das carreiras diz que há trabalho para todos, basta qualificar-se permanentemente. Hardt e Negri (2002) explicam que, nos tempos de Império, “quanto mais desregulado for o regime de exploração, mais trabalho haverá. Esta é a base sobre a qual as novas segmentações de trabalho são criadas” (HARDT; NEGRI, 2002, p. 359). A política imperial do trabalho implica um gerenciamento microadministrativo dos sujeitos e de suas possibilidades de trabalho (carreiras).

6.4. Gestão das mentes: um universitário conectado

Além da gestão dos tempos, das carreiras e dos corpos, encontro

um conjunto de outras táticas, agora ligadas à gestão das mentes. Em um tempo em que as práticas de governo partem da formação de públicos (LAZZARATTO, 2006), as ações à distância (mente a mente) que um jornal potencializa tornam-se produtivas. Ao produzir enunciados na ordem da livre escolha, Vestibular/ZH cria um campo de possibilidades para seus leitores, o que passa pelas tramas de poder contemporâneas. Nesses espaços, “as relações de poder se expressam pela ação a distância de uma mente sobre outra, pela capacidade de afetar e ser afetado dos cérebros, mediados e enriquecidos pela tecnologia” (idem, p. 76). Adaptar-se a um novo ritmo apresenta-se como um imperativo de vida que faz muito mais do que gerir um tempo ou um corpo, movimentando-se no campo de aproximação das subjetividades de um público. Para tanto, o referido material vai constituindo um repertório de sugestões, das quais priorizarei o pensar em rede, os modos de estudar e o controle emocional.

A capa a seguir apresenta algumas caracterizações do modo de pensar em rede proposto pelo caderno Vestibular/ZH.

ZERO HORA

Vestibular

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 1º DE AGOSTO DE 2007 - Nº 564

ULBRA 33 ANOS EM PRESENTE EM SUA VIDA

Conheça na última página deste caderno

ULBRA UNIVERSIDADE LITORAL DO SUL

APRENDA a estudar

O fim das férias de julho anuncia que está chegando a hora de adotar um método de aprendizagem para as provas de verão

UMA FÉRIA

Estudar não é colecionar livros na estante. Nem passar o dia inteiro tralhalando no quarto lendo anotações. Estudar é fazer relações entre os conteúdos. Foi o que Renato Geringer Radici, 20 anos, descobriu este ano, no segundo vestibular, ao qual foi aprovado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

— Eu tive de responder a questões. Mas não sabia coisa, principalmente no meu jeito de estudar. Passei a revisar a matéria em um só lugar e a usar palavras-chaves que me ajudam a lembrar das coisas — conta.

Renato decidiu ser aprovado este ano. Queriu realmente conquistar uma vaga na Administração da UFRGS. E a cidade, Estrelinha e estrada trabalhando muita terra. Camarões. Estivendo fora, assistindo a jogos e estudando toda a matéria, com alguns dias de descanso.

Estudar certo garante menos desistência. O problema é que não existe um jeito certo, mas existem. Seja qual for a sua maneira de estudar, o conteúdo vai exigir organização em si só. Isso mesmo. Como um computador, é possível desenvolver um jeito de lidar os conteúdos e chegar ao objetivo.

— Sempre é capaz de absorver todo o conteúdo do vestibular. A memória é importante e útil, mas em um momento de pressão, como a prova, ela pode falhar. O jeito mesmo é fazer relações para chegar a uma conclusão — diz a professora Marlene Prigalli, diretora do Colégio Santa Rosa de Lira, de Porto Alegre.

Para preparar vestibulandos, a escola desenvolve um grupo de apoio para ensinar a estudar, destacando a tarefa de "pensar em rede", por meio da construção de unidades de aprendizagem, que levam os alunos ao questionamento e à pesquisa. O trabalho mostrou a turma e sua sendo apresentado desde 2004, no Salão de Iniciação Científica da UFRGS. Mas, além de descobrir o método, o candidato tem de saber o que, quando, onde e por que estudar.

— Se for possível obter um alto rendimento, sem ter de renunciar a todos os prazeres da vida, então não tememos o que nos queixar dele — escrevem Fábio Ribeiro Mendes, aprovado em duas vestibulares da UFRGS (Odontologia e Direito) e autor do livro *Vestibular 2006*.

■ lucca@vestibular.com.br

O mapa acima foi elaborado por alunos do Colégio Santa Rosa de Lira, de Capital, e apresentado no Salão de Iniciação Científica da UFRGS, sob coordenação da professora Fernandina Albuquerque

O que é pensar em rede?

Estudar e aprender fazendo relações. O método se utiliza de mapas conceituais em unidades de aprendizagem, que favorecem as conexões mentais e levam o aluno a organizar o conhecimento, fazendo relações, ampliando conexões e fazendo ligações entre os diferentes conceitos. Conheça o método para a construção de um mapa conceitual.

Passo a passo para construir conhecimento

- Identifique os conceitos-chaves de conteúdo que irá estudar e coloque-os em uma lista. Lembre-se de anotar o número de conceitos.
- Ordene os conceitos, colocando-os mais gerais no topo. Gradualmente, vá completando a relação, em ordem decrescente.
- Conecte os conceitos com linhas e retorne essas linhas com um ou mais palavras-chaves que mostrem a relação entre os conceitos.
- Exemplos podem ser agregados, entretanto, os conceitos correspondentes.
- Concluído, o primeiro mapa terá servido para e alguns conceitos (ou grupos de conceitos) estarão mal situados em relação a outros que estão mais relacionados.
- Talvez neste ponto você já comecou a imaginar outras maneiras de fazer o mapa, outras formas de organizar os conceitos. Não há um único modo de fazer um mapa. Na medida em que mais ou menos compreende, só as relações entre os conceitos, ou a medida que você aprende, seu mapa também muda. Ele é um instrumento dinâmico, que reflete o crescimento de quem o fez no momento em que o faz.

NESTA EDIÇÃO DICAS E TESTES DE FÍSICA Páginas central e 6

Figura 11

Essa edição de Vestibular/ZH propõe-se a ensinar um método de estudo. Segundo Lazzarato (2006), a contemporaneidade tem mostrado outros modos de condução das condutas dos sujeitos. Um pouco diferente das políticas modernas de gestão das vidas, a biopolítica (no sentido foucaultiano), atualmente temos visto um deslocamento de ênfase nas práticas de controle. O alvo agora seriam as mentes, uma noopolítica na qual o objetivo é aproximar subjetividades na constituição de públicos específicos. O sociólogo explica que

as práticas noopolíticas operam em primeiro lugar sobre a atenção. Nesse sentido, “a modulação da memória será então a função mais importante da noopolítica” (LAZZARATO, 2006, p. 86). Retornando o olhar para a capa analisada, aponto que a ênfase dada pelo caderno se constitui como uma tática de aproximar as subjetividades de outro jeito de pensar. Os fragmentos abaixo dão continuidade a esse campo de regularidades.

Estudar não é colecionar livros na estante. Nem passar o dia inteiro trancado no quarto lendo anotações. **Estudar é fazer relações entre os conteúdos.** Foi o que Renan Gorgen Radici, 20 anos, descobriu este ano, no terceiro vestibular, no qual foi aprovado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

- **Eu tive de reaprender a estudar.** Mudei muita coisa, principalmente no meu jeito de estudar. **Passei a reunir o conteúdo em um só lugar e a usar palavras-chave que me faziam lembrar das coisas** – conta.

Renan decidiu ser aprovado este ano. Queria realmente conquistar uma vaga na Administração da UFRGS. E a obteve. **Estudando e ainda trabalhando meio turno. Como? Evitando festas, assistindo a aulas e estudando todas as noites, com folgas nos finais de semana.**

Estudar certo garante bom desempenho. O problema é que não existe um jeito certo, mas muitos. Seja qual for a sua maneira de estudar, **o método vai exigir pensamento em rede.** Isso mesmo. Com um computador, é possível desenvolver um jeito de ligar os conteúdos e chegar ao objetivo.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 564, 01 de agosto de 2007)

O que é pensar em rede?

É estudar e aprender fazendo relações. O método se utiliza de **mapas conceituais** em unidades de aprendizagem, **que favorecem os processos mentais** e levam o aluno a integrar o conhecimento, **fazendo relações, ampliando conteúdos e fazendo ligações entre os diferentes conceitos.** Conheça o roteiro para a construção de um mapa conceitual.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 564, 01 de agosto de 2007)

Expressões como “estudar não é colecionar livros na estante”, “estudar é fazer relações entre conteúdos” ou “eu tive de reaprender a estudar” apontam para os leitores do suplemento que, para atingir êxito nas carreiras, não basta estudar de qualquer modo. A contemporaneidade impõe novos modelos de estudo, que se aproximam de um pensar em rede. Entretanto, essa tática do pensar em rede também pensa os tempos e os corpos, visto que a ocupação e a produtividade dos horários de lazer são colocadas em pauta. Estudar fazendo relações é um modo flexível de se envolver com os

conhecimentos. Aliás, nota-se que, nessa configuração, o conhecimento perde um pouco da centralidade nos processos de estudo. Nesse pensar em rede, o que conta mais é o modo de estudo, é a competência de ser capaz de executar determinado tipo de pensamento. Dando continuidade ao gerenciamento dos modos de estudar, os fragmentos abaixo apresentam outras possibilidades.

Junho, julho e agosto

Leitura e muita saúde

Frio combina com leitura. **Abra espaço em seu horário para ler. As questões de atualidades do vestibular estão nas páginas de economia, política e cultura de jornais e revistas.** Busque a lista de obras literárias obrigatórias da instituição onde você irá prestar o vestibular, mas não se contente com o material. **Mantenha um dicionário a mão e leia tudo o que puder. O hábito lhe dará vantagem na interpretação de textos de outras disciplinas** e lhe trará argumentos para a redação.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 559, 27 de junho de 2007)

No time que inclui **o jornal como material de aula**, a professora de redação do Unificado Luisa Canella é a **campeã**. Para ela, **aluno alienado é aluno com poucas chances de ser aprovado**. E ler as notícias, para quem precisará escrever e demonstrar uma opinião, é o mais indicado.

- **O candidato precisará de argumentos** na hora da prova. Um detalhe de informação pode mudar um texto. **A universidade busca alunos conectados**, e a leitura do jornal significa **estar ligado ao mundo** – diz Luisa, indicando ainda a leitura diária dos editoriais.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 550, 25 de abril de 2007)

Ainda argumentando que as táticas de Vestibular/ZH operam ensinando modos de pensar, enfatizando os cérebros e, dessa forma, potencializando uma gestão das mentes, os fragmentos dão continuidade à gestão dos sujeitos e de suas possibilidades de trabalho. Os fragmentos mostram que os modos de pensar partem da perspectiva da atualização permanente. Dessa maneira, jornais e revistas podem tornar-se ferramentas básicas para os processos de estudo dos sujeitos. Com idéias como “a interpretação de textos é básica”, “a universidade busca alunos conectados” ou “aluno alienado não será aprovado”, o material considerado potencializa a atualização permanente através das diferentes mídias como modos de pensar produtivos.

Os fragmentos a seguir posicionam a terceira tática de gestão das mentes que gostaria de visibilizar: a regulação das emoções dos sujeitos como operação de gestão das mentes.

Gula

É a pressa de passar. Vestibular se faz não para ser aprovado, mas até passar. Essa **fome incontrolável**, ansiedade e apreensão, **afetando o desempenho**.

O remédio é estudar com regularidade, planejamento e antecedência. A aprovação é resultado de um processo. Para isso, **é necessário aprender a controlar a parte emocional**. Vestibular se faz até passar, o que nem sempre vem na primeira tentativa.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 562, 18 de julho de 2007)

Inveja

Acontece quando o vestibulando **fica vigiando a vida**, as notas e as coisas boas dos outros. Quem cai nesse **pecado** gasta **energia emocional** com algo que não traz resultado. Atrapalha qualquer coisa, não somente o estudo.

Para sair dessa, **é preciso pensar na própria vida**, sem fazer comparações com os desempenhos dos outros. **Quem reclama e se acha vítima não avança**.

(Fonte: Vestibular/ZH, Edição 533, 18 de julho de 2007)

Para quem busca o sucesso, não vale a pena ficar se culpando ou acompanhando o processo dos outros. Um universitário não pode perder o controle de suas emoções ou ficar vigiando a conduta. A tática operante joga com a perspectiva de que somente o sujeito é responsável pelo seu controle emocional, visto que para isso basta regularidade, planejamento e antecedência. A outra nuance dessa tática indica que o sujeito não pode fazer de si mesmo um obstáculo. É preciso vencer a si mesmo, extrapolar suas dificuldades, na medida em que “quem reclama e se acha vítima não avança”. No limite, a tática de gestão das mentes opera aproximando subjetividades, mostrando modos de pensar, formas de atualização e a necessidade do autocontrole (emocional). O mais importante é estar na rede, fazer parte do jogo. Estar conectado!

ÚLTIMA PÁGINA: A PESQUISA COMO CONTRACONDUTA

Para Foucault, a verdade da crítica não é final; é algo que deve sempre ser retomado (RAJCHMAN, 1987, p. 73).

Quando a pauta das comunidades científicas dirige seu intenso olhar para as práticas investigativas que se inspiram em referenciais foucaultianos, algumas questões tornam-se recorrentes, como, por exemplo, que tais investigações são descomprometidas politicamente, que tais investigações operam de maneira desconectada dos grandes dilemas políticos de nosso tempo, que tais pesquisas não constróem uma pauta de luta para aqueles que aspiram à emancipação ou até mesmo que tais pesquisas não operariam no campo da crítica, fomentando novas pautas para grupos políticos ou movimentos sociais, dentre outras conotações que, inclusive, apontariam para uma negligência com os saberes pedagógicos contemporâneos.

A priori, tais questões não me causam nenhum tipo de estranheza, nem mesmo mobilizam algum tipo de reação. Aliás, em mais de um momento, questões semelhantes a essas ou delas derivadas acompanharam-me na escrita desta dissertação. Afinal de contas, a quem se destina a investigação que produzi, que grau de utilidade poderia ser verificado em operar nos regimes de constituição de determinados sujeitos ou mesmo qual o potencial produtivo para o perigoso campo da educação? Entretanto, fui-me despedindo dessas questões, ora respondendo-as provisoriamente, ora abandonando-as, na medida em que fui intensificando minha aproximação com o referencial analítico que escolhi para esta jornada.

Alguns *insights* sobre a politicidade do fazer pesquisa neste campo teórico fui obtendo com a leitura de John Rajchman (1987), em especial, com aquilo que ele denomina de “dilema de Foucault”. O autor diz que esse dilema de Foucault estaria em permanecer no campo da crítica sem estabelecer proposições reformistas ou revolucionárias dirigidas para uma mudança social. As histórias desenvolvidas por Michel Foucault estariam afastadas de possibilidades teleológicas, nem mesmo estariam em harmonia com as grandes histórias sobre o capitalismo, a burocracia ou as classes sociais.

Em suma, parece não existir qualquer modo satisfatório de inserir a história de Foucault nos esquemas tradicionais da esquerda, ou fazer suas previsões do futuro ajustarem-se às esperanças socialistas. Além disso, o seu método de análise histórica profunda coloca-o numa posição intelectual sem reforma ou revolução para recomendar. E, no entanto, ele estava intelectualmente propenso a ver sua obra como uma contribuição para as lutas políticas de esquerda! É a isso que chamo o dilema de Foucault (RAJCHMAN, 1987, p. 46).

As análises desenvolvidas por Foucault operam em contraste com as teorizações sobre a revolução. Em teorias revolucionárias, há sempre a possibilidade de uma modificação radical nas sociedades, enquanto que, na analítica foucaultiana, se desenvolve uma “análise crítica não comprometida com qualquer esquema transformativo, seja ele qual for” (RAJCHMAN, 1987, p. 55). Essa postura pensa as questões políticas na ordem das contingências, assim, não busca organizar/iluminar classes ou organizações. Não postula um motor para a história, nem mesmo há sujeitos, histórias ou sociedades entendidas como modelos naturais que possam postular-se como agentes da mudança.

Dessa forma, entendo que as posturas intelectuais inspiradas nas teorizações foucaultianas operam sob outro regime, “as contracondutas”, conceito este inventado pelo filósofo no decorrer do curso “Segurança, População e Território”, no ano de 1978. Considero essa atitude investigativa como contraconduta, na medida em que ela faz o movimento contrário às posturas revolucionárias (e cientificistas), movimentando-se nesse mesmo campo. Diferencia-se, como explicarei a seguir, dos clássicos entendimentos de

resistência ou dissidência, pois não deixa de mover-se em direções múltiplas e vai criando novas possibilidades aos regimes predominantes.

Na aula de 1º de março de 1978, ao apresentar tal expressão, Michel Foucault argumenta que esse entendimento de contraconduta se constitui de forma mais produtiva que conceitos como inconduta ou dissidência, por exemplo. A opção por contraconduta refere-se à vantagem desse conceito em mostrar o sentido ativo da palavra “conduta”, assim como é um conceito que possivelmente não seria útil para eventos políticos, que muitas vezes tomam a face de uma santificação (como “os dissidentes”). No limite, seu entendimento aponta para a contraconduta “no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (FOUCAULT, 2008, p. 266). Entendo que tais posturas políticas (nominalistas ou pós-revolucionárias, como aponta Rajchman) se tornam produtivas no campo das pesquisas em educação contemporâneas, visto que esse campo se mostra atravessado por regimes de condutas que se movimentam na perspectiva de fazer dessas práticas espaços prescritivos para conduzir as pessoas a um estado cidadão.

Para explicar um pouco mais a relação que estabeleço entre as práticas investigativas e a emergência das contracondutas, apontarei três observações feitas por Michel Foucault na referida aula. A primeira delas visibiliza a perspectiva de que “há uma correlação imediata e fundadora entre a conduta e a contraconduta” (FOUCAULT, 2008, p. 258). As condutas e as contracondutas não operam em campos opostos, há uma imediata aproximação entre essas práticas. As contracondutas não são o “outro” das condutas, talvez apenas façam “infrações sistematizadas”, que são tratadas muitas vezes sob o regime da desordem. A segunda observação feita por Foucault é que as contracondutas têm uma especificidade não-autônoma, pois elas “são distintas das revoltas políticas contra o poder na medida em que ele exerce uma soberania” (FOUCAULT, 2008, p. 258). As contracondutas não possuem uma causa política de luta, porque, apesar de serem específicas, elas nunca permanecem autônomas. A terceira observação aponta para a idéia de que as

contracondutas agem “nas margens da instituição política” (FOUCAULT, 2008, p. 261). Ou seja, desde os séculos XVII e XVIII, as funções pastorais foram deslocadas das instituições religiosas e começaram a ser exercidas sob os regimes da governamentalidade.

Ao finalizar esta dissertação, passo a entender as práticas investigativas como práticas políticas de revolta com os cotidianos vividos, os cenários postos ou as verdades estabelecidas. Entretanto, tal como explicou Rajchman, mais uma vez reitero que essa prática política não opera no âmbito de prescrições, nem mesmo constrói utopias ou destinos previamente estabelecidos. Não se quer um “final feliz” para a história. Nem mesmo um final. Ao construir pesquisas aproximadas dessa configuração, as intenções são mais modestas. A produção de uma analítica implica produzir um diagnóstico do presente, mostrar as tramas do contemporâneo. Quando me refiro ao presente, entendo que este se aproxima daquelas “coisas que são constituídas em nossos procedimentos correntes de modo que não nos apercebemos que têm suas raízes no passado, e escrever uma ‘história’ desse presente é pôr a descoberto essa constituição e suas conseqüências” (RAJCHMAN, 1987, p. 53). Com essas possibilidades é que considero tais posturas como contracondutas; uma vez que se tramam no mesmo campo das condutas, elas não se constituem de forma autônoma e, ao mesmo tempo, operam às margens da instituição política. As pesquisas em educação sob inspiração foucaultiana podem operar no regime das contracondutas.

Das questões que foram me acompanhando na escrita desta dissertação, uma delas considero produtivo tratar neste momento: que contribuições esta pesquisa traria para o campo da educação (em geral) ou aos currículos escolares (em particular). Parece-me que tentar constituir algumas respostas para essa questão não é algo simples ou algo que está disponível no cenário da própria investigação produzida. Essa resposta passa pela arbitrariedade das escolhas do pesquisador e, principalmente, pelos referenciais que potencializam seus olhares para as correntes da vida e do pensamento

(parafrazeando Wittgenstein). Procurei traçar três rápidas respostas a essa inquietante questão.

A primeira resposta que constituo é de ordem metodológica. Ao desenvolver uma pesquisa nas exterioridades dos cadernos Vestibular/ZH, seja no momento inicial, em que operei com uma leitura dos enunciados, seja quando busquei mapear os regimes de práticas, minhas pretensões nunca passaram pelo entendimento de uma mídia em si ou de uma educação em si mesma. Pretendi analisar as contingências que marcam a historicidade do presente e traçar rápidas compreensões dessa materialidade. Com essas prerrogativas metodológicas, quis apresentar as mídias, os sujeitos universitários ou mesmo os processos educativos como criações “deste mundo” e, como tais, passíveis das tramas destes tempos em suas organizações, tempos e espaços. Parece-me que essas premissas se tornam úteis aos cenários educativos ao apontarem as escolas como criaturas deste mundo, desprovidas de uma essência humanizadora (ou quaisquer outras).

Outra possibilidade de resposta passa por tornar visíveis as históricas aproximações entre a educabilidade e a governamentalidade. Quando mostro alguns regimes de governo em uma mídia contemporânea, mostrando em mais de um momento sua potência no campo educativo (afinal, nunca perdi de vista que as mídias constituem pedagogias), talvez esteja apontando esses artefatos em operação articulada com o princípio comeniano da educabilidade (NARODOWSKI, 2001). As mídias também operam contemporaneamente no jogo educabilidade-governamentalidade (SILVA; FABRIS, 2008). Talvez se torne importante para as instituições escolares notar os regimes de intensificação das estratégias neoliberais de governamentalidade. Junto a isso, posso enfatizar os modos pelos quais o ideário da escola comeniana passa a ser deslocado das possibilidades de aprendizagem para as possibilidades de empregabilidade. Parece-me que, na contemporaneidade, o que tem recebido maior peso nas orientações curriculares são as competências, com ênfase naquelas que mantêm os sujeitos ativos nas tramas do mercado profissional.

Como terceira possibilidade de resposta para a importância desta pesquisa para a educação contemporânea, considero que se faz útil para as teorizações curriculares observar as lógicas empresariais que atravessam as práticas. Dirigir tais olhares não significa procurar por invasores ou, explicando melhor, considerar que haja um discurso pedagógico puro. Michel Foucault, em suas primeiras investigações, já nos mostrava que discursos não são entidades autônomas, mas que suas margens são povoadas intensamente por discursividades múltiplas. Entretanto, insisto na validade de tal reconhecimento, uma vez que os processos educacionais têm operado sob a égide de um novo conceito, o capital humano. Nesse campo de relações, intensificam-se as relações de governo das condutas, seja no nível dos indivíduos, seja no nível das populações. Essa teorização entende por capital humano (conceito atribuído ao economista Theodore Schultz nos anos 1950) o capital atribuído aos seres humanos em sua capacitação pessoal e profissional, funcionando como uma variável explicativa do desenvolvimento de uma sociedade. As regulações contemporâneas no campo dos currículos têm sido movimentadas por essas noções. Enfim, considero que esta pesquisa se torna produtiva para as discussões curriculares por entender que os processos educativos são deste mundo, por tornar visíveis algumas movimentações do jogo educabilidade-governamentalidade e por mostrar formas possíveis de atuação das teorias do capital humano nas tramas curriculares de nosso tempo.

Na medida em que entendo as práticas de pesquisas em educação como possíveis movimentos de contraconduta, como espaços mobilizadores de novas inquietações e incertezas, que abalam as certezas postas e desafiam o grande regime de verdade da ciência pedagógica moderna, acredito que continuar seja preciso. Para dar continuidade em estudos posteriores, derivo duas questões que neste momento aguçam minha curiosidade e, ao mesmo tempo, me estimulam a seguir pensando:

- 1) Uma primeira possibilidade de estudos que considero produtiva encontra-se em uma questão silenciada nos materiais que escolhi investigar nesta dissertação: a questão dos currículos escolares do Ensino

Médio. Inclusive, consigo notar, no período estudado, certo silenciamento das escolas e das suas possibilidades educativas, visto que a ênfase era atribuída aos cursos preparatórios, às empresas ou às universidades. Essa perspectiva implicaria estabelecer uma analítica da constituição curricular do Ensino Médio no Brasil no período entre 1996-2006, período marcado, como já foi referido, por uma intensificação da governamentalidade neoliberal. As proposições curriculares dão centralidade para a tríade tecnologia-trabalho-cidadania, onde me interessaria compreender que estratégias são aí potencializadas. Essa primeira possibilidade me permitiria avançar nos estudos foucaultianos, em especial, nas teorizações do final dos anos 1970, e também ingressar no campo dos estudos curriculares, temática que me trouxe ao curso de Mestrado, enfatizando o Ensino Médio (área na qual possuo um conjunto de experiências profissionais).

2) A outra possibilidade de estudos estaria vinculada a alguns desdobramentos visíveis nos próprios materiais investigativos com os quais trabalhei nesta dissertação. Gostaria de tomar como materialidade investigativa anúncios publicitários de universidades privadas do Rio Grande do Sul. Lazzarato, Sennett, Hardt e Negri, dentre outros, têm apontado para a relevância investigativa da publicidade na cultura do novo capitalismo. Essa segunda possibilidade colaboraria para que fosse mantida minha aproximação com as relações entre as mídias e a educação universitária nas culturas contemporâneas e também daria continuidade a estes estudos que iniciei no curso de Mestrado.

Para finalizar, gostaria de destacar que a produção desta investigação não buscou constituir novos programas de verdade para as ciências educacionais, nem mesmo desejou afirmar que as análises empreendidas ou o referencial teórico escolhido sejam os melhores, permitindo movimentações universais ou incontestáveis. O jogo investigativo aqui apresentado tem limites, tanto na ordem das possibilidades do investigador, quanto na própria analítica constituída. Gostaria que ele fosse lembrado como um espaço crítico, como diagnóstico do presente, reconhecendo que uma crítica

“não tenta fundar o conhecimento, dotar a teoria de uma justificação ou defender a Razão, mas possibilitar novos modos de pensamento” (RAJCHMAN, 1987, p. 105).

Fazer da crítica a possibilidade de novos modos de pensamento é o que considereei como fazer da pesquisa movimentos de contraconduta. Reações políticas ao cotidiano. Revoltas às pesquisas educacionais estabelecidas. Levo do curso de Mestrado e da escrita desta dissertação o aprendizado de que compreender as tramas do contemporâneo implica pensar nos limites, percorrer as exterioridades e, dessa forma, fazer do pensamento uma “interminável questão de liberdade” (RAJCHMAN, 1987, p. 106).

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998
- BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BELL, Daniel. O Advento da Sociedade Pós-industrial: uma tentativa de previsão social. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- BORGES, Jorge Luís. História Universal da Infâmia. Rio de Janeiro: Globo, 2001.
- BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e Política Cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 37-68.
- COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa V.; BUJES, Maria I. E. (orgs.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, p. 199-214.
- DEAN, Mitchell. Governmentality: power and rule in modern society. London: Sage, 1999, p. 9-27 (Tradução Ricardo Uebel).
- DELEUZE, Gilles. Política. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2007, p.209-226.

DELEUZE, Gilles. Michel Foucault. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2007a, p. 125-147.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DIAS SOBRINHO, José. *Educação Superior, globalização e democratização: qual universidade?*. Revista Brasileira de Educação. nº. 28, 2005. p. 164-173.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 9-76.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, estratégias de linguagem e produção e sujeitos. In: CANDAU, Vera M. (org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e no aprender*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001, p. 75-88

FISCHER, Rosa M. B. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa V. (org.). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001a, p. 39-60.

FISHER, Rosa M. B. *Foucault e a análise de discurso em Educação*. Cadernos de Pesquisa, n. 114, 2001b.

FISCHER, Rosa M. B. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa V. (org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 49-71

FONSECA, Márcio Alves. Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, População e Território*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Trad. Luís Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e Seleção de textos: Manuel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: Entrevistas*. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. São Paulo: Graal, 2000. p. 67-100.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007a.

FOUCAULT, Michel. Genealogia e Poder. In: *Microfísica do Poder*. Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007b, p.167-177.

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: *Microfísica do Poder*. Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007c, p. 1-14.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: *Microfísica do Poder*. Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007d, p. 277-293.

FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. In: *Microfísica do Poder*. Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007e, p. 153-166.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13ª ed. São Paulo, Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. 1995. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. É preciso defender a sociedade. In: FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 69-78.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da biopolítica. In: FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997a, p. 89-97.

FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia Poder-saber*. Organização e Seleção de textos: Manuel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. São Paulo: Artenova, 1977.

GALLO, Sílvio. *Modernidade/Pós-modernidade: tensões e repercussões na produção do conhecimento em educação*. Educação e Pesquisa, v. 32, n. 3, 2006, p. 551-565.

GARCIA, Maria Manuela Alves. *Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *Filosofia da Educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

GORDON, Colin. Governmental rationality: an introduction. In BURCHEL, G.; GORDON, C.; MILLER, P. (ed.) *The Foucault effect: studies in governmentality*.

- Chicago: The University of Chicago, 1991, p. 1-50.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2002.
- JANUÁRIO, Marcelo. *O olhar superficial: As transformações no jornalismo cultural em São Paulo na passagem para o século XXI*. São Paulo: USP, 2005. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 7-132.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC, 2001.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.
- LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: Ed. UNB, 1996.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- LYOTARD, Jean-François. *Moralidades Pós-Modernas*. Campinas: Papirus, 1996.
- MAROCCO, Beatriz. *Foucault e o Jornalismo*. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*. V. 5, n. 1, 2003, p. 91-102.
- NARODOWSKI, Mariano. *Comenius & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- NEVES, Clarissa Eckert Baeta. *Desafios da Educação Superior*. *Sociologias*. Porto Alegre, nº. 17, 2007. p. 14-21.

NIETZSCHE, F. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret, 1999.

Ó, Jorge Ramos do. O governo de si mesmo: Modernidade pedagógica e encarnações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX). Lisboa: Educa, 2003.

PETERS, Michael. Pós-Estruturalismo e Filosofia da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PETERS, Michael. Governamentalidade neoliberal e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 211-224.

RAJCHMAN, John. Foucault: a liberdade da filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

REVEL, Judith. Michel Foucault: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Sérgio. *Tendências contemporâneas do jornalismo cultural*. Disponível em http://www.bb.com.br/appbb/portal/bb/si/pbcs/rsm/Sergio_Rodrigues.jsp. Acesso em: 20 de março de 2008.

ROSSI, Rossana Cassanta. *Patrolando juventudes: o consumo na pauta do caderno Patrola*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

ROSE, Nikolas. *Como se deve fazer a história do eu?*. Educação & Realidade, nº. 26 (1), 2001, p. 33-57.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 30-45.

ROUDINESCO, Elisabeth. Filósofos na tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SANTOS, João de Deus. *Formação continuada: cartas de alforria & controles reguladores*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SANTOS, Luís H.; MEYER, Dagmar E.; OLIVEIRA, Dora; WILHELMS, Daniela. *De que realidade falam os anúncios de prevenção ai HIV/AIDS?*. Educação e Realidade, v. 30, n. 1, 2005, p. 141-167.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

SCHMIDT, Sarai Patrícia. *A educação nas lentes do jornal*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

SCHMIDT, Sarai Patrícia. *Ter atitude: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Juremir Machado da. O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C., FRANÇA, V. (orgs.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 171-186.

SILVA, Roberto R. D. da. *A Educação como uma Política Cultural: um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos*. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, UERGS, 2005. 72p.

SILVA, Roberto R. D. da; FABRIS, Elí T. Henn. O caderno Vestibular/ZH e o currículo da conquista. Anais do V Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 247-258.

SILVA JR., João dos Reis; SGUISSARDI, Valdemar. *A nova lei de educação superior: fortalecimento do setor público e regulação do privado/mercantil ou continuidade da privatização e mercantilização do público*. Revista Brasileira de Educação. nº. 29, 2005, p. 5-20.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia*. São Paulo: Loyola, 2002.

SOMMER, Luís Henrique. *A ordem do discurso escolar*. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, 2007, p. 57-67.

SOMMER, Luís Henrique. Tomando palavras como lentes. In: COSTA, Marisa V.; BUJES, Maria I. E. (orgs.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, p. 69-84.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luís H.; AZEVEDO, José C.; SANTOS, Edmilson (orgs.). *Identidade Social e construção do conhecimento*. Porto Alegre: SMED, 1997.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A Universidade Medieval*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VALADIER, Paul. *Inevitável Moral*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera (orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000, p. 179-217.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema,...* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000a, p. 37-69.

VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo ... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p. 13-38.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação. nº. 23, 2003, p. 5-15.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. *Inclusão e Governamentalidade*. Educação e Sociedade, v. 28, n. 100, 2007, p. 947-963.

VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história. 3ª ed. Brasília: Ed. Unb, 1995.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação. nº. 32, 2006, p. 226-237.